

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O acesso à universidade e o destino social de ex-alunos de cursinhos populares

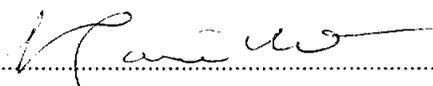
Autor: Cláudia Oliveira Souza

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Letícia Bicalho Canêdo

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por Cláudia Oliveira Souza e aprovada pela Comissão Julgadora.

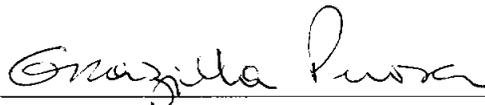
Data: 03/08/2009

Assinatura:.....

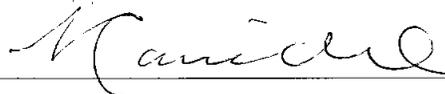


Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:







2009

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Souza, Claudia Oliveira
So89a O acesso a universidade e o destino social de ex-alunos de cursinhos Populares / Claudia Oliveira Souza. -- Campinas, SP: [s.n.], 2009.
Orientador : Leticia Bicalho Canêdo. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.
1. Ensino superior. 2. Escolarização. 3. Sociologia educacional. 4. Socialização. 5. Acesso ao ensino superior. 6. Mobilidade social. I. Canedo, Leticia Bicalho. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
09-173/BFE

Título em inglês : The access the university and the social destination of ex students of popular classrooms

Keywords: Higher education ; Schooling; Educational Sociology; Socialization; Access to higher education; Social mobility

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Leticia Bicalho Canêdo (Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Ana Maria Fonseca de Almeida

Prof^a. Dr^a. Graziela Serroni Perosa

Data da defesa: 03/08/2009

Programa de pós-graduação : Educação

e-mail : kau_os@yahoo.com.br

“Meu problema principal é tentar compreender o que aconteceu comigo. Minha trajetória pode ser descrita como milagrosa, acho eu – uma ascensão a um lugar de que não faço parte. Por essa razão, embora todo meu trabalho seja uma espécie de autobiografia, trata-se de um trabalho para pessoas que tem o mesmo tipo de trajetória e a mesma necessidade de compreender.”

Pierre Bourdieu

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eudes e Damiana, por acreditarem em mim e me apoiarem sempre, eles são o esteio da minha vida.

À professora Leticia Bicalho Canêdo pela orientação desse trabalho e, principalmente, por me desafiar a enfrentar questões pessoais e ousar uma sociologia reflexiva.

Às professoras Ana Almeida, Kimi Tomizaki e Graziela Perosa que compuseram a banca de qualificação e defesa contribuindo com as reflexões realizadas nesse trabalho.

Duas pessoas foram fundamentais nesse processo, Rô e Dani, como leitoras e interlocutoras, doando muito do seu tempo para ouvir minhas dúvidas, incertezas e inseguranças.

Às amigas de muitos momentos, Ana Paula, Mariana, Débora, Paula e Léia Obrigada pelos momentos de risos, pelo apoio nos momentos difíceis, a confiança e estímulo nos momentos de desânimo e desespero, vocês terão sempre um lugar especial na minha história.

Ao Murilo, amigo certo nos momentos incertos, sempre presente na minha vida mesmo estando longe.

Às novas companheiras que surgiram ao longo dessa caminhada, Adriana e Deomara.

Àqueles com os quais aprendi muito sobre a vida, sobre simplicidade e coragem. Sueli, sempre presente com seus quitutes e preocupação. Fábio Isaac, com sua sabedoria e paciência sempre pronto a me ouvir. Adriano, sempre me falando do quanto confiava na minha capacidade. Celso, com seu espírito inquieto e irreverente, sempre me contagiando de ânimo e alegria.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo financiamento que possibilitou a realização dessa pesquisa.

RESUMO

O trabalho de pesquisa apresentou como centro de interesse a trajetória de ex-alunos dos cursinhos pré-vestibulares populares, que surgiram no Brasil, a partir dos anos 1990, propagando a abertura de possibilidade de obtenção de títulos escolares para os grupos sociais conhecidos nas estatísticas oficiais como “de baixa renda”. A proposta se sustentou na indagação sobre a atual situação social dos indivíduos que passaram por estes cursinhos, ultrapassaram as barreiras do vestibular, vivenciaram os cursos de graduação e estão hoje atuando como profissionais diplomados. O objetivo foi pensar que não se tratava somente de levar em consideração a conjuntura histórica e política do prolongamento da escolarização das classes populares (a expansão do sistema de ensino e as políticas públicas em prol dos menos favorecidos), mas também pensar e recuperar as propriedades sociais presentes e mobilizadas pelos indivíduos para identificar quais foram às configurações que possibilitaram essa trajetória e quais os efeitos dela.

Palavras-chave: Acesso a universidade – classes populares- cursinhos populares

ABSTRACT

This present work focussed on the trajectory of former students from university preparatory popular courses that have taken place in Brazil since 1990. The courses are believed to promote a open-door opportunity for some social groups of getting educational degrees, specially among the so called “low incomers people” by the official statistics. The research was droven by the question about the current social situation for those who were enroled on that courses, overcame the public examinations to access the university, experienced its atmosphrere and courses, and are now working as graduate professionals. The main goal of this work was to think and investigate a supposelly less evident aspect of such courses, beyond of considering it not only as a extension of the process of education of working classes, on a cenary of a new political and historic contexts (to expand the educational system and public polices aimed to those living in poverty), but also to think and recover the social properties mobilized by the individuals to identify what were the configurations that turned possible their trajectory and its effects on their lifes.

Key words: university access, working classes, popular courses

SUMÁRIO

Introdução	01
Capítulo I	
Prolongamento da escolarização e o surgimento de cursinhos populares.....	11
A família e a escola.....	14
Cursinhos populares e os filhos da democratização escolar.....	21
Capítulo II	
Os órfãos do cursinho.....	29
A comunidade “Órfãos do cursinho DCE UNICAMP.....	30
O <i>Orkut</i> como instrumento de pesquisa.....	32
As postagens no fórum.....	34
Os órfãos do cursinho DCE desenhados no “Perfil”.....	43
Capítulo III	
Após o cursinho DCE.....	49
Os dados estatísticos.....	51
A entrada na universidade.....	55
As incertezas da inserção profissional.....	61
Conclusão.....	69
Bibliografia	75
Anexos.....	77

INTRODUÇÃO

A pesquisa “O acesso a Universidade e destino social de ex-alunos de cursinhos populares” tem como centro de interesse os cursinhos pré-vestibulares populares que se multiplicaram no Brasil, a partir dos anos 1990, propagando a abertura de possibilidade de obtenção de títulos escolares para os grupos sociais conhecidos nas estatísticas oficiais como “de baixa renda”. A proposta se sustenta na indagação sobre a atual situação social dos indivíduos que passaram por estes cursinhos, ultrapassaram as barreiras do vestibular, vivenciaram os cursos de graduação e estão, hoje, atuando como profissionais diplomados.

O interesse pelo tema tomou corpo a partir do trabalho que realizei para a Iniciação Científica, intitulado “Os sentidos da militância na criação e implementação do cursinho DCE-Unicamp” (2005), no qual foram esboçados alguns dados referentes à abertura do acesso ao ensino superior, ao estudar o grupo responsável pela fundação do primeiro cursinho popular da cidade de Campinas. Como ex-aluna desse cursinho nos anos de 2000 e 2001, durante a realização da pesquisa a minha atenção voltou-se

para os muitos ex-alunos que retornaram ao mesmo como professores após o acesso a universidade. Enquanto aluna do DCE, já havia notado esse movimento. Contudo, a questão tomou uma proporção maior, impelindo-me para ir além do cursinho, após entregar o texto de minha iniciação científica. Além de pensá-lo como porta de entrada para a universidade procurava respostas à seguinte indagação: qual seria a trajetória dos ex-alunos ao concluírem suas graduações? De certa forma esta era uma preocupação pessoal, estando eu às vésperas da finalização do curso universitário, mas acabou se tornando um interesse científico.

Dentro dessa preocupação, procurei entrar em contato com a bibliografia sobre o assunto, detendo-me, inicialmente, sobre a política de “democratização” dos sistemas de ensino. Por meio do trabalho de Eliezer Pacheco e Dilvo Ristoff (2004), publicado pelo MEC/INEP, foi possível visualizar uma abordagem mais centrada no acesso de estudantes ao ensino superior, colocando o acréscimo do número de estudantes como indicador principal da “democratização”. O texto, com base em dados do MEC/INEP/Daes, discute as metas de expansão das matrículas no setor público para 40% até o ano de 2010 propostas pelo Plano Nacional de Educação (PNE), e o interesse do setor público em matricular, até este ano, 30% da população na faixa etária de 18 a 24 anos, com a recomendação básica de que esses estudantes necessitam ser recrutados de grupos desfavorecidos, pois a participação entre jovens oriundos de grupos da classe trabalhadora tem permanecido, persistentemente, baixa. Com o interesse voltado para objetivos quantitativos de sucesso escolar, como que querendo transformar a frequência do sistema de ensino em um fim nele mesmo, o jogo político dos indicadores apresentados parece ser o de assimilar a igualdade de chances ao aumento do número de alunos dentro da escola, pois não encontrei

incluídos nesses dados estatísticos os efeitos do afluxo à universidade de estudantes menos favorecidos economicamente, que era o caso do meu projeto de pesquisa. Ora, tal afluxo deveria ter acarretado mudanças significativas no acesso aos cursos e entre as disciplinas.

Considerava que pensar as formas de recrutamento à educação universitária seria de grande importância para o entendimento do que ocorre concomitantemente a expansão do acesso à educação superior, isto é, com o aparecimento dos cursinhos pré-vestibulares populares, que constituem, hoje, a via de acesso mais utilizada por grande parte dos indivíduos das classes populares que ingressaram na universidade.

Entretanto, sobre o ingresso de ex-alunos de cursinhos populares na universidade, a bibliografia encontrada é mais restrita (Portes, 2001; Zago, 2006 e 2007) e, em grande parte, está voltada para a militância na implementação desse espaço no cenário nacional. Escritas por militantes da causa, pessoas diretamente ligadas aos cursinhos, tais obras sublinham um discurso de exaltação desses projetos cuja luta nasce na inclusão dos menos favorecidos nas universidades, questionando a forma neoliberal de pensar e projetar a política educacional. Aparentemente, trabalhos como o de Pablo Gentili e Gaudêncio Frigotto¹ devem influir nesses discursos de exaltação, tendo em vista as numerosas citações desses autores na bibliografia da maior parte dos trabalhos sobre cursinhos populares, em geral ligados ao mito da escola libertadora, alimentados na idéia da ascensão social pelo simples acesso a estudos de longa duração que a freqüência à escola pública proporcionaria. . Ora, Gentili e Frigotto, por terem se dedicado às críticas ao neoliberalismo, têm seus

¹ GENTILI, Pablo (org.). *Pedagogia da Exclusão: Crítica ao neoliberalismo em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995. FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a Crise do Capitalismo Real*. São Paulo: Cortez, 1995.

trabalhos voltados para a problemática da “destruição da escola pública” pelas políticas públicas desenvolvidas pelos dirigentes governamentais .

Mais restrita ainda encontrei a bibliografia sobre a trajetória dos ex-alunos dos cursinhos populares, motivo de minhas preocupações intelectuais. A pesquisa realizada por Wilson Mesquita (2006) sobre a utilização dos recursos e espaços da Universidade de São Paulo (USP) por um grupo de estudantes com desvantagens econômicas e educacionais foi um dos que considerei interessante, por sair da criação dos projetos e sua função para focar a trajetória de alunos atendidos, pela universidade. A pesquisa buscou verificar como ocorreu o processo de socialização no ambiente familiar; a reconstrução da trajetória de ingresso e o trânsito no ambiente universitário mediante a apreensão do cotidiano, da adaptação à linguagem acadêmica, da realização dos afazeres, além do contato com indivíduos de origem similar bem como de outros estratos sociais.

Mas foi quando entrei em contato com os trabalhos de *Stéphane Beaud*, em especial o “80% au bac...et après? *Lês enfants de la démocratisation scolaire*”, que trata do prolongamento da escolarização na França, em razão de políticas públicas elaboradas para isso, a partir da trajetória de estudantes dos meios populares ao ensino superior, que encontrei o enfoque que gostaria de dar a minha pesquisa. Stéphane Beaud, por meio de uma longa pesquisa de campo, levada a efeito durante dez anos (1990-2000), coloca em destaque a ambivalência da chamada “democratização”. Para tal, ao traçar o percurso de filhos de operários, procura mostrar que a democratização escolar aumentou a representação de estudantes de classes populares nas escolas secundárias francesas e no ensino superior, fazendo com que grande número de jovens se tornasse detentores de diplomas. Entretanto a

pesquisa mostra também que essas promoções escolares se tornaram ilusórias, pois com o passar do tempo os indivíduos descobriram que essa certificação escolar só dava acesso a diplomas menos valorizados, e como tal inoperantes sobre o mercado de trabalho concorrido por formações reconhecidas como mais nobres, tanto no acesso aos empregos privados, quanto aos empregos públicos. Dessa maneira, o autor demonstra, por meio de trajetórias precisas construídas em meio a longas entrevistas que realizou com filhos de trabalhadores da Peugeot em um bairro popular, o processo de desqualificação das esperanças advindos da posse desses diplomas, e da decepção amarga que, à grande escala, vem se tornando socialmente nefasto ao exigir, junto ao aumento no nível de formação como forma de promoção social, um custo psicológico importante, muitas vezes dramático, em razão das fragilidades enfrentadas no prolongamento da escolarização.

A obra impressiona pelo trabalho etnográfico realizado e pela precisão das análises e das escolhas dos instrumentos de pesquisa – diversidade dos lugares e pluralidade dos métodos (questionário, entrevistas aprofundadas, observação participante) e da reflexão metodológica apoiada na sociologia de Pierre Bourdieu e Jean Claude Passeron. Assim, durante esta leitura e relendo alguns artigos de Pierre Bourdieu (1981, 1999) comecei a indagar com mais fineza sobre que instrumentos de pesquisa usar para pensar o destino dos ex-alunos de cursinhos populares, que vem crescendo no Brasil desde a década de 90, após a passagem pela universidade.

Foi em meio a essas reflexões proporcionadas pela leitura bibliográfica que encontrei no *site* de relacionamentos, *Orkut*, uma comunidade intitulada “Órfãos do cursinho DCE Unicamp”, onde se agrupava uma quantidade significativa de ex-alunos do cursinho e dela, muito entusiasmada, passei a fazer parte também,

estabelecendo o primeiro contato com o destino de muitos dos que se intitulavam “órfãos”.

Veio daí a ideia da utilização do *site* de relacionamentos, *Orkut*, como a de um meio fácil para entrar em contato com a população de interesse para realização da pesquisa, identificar e selecionar os que poderiam fazer parte de uma amostra que visava à compreensão dos fatores sociais que repercutem nos sucessos educativos, as pressões econômicas e o impacto que o alargamento da base de recrutamento dos grupos sociais, oriundos de meios populares desfavorecidos trouxe para suas famílias. Da idéia, parti para a produção de um questionário a ser enviado aos membros da comunidade como procedimento inicial para a pesquisa de campo.

A PESQUISA REALIZADA

O trabalho realizado logrou o levantamento, por meio da comunidade do *Orkut* “Órfãos do cursinho DCE Unicamp”, dos ex-alunos interessados em participar da pesquisa. A seleção do grupo para estudo foi feita com base em respostas positivas obtidas na forma de abordagem, que versou sobre o interesse possível em participar de uma pesquisa acadêmica sobre os ex-alunos do cursinho, realizada via o site de relacionamentos na comunidade órfãos do cursinho.

A primeira investida resultou em 13 respostas. Um novo apelo obteve mais 15 respostas positivas, que somadas às anteriores totalizou 28 indivíduos. Esse número me deixou muito satisfeita e baseada nessas 28 respostas foi enviado um questionário com questões sobre o ingresso no cursinho e na universidade, escolarização dos pais e

avós, ocupação dos pais, apreciação da família sobre a chegada à universidade e a trajetória pós-universidade (ver anexo 1). As respostas recebidas do questionário enviado, embora somente de parte desses ex-alunos que compunham a comunidade, me ajudaram na construção de uma amostra que localizou socialmente os indivíduos, considerando suas propriedades sociais e de sua família, e serviu de base para o desenvolvimento posterior da pesquisa. Ao mesmo tempo em que aplicava os questionários comecei a perceber que o número de membros da comunidade havia diminuído, de 609 membros para 578 em menos de um ano. Isso também me levou a pensar sobre a participação e frequência das pessoas cadastradas na comunidade. Nessa era digital são muitos os grupos e listas virtuais dos quais se faz parte, nos quais se é cadastrado, mas isso não significa concretamente que exista uma participação ativa dentro desses grupos. Por isso, resolvi fazer uma terceira investida, visitando o “perfil”, ou seja, a página pessoal dos membros do site de relacionamentos, *Orkut*, que contém nome, *e-mail*, gênero, estado civil, opção sexual, formação política, livro preferido, além de uma foto ou imagem identificando o membro. Nessa abordagem, mais individual, repetiu-se à solicitação de participação e o interesse da pesquisa. Com essa tática obtive mais 15 voluntários, totalizando, no final, 43.

Ao decidir utilizar a comunidade do *Orkut*, “*Órfãos do cursinho DCE Unicamp*” como instrumento de pesquisa, pensava, apenas, numa forma conveniente de encontrar os ex-alunos do DCE e poder fazer contato para coleta de dados para a pesquisa. Entretanto, em meio a esse processo de contatar os indivíduos fui percebendo, nas mensagens deixadas, muitas informações interessantes sobre a passagem pelo cursinho e o ingresso na universidade. Mais uma vez com a ajuda de

Stephane Beaud (2005)², apoiada nesse livro, baseado na correspondência eletrônica entre ele e um jovem que lhe escreveu após a leitura de “80% au bac...et après”?, cujos os e-mails comovem ao revelar os diversos tipos de sofrimento psicológicos e sociais, sentimento de ilegitimidade no espaço acadêmico, o estranhamento das práticas culturais que são vivenciados pelos membros das classes populares, percebi que a comunidade no *Orkut* poderia me dizer muito mais do que aquilo que eu já havia retirado de lá.

A partir disso, a comunidade virtual se configurou num espaço muito importante para observação, propiciando um rico material para um campo exploratório, ao ir além da possibilidade de contatar os ex-alunos para coletar dados a serem trabalhados de maneira estatística. As mensagens e relações estabelecidas no espaço virtual transportava uma série de informações sobre a passagem pelo cursinho DCE Unicamp, as amizades, as vivências e o ingresso na universidade.

Os dados obtidos por meio do *Orkut* e dos questionários confirmaram a hipótese de que o problema do acesso aos cursos superior não estava limitado na conjuntura histórica e política do prolongamento da escolarização de grupos populares (a expansão do sistema de ensino e as políticas públicas em prol dos menos favorecidos) ou nas políticas universitárias de integração desses grupos na cultura dominante. Importava, pois, antes de tudo, pensar e recuperar várias técnicas de pesquisa para entender as propriedades sociais presentes e mobilizadas pelos indivíduos que se expunham neste site de relacionamento para tentar identificar configurações que possibilitaram a trajetória diferenciada rumo aos estudos

² BEAUD, Stéphane e AMRANI, Younes. “*Pays de malheur!*”. *Un jeune de cité écrit à un sociologue*. Paris, La Découverte, 2005.

superiores e os efeitos dela. Para tal, o *Orkut* não se mostrou suficiente, mesmo tendo sido um importante ponto de partida. Assim, além da pesquisa detalhada na comunidade Órfãos do cursinho DCE Unicamp, duas outras operações foram realizadas: uma observação de caráter etnográfico para poder apreender e entender aspectos das relações estabelecidas no interior de um cursinho popular; entrevista realizadas com 5 indivíduos ex-alunos visando responder lacunas encontradas.

Em resumo, a pesquisa contou com os seguintes procedimentos:

- levantamento da trajetória de indivíduos que passaram pelo cursinho popular DCE UNICAMP, utilizando o *site* de relacionamentos *Orkut* como forma de contato;
- construção de uma amostra das opções dos cursos selecionados pelos ex-alunos dos cursinhos nas diversas universidades e da localização social e profissional;
- estudo do efeito do trabalho realizado pelos cursinhos na experiência universitária e inserção na vida social e profissional;
- entrevistas com cinco ex-alunos escolhidos a partir da amostra elaborada com os dados dos questionários e do *Orkut* e que foi classificada em grupos levando em consideração a semelhança entre as características dos indivíduos.

A análise de todo este material heterogêneo levou a esta dissertação que está dividida em três capítulos. No primeiro, que foi o último a ser escrito, procurei tratar da atmosfera particular feita de angústias escolares e familiares, incertezas e crenças no futuro que contornaram o percurso dos pesquisados até a chegada no cursinho DCE. Este capítulo ainda inclui a história de fundação do cursinho DCE Unicamp, e o que pensam os professores que o fundaram e o fazem existir com o seu trabalho

O segundo capítulo busca entender o significado que esse cursinho teve na vida de seus ex-alunos e na conquista de uma vaga na universidade. Desenha, por

meio da análise da comunidade órfãos do cursinho DCE Unicamp, no *Orkut*, o papel do cursinho na trajetória desses, em especial os efeitos de uma pedagogia que tende a expor alunos mal preparados escolarmente, e vindos de uma cultura mais popular, a uma sucessão de atividades intensivas, reguladas e controladas capazes de inculcar, de maneira aparentemente desinteressadas, disposições valorizadas pela cultura dominante. Melhor dizendo, uma descrição dos métodos pedagógicos, definições de cultura e do uso do tempo que sustentam um trabalho rápido de adaptação às exigências do vestibular das principais universidades públicas.

Por fim, o terceiro capítulo traz as questões relacionadas ao ingresso no ensino superior, as contradições vividas nesse lugar alcançado, assim como tenta demonstrar o destino social, pós-universidade, por meio de uma amostra da difícil inserção profissional desses indivíduos que sofrem dificuldades com a cultura familiar de origem e com a competição no mercado de trabalho.

Dessa forma, este estudo se propõe progredir na compreensão do percurso desses novos atores, provenientes de classes populares, ex-alunos de cursinhos populares e diplomados em universidades públicas em cursos pouco valorizados socialmente.

I - PROLONGAMENTO DA ESCOLARIZAÇÃO E O SURGIMENTO DE CURSINHOS POPULARES

Adriano trabalha numa multinacional com ambições a ser executivo. É filho de operário que trabalhou toda a sua vida também numa multinacional e reside em um bairro popular da cidade de Campinas, interior de São Paulo. Bazílio possui uma escolinha de futebol na periferia de Sumaré, São Paulo, e tem ambição de se tornar preparador técnico de algum reconhecido clube de futebol. É filho de empregada doméstica e habitante na periferia de Campinas. O ponto em comum entre os dois, que resulta em motivo desta dissertação, é o cursinho DCE UNICAMP, onde ambos se prepararam, com sucesso, para o vestibular da UNICAMP e conseguiram dar forma ao que, em entrevista, um deles sintetizou na frase que disse ao pai no término do curso médio: “Pai o que eu vou fazer se eu sair daqui agora e for trabalhar? Vou trabalhar no *shopping*? Eu vou trabalhar onde? Porque eu não sei o quê fazer. ***Eu quero ser alguma coisa***”.

Adriano: “A minha mãe hoje é do lar, mas ela já trabalhou como doméstica, pelo que eu me lembro, a minha infância inteira. Acho

que até eu começar a trabalhar sempre na vizinhança, lavando roupa ou passando roupa em casa. Meu pai é metalúrgico, trabalha na Bosch , em janeiro vai fazer 30 anos, mas bem no operacional mesmo. Apesar de ele ter muito tempo e um conhecimento gigantesco do que ele faz, como não tem formação, aqueles empecilhos da industria privada, ele trabalha bem na parte operacional. Então basicamente todo o sustento da minha casa vinha da renda do meu pai. Minha mãe complementava um pouco, mas também não era grande coisa. Tenho um irmão mais velho, nós temos quase 8 anos de diferença, então quando eu era bem criança, tinha dez ano, ele já tinha quase seus 18. Ele trabalhava e também ajudava na casa...na verdade ele começou a trabalhar com 14 anos, se não estou enganado, como guardinha [...]. Moramos no Jardim Eulina, perto da Bosch, a gente mora lá até hoje. [...]E eu morria de vontade de fazer colégio técnico, veio da oitava série. Quando eu comecei a ter aula de química... me apaixonei, achei lindo. Eu (pensei) quero fazer colégio técnico de química na ETECAP. Eu já iria fazer o mesmo caminho do meu irmão, trabalhar...eu não...quero estudar. A idéia não foi muito bem recebida pelo meu pai.[...] mas aí eu prestei e acabei não passando no ETECAP nem no COTUCA, uma grande decepção e fui estudar a noite no Dom Néri.[...] Eu pensei, sou novo, vou perder o ano e prestar de novo. Na verdade eu comecei a estudar a noite, mas eu não me adaptei à escola. O Dom Néri foi uma grande decepção... noturno, muito barra pesada. Mas (continuei com) a idéia de prestar colégio técnico de novo. Prestei ETECAP e não COTUCA e eu passei. Voltei pro primeiro ano, era como se eu tivesse repetido, eu voltei e comecei tudo de novo.[...]. Eu tinha os amigos da minha rua, mas depois que eu fui pro colégio técnico me distanciei muito, na verdade a nossa vida tomou um rumo totalmente diferente. Eu fui o único da rua, de uma turma bem grande, todos tinham a mesma idade, era incrível. Estudando no mesmo colégio, sexta, sétima e oitava, todo mundo muito próximo, trocava livro, vendia um pro outro. Era muito próxima a idade daquela turma... mas eu fui o único que resolveu que não ia trabalhar e ia estudar. Todos foram a estudar a noite, todo mundo começou a trabalhar e eu não via mais ninguém, porque quando eu chegava em casa todos estavam na escola, que era a noite. A gente se via nas férias, mas eu comecei a ter outra visão, outro grupo de amigos. Era mais ou menos isso...as atitudes que eles tinham já não se encaixavam com o que eu queria... mas a gente tinha um grupinho bacaninha.[...] eu já tinha prestado (vestibular) quando eu terminei o colégio técnico. Da turma, quase todo mundo passou. Eu prestei química só na Unicamp... o único que prestei... não passei nem na primeira fase. Entrei em pânico. Aí eu percebi que precisava de um cursinho, porque o meu conhecimento básico era muito defasado, apesar de ter aprendido muito na ETECAP, me esforçado muito pra acompanhar a turma, eu ainda era muito defasado eu não tinha muito conhecimento da base. [...]. Quando entrei na AMBEV eu tive um salário um pouco maior e uma disponibilidade de tempo maior também... de horário. Eu entrava mais cedo e saia mais cedo, aí eu falei vou fazer um

cursinho. Fui ver Objetivo, Anglo e barrei no “cash”... “money”. Pensei não vou conseguir nunca. Meu pai de cara falou “ eu não vou te subsidiar, porque eu não tenho como, se você quiser, você se vira”[...] Lembro que foi uma amiga minha que falou do vestibulinho. Era uma amiga da minha rua que viu o vestibulinho do DCE, porque a irmã dela fazia Unicamp ... (Ela disse) vai lá prestar, quem sabe você ganha uma bolsa. E eu fui prestar o vestibulinho que tinha uma provinha e tudo mais.. eu me lembro de ter ido bem, eu só não vou lembrar exatamente detalhes, mas eu me lembro de ter ido bem. Eu tive 50 % de desconto e aí dava pra respirar... dava pra respirar. Aí eu resolvi fazer.
(entrevista de pesquisa 02/06/2009)

Bazílio: Minha mãe trabalhava de domestica no centro. Moramos sempre de aluguel em Campinas. Na época de idade escolar até a quinta série eu estudei no Julio de Mesquita, na Vila Maria. Na sexta eu passei pro Glicério, na Moraes Sales. Minha mãe trabalhava ao lado da escola, num prédio...ela pegou o endereço de lá e conseguiu me matricular. Depois eu mudei pro São Gabriel na periferia de Campinas, aí o que eu fiz... ia de ônibus, da sexta a oitava no Glicério e do primeiro até o terceiro ano no Carlos Gomes, tudo por causa de endereço de onde minha mãe trabalhava. Logo cedo eu criei um certo sistema de andar de ônibus, criei uma disciplina, ia sozinho [...]. Na minha vida ninguém nunca estudou. Meu pai morreu o ano passado, mas ele não morava com a gente, ninguém tinha estudado.[...] Eu me formei(ensino médio) achando que acabou. Eu morava no fundo de uma casa alugada lá na Vila Marieta, onde a dona Jacira, que é uma segunda mãe...eu considero que tenho três mães, minha mãe e mais duas. A dona Palmira, patroa dela (mãe), por ela ser gordinha, e eu era pele e osso, ela vivia mandando farinha láctea, e a dona Jacira, que foi o seguinte. Em 1995, ano que foi criado o cursinho DCE, ia ter o vestibulinho... nunca pensei sobre isso, eu não sabia que existia. Pra mim era tão longe... nunca ninguém passou isso, nunca ninguém falou nada. Ela pagou para a filha, que estudava em colégio particular, a Ana Lucia, e ela queria fazer odonto, e pagou minha inscrição. Fiz a prova, fui bem. Eu acho que tenho uma facilidade muito boa pra prestar atenção, eu aprendo rápido.Como a prova foi mais conhecimentos gerais eu fui bem. Fui aprovado e peguei oitenta por cento de bolsa. Eu pagava 22 reais.
(entrevista de pesquisa 27/05/2009)

O sentido embutido nos trechos da fala desses dois ex-alunos do cursinho DCE UNICAMP é melhor compreendido quando restituído ao ambiente familiar de ambos, assim como ao trajeto percorrido até os cursinhos pré-vestibulares populares.

Tais cursinhos, que se desenvolveram com a força das redes sociais surgidas nos anos 1990, nasceram presos aos movimentos de democratização escolar que vinham contribuindo para crescimento da demanda de acesso ao ensino superior.

Assim, este capítulo, com base no depoimento desses ex-alunos, e também nas declarações do fundador do cursinho, atual coordenador da rede “Movimento dos Sem Universidade (MSU)” procura fazer sentir a atmosfera particular que contornava os frequentadores do cursinho popular, feita de angústias escolares e familiares, incertezas e crenças no futuro.

A FAMÍLIA E A ESCOLA

“filho de pobre precisa trabalhar ou deixar de ser estudante o quanto antes”.
(ex-aluna do DCE, 1997).

No conjunto, o que chama a atenção no depoimento de Adriano e Bazílio é a correspondência entre o que alcançaram em termos profissionais e o lugar de origem. Adriano, por exemplo, gerente administrativo de uma multinacional, com desejo de se tornar executivo importante, pode ser visto como o caso exemplar da ligação estreita existente entre uma ambição profissional e a condição social vivida pelo pai. O pai de Adriano trabalhou toda sua vida como operário metalúrgico na multinacional *Bosch*. Com auxílio da família, após concluir o ensino fundamental, Adriano completou o curso técnico em química na ETECAP (Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado)³ antes de ingressar no cursinho popular DCE

³ Esta escola técnica, juntamente com o COTUCA (Colégio Técnico da Unicamp), são as duas consideradas as melhores da cidade de Campinas, São Paulo.

UNICAMP. Já Bazílio, exemplifica bem o filho de uma empregada doméstica que teve, da parte da patroa de sua mãe, um encaminhamento para estudos em uma escola pública tida como de boa qualidade: a escola estadual Francisco Glicério, no ensino fundamental, e depois o colégio estadual Carlos Gomes, no ensino médio.

Dessa maneira para os dois, que tiveram seus percursos orientados para uma boa escola secundária, o cursinho DCE UNICAMP foi uma ponte importante que lhes proporcionou visar o “mais alto” em termos de formação superior, ou seja, a USP e a UNICAMP.

Pois, como a maioria dos ex-alunos do cursinho, que nasceram entre o final da década de 1970 e meados de 1980, Adriano e Bazílio representam a primeira geração de universitários da família e, como esperado, uma dianteira grande em relação à escolarização das duas gerações anteriores. Seus avôs e avós não freqüentaram a escola e a escolaridade de seus pais e mães não ultrapassou o ensino fundamental. A mãe de um é dona de casa, esposa de operário antigo na empresa, e a de outro é empregada doméstica que não se relaciona mais com o pai de seu filho. De forma geral, estas mães e esses pais, ausentes ou presentes, representam a situação dos demais estudantes do cursinho em estudo.

Considerando essa configuração, e sabendo que cada família transmite a seus filhos uma perspectiva sobre a vida, por meio de um sistema de valores implícitos em suas posturas sociais, seria possível dizer que as famílias dos alunos do cursinho não dispunham de muitos recursos materiais ou escolares para oferecer aos seus filhos. Como disse um dos entrevistados para a pesquisa, sobre os pais, “hoje eu entendo, não sabiam muito como lidar com a situação. Eles diziam assim: você tem que

estudar. Ok, ponto final, sem explicações, sem muitos detalhes. Era uma participação sim, mas mais de cobrança do que participação mesmo.”

O que emerge das falas de todos é que o peso da presença da família não se faz unicamente pelo acompanhamento sistemático às atividades propriamente escolares, típico das camadas médias (como por exemplo, orientação nas tarefas de casa, incentivos diversos em leitura e escrita), mas da preocupação em prover condições para que o filho freqüente a escola, exercendo uma cobrança ao frisar que estudar é importante “para ter um destino diferente do deles”. São procedimentos, sobretudo, advindos da ordem moral e simbólica, com a valorização dos estudos no lugar atribuído à escola para se tornar alguém com mais chance na vida.

A ambição maior parece ser que os filhos atinjam o ensino médio para, a partir daí, alcançar condições de se posicionar bem no mercado de trabalho⁴. Como disse Adriano, “veio aí o perrengue”. Na oitava série, os pais desejavam que ele seguisse o caminho do irmão e fosse trabalhar como guardinha⁵. Ele queria prolongar os estudos cursando a escola técnica, que era de horário integral. Como declarou: “Peguei o gosto pela coisa (os estudos). Dei a notícia a meu pai. Ele não foi muito receptivo, disse, tudo bem, mas você vai ter que se virar porque eu... não é que ele não quisesse, ele não tinha condições de me ajudar da forma como eu queria”.

Assim, à sua maneira, o depoimento, tanto de Adriano, quanto de Bazílio, deixam subtendido o que está presente em todos os outros dados da pesquisa

⁴ Como demonstram algumas pesquisas, os pais só conseguem ajudar dentro do que podem visualizar como possível. Ao contrário da crença propagada da falta de interesse por parte dos pais das camadas populares na escolarização dos filhos pesquisas demonstram que existe um interesse e engajamento em prol da vida escolar, só que manifestado de maneira diferente do esperado (LAHIRE, 1997; VIANA, 1998).

⁵ Nome dado aos adolescentes formados pelo Programa da Guardinha na cidade de Campinas. Esse programa tem por objetivo a inserção de menores, a partir dos 14 anos, no mercado de trabalho.

realizada, isto é, o formidável empreendimento que se tornou, para as famílias populares, a chamada democratização escolar e seu corolário, o sucesso escolar, o “querer ser alguém” na expressão usada por Adriano.

Muitos dos ex-alunos do cursinho declararam ser responsáveis pela composição do orçamento doméstico e só tiveram acesso ao cursinho devido às bolsas de estudos que lhes foram concedidas. O investimento em educação para essas famílias se resumia, assim, em possibilitar a freqüência à escola, o apoio e estímulo como conseqüência da crença que a escola ofereceria oportunidades melhores do que as que eles tiveram. Dessa maneira, a construção de uma estratégia voltada para o acesso à universidade não se fazia presente no universo escolar desses pais.

O prolongamento da escolarização, que aparece nos textos das entrevistas acima como o ponto comum entre Adriano e Bazílio - tomados aqui como casos exemplares -, significava, pois, o escape ao destino profissional da origem familiar.

Quais diplomas? Quais estudos? O diploma de Ciências de Alimentos para um e de Educação Física para o outro, ambos em cursos noturnos, dentro do possível. Na falta do apoio material da família, os dois trabalharam durante todo o período universitário.

Nessa trajetória tiveram que enfrentar uma série de obstáculos, o primeiro deles apareceu durante o ensino médio, cursado em escolas de prestígio da rede pública, classificadas, socialmente, como de melhor qualidade. Porém, ao enfrentar colegas vindos de um meio social diferente, isto é, dos bairros de classe média, tiveram a primeira sensação das fronteiras invisíveis que os separavam dos grupos

familiares engajados em estudos longos, à espera do ingresso rápido na universidade⁶.

Tendo em vista que os alunos do cursinho, em estudo, passaram por essas escolas públicas, vistas por eles como vetor de ascensão social para as classes populares, a história da passagem de Adriano e Bazílio por elas - que lhes deixou lembrança de muita dor - , ajuda na reflexão , tal como a feita por *Beaud* em seus estudos sobre a condição operária (BEAUD, 1997), sobre a diferença entre trajetória objetiva, capaz de ser reconstituída, e a trajetória “subjativa”, percebida por meio das palavras mal pronunciadas e os silêncios entre elas. Pois, em termos de trajetória objetiva, a passagem por essas escolas foi o degrau para serem aceitos no cursinho e para a entrada na universidade. Mas, em termos subjetivos, Adriano sintetiza bem a tensão que viveu dentro da escola técnica, uma das mais disputadas na cidade de Campinas entre as famílias de classe média escolarizadas:

[...] um nível financeiro, bem mais do que o meu. Tinham os “pobrinhos” e os “riquinhos”. Digamos que no primeiro ano foi algo bem visível...pessoas que vinham de escola particular e de escola pública, 5 ou 6 (de escola pública) de uma classe de 40. A maioria era do Liceu, uns 12, que tinham estudado juntos a vida inteira. Além do Liceu era o São José... esses colégios mais conhecidos, mais tradicionais entre os particulares. De escola pública deveria ter uns 5 ou 6, que era uma turminha que eles (os que vinham das escolas privadas) deixavam de canto. Mas acho hoje que eu tomava uma atitude defensiva. Eu não queria me misturar. Eles tinham mais (dinheiro) e podiam mais... eu falava assim, eles vão poder ir pra balada hoje e eu não, se eu ficar com eles eu não vou poder ir e vou ficar constrangido por não poder ir. Aí eu ia ter que dizer que era porque minha mãe não deixa ou porque não vou poder ir por causa de alguma coisa. Pra não passar por isso, era menos constrangedor, assim (manter-se afastado). Mas era bem visível que na turma existia essa distinção.

⁶ Entre os estudos que tratam dessa dificuldade de adaptação para os estudantes dos meios populares, destaque FURLANI, Lúcia M.Teixeira. *A Claridade da Noite. Os alunos do ensino superior noturno*. São Paulo: Cortez, 1998. LEITE, Denise. “Aprendizagens do estudante universitário”. In: LEITE, Denise; MOROSINI, Marília (Org.). *Universidade Futurante: Produção do Ensino e Inovação*. Campinas: Papirus, 1997. p. 147-169.

É possível sentir essa tensão também no trecho em que ele relata sua reprovação na disciplina de matemática. O peso da angústia de desejar estar nesse lugar e sofrer a ausência de conhecimentos não adquiridos, anteriormente, na escola freqüentada no bairro, é expressa na dificuldade de acompanhar o curso.

“Muitos do que vieram de escola particular tinham um desempenho muito aquém de quem era de escola pública. Particularmente para mim era muito difícil. Os professores falavam: “como vocês já viram na oitava. série eu não vou passar essa parte”. Eu não vi. O que eu ia fazer? Eu não vi, mas trinta e nove viram, então, eu não levantava a questão. Eu tinha problemas sérios em matemática e em física, gigantes em português, porque falavam de coisa que já deveriam ter sido aprendidas: “essa parte vocês já viram, vou passar pra outra”. Mas eu não tinha visto nem a primeira, como eu ia pra segunda? [...] eu bombei em matemática no primeiro ano e bombei em física, tive problemas de recuperação final. Na verdade, matemática eu bombei os três anos ... problema meio pessoal. É porque eu tinha uma defasagem muito grande pra lidar com matemática, pra mim era complicado, física também, porque era uma coisa muito ligada. A partir do segundo ano eu já conseguia acompanhar ... que fria quando saíram as notas do primeiro bimestre. Eu tinha tirado média C e D, sendo que no colégio onde eu estudava eu tirava A, B...tirar C, D era triste. Agora lá eu tirava C e D com uma facilidade enorme. Então, no primeiro bimestre eu tinha médias C e D... eu fui contar (para os pais), não, eu fui contar só no segundo semestre. Eu não contei da primeira reunião, não, contei da segunda, só contei da terceira. Porque aí eu já estava melhorzinho [...] eu era sempre o nerdinho, que estudava... fui mal. O que eles iam pensar? Além do cara (ele mesmo) ir mal, o cara não trabalha.”

Enquanto Adriano tinha dificuldades de relacionamento e adaptação numa escola de tempo integral, o comportamento de Bazílio ao deixar de assistir as aulas para freqüentar junto com colegas, que também vinham da periferia, o bar em frente à escola em que cursou o ensino médio noturno, uma escola bem conceituada no centro da cidade, constitui o caso limite que descreve bem a tensão que vivem esses

estudantes de classes populares nas escolas médias diferenciadas. O deslocamento desses alunos em escolas fora do seu bairro, freqüentadas por outros grupos sociais, que os faz sentir-se deslocados na sala de aula é expresso quando diz que “os professores davam atenção apenas para aqueles que eles achavam que valia a pena”. Assim ele fala da inadaptação, demonstrada em forma de desinteresse, preferindo ficar com amigos “iguais” a ele.

“Eu nunca fui de fazer grandes artes na escola, só que eu não sabia porque eu estudava. Nunca tirei nota vermelha, nem tirei nove e dez, sempre 7. Tive vários amigos de periferia que estudavam no centro, mas isso não me influenciou, o problema é que eu não sabia porque eu tinha que estudar. O primeiro ano foi legal, mas o segundo e o terceiro (anos do ensino médio) foram horríveis, no sentido que eu ficava mais no Voga (bar) do que na aula”.

As falas de Adriano e Bazílio sobre suas escolas importam por mostrar os múltiplos obstáculos – materiais, moral e simbólico - que pesam sobre os indivíduos pertencentes às classes populares, pois denunciam os fios invisíveis tecidos estreitamente no tempo que fabrica, dia a dia, os destinos escolares e profissionais de cada um deles⁷. É dessa maneira que tais falas ao mesmo tempo em que encaminham para os estudos, sociológicos que tratam da desigualdade de chance⁸ obrigam a atentar para a escolaridade e modo de inserção dos jovens dos meios populares na universidade, com atenção aos cursinhos que os preparam para isso. E por essa razão torna-se necessário conhecer melhor o que eram esses cursinhos e o papel que representaram, junto às escolas secundárias, para o prolongamento da escolarização

⁷ Beaud, Stéphane. *80% au bac...et après? Lês enfants de la démocratisation scolaire*. Paris: La Découverte, 2003.

⁸ Sandrine Garcia e Franck Poupeau em seu trabalho La mesure de la “democratização” scolaire: notes sur les usages sociologiques des indicateurs statistiques. *Actes de la recherche sciences sociales*, 149 september, 2003, mostram como a questão da democratização escolar é tratada apenas estatisticamente como aumento do número de ingresso nos diversos níveis de ensino, sem levar em conta as condições em que isso é feito.

no processo de superseleção⁹ que sofrem os que permanecem na disputa no jogo escolar.

CURSINHOS POPULARES E OS “FILHOS DA DEMOCRATIZAÇÃO ESCOLAR”

E eu digo que o cursinho foi, pelo estilo de aula, pelos professores que eu tive, professores que agiam como eu ajo hoje, professores que tentavam fazer os alunos se tornarem interventores da sua realidade e não apenas vivenciar a sua realidade, eu me lembro disso. Eu tive professores assim e que me fizeram...(Bazílio, 1995).

O curso pré-vestibular DCE-UNICAMP nasceu no interior do movimento estudantil da UNICAMP e foi implementado no ano de 1995. Insere-se nos movimentos de organização da sociedade civil que proliferaram na década de 80, visando intervir na formação das políticas gerais de organização ou transformação da vida social.

De fato, seus idealizadores apresentam como principal objetivo para a criação do cursinho “propiciar à população de baixa renda um curso preparatório de qualidade para os vestibulares das universidades públicas, criando um espaço inovador na busca pela democratização do acesso a essas instituições”¹⁰. Seu fundador deixa bem explícito o momento político e social de sua criação:

“A imprensa pouco atentara para o fato de que, desde 1992, havia uma movimentação entre estudantes visando a criação de cursinhos

⁹ É necessário ressaltar que esses estudantes são produtos de uma série contínua de seleções baseadas no mérito, ou seja, aqueles que conseguem superar consecutivos níveis de ensino são os que mais se aproximam em seus desempenhos dos valores esperados pela escola. Dessa forma, a superseleção dos estudantes oriundos dos meios menos favorecidos vem compensar a desvantagem inicial que devem ao seu meio de origem.

¹⁰ Retirado do *site*: www.cooperativadosaber.org.br

populares (o primeiro deles consolidado na Unicamp, em 95). Esses cursinhos foram os embriões do MSU (*Movimento dos Sem Universidade*), sigla enunciada como protesto por Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (Tocantins), em setembro do ano passado, na conferência em que recebeu da Unicamp o título de Doutor Honoris Causa. Em sua aula magna, Dom Pedro falou, entre outros temas, sobre os milhares de jovens brasileiros **sem universidade**”.

Fonte: Sérgio Custódio, entrevista concedida ao Jornal da Unicamp, Agosto de 2001.

Por meio dessa fala, pode-se inserir a criação do cursinho nos movimentos que formaram as redes amplas de pressão e resistência dos anos 90, o que difere sua criação daqueles que apareceram durante os movimentos sociais da década de 70, em especial pelo seu alcance político, pois, diferentemente, logo este cursinho passou a fazer parte de redes que estavam sendo estabelecidas entre outros movimentos culturais e políticos.

Na década de 70, no Brasil, as ações coletivas eram desenvolvidas por organizações populares localizadas e específicas com alcance limitado de ação política (por exemplo, associações de bairro, movimento de mulheres etc). Tiveram sua relevância política durante o regime autoritário, pois era espaço de expressão política possível para novos atores sociais¹¹. Em termos de iniciativa de cursinhos pré-vestibulares desta década, dentro desse espírito, João Galvão Bacchetto (2003), cita a existência Grêmios dos alunos da Escola Politécnica da USP, além daquele administrado pelo diretório acadêmico do curso de administração da Fundação Getúlio Vargas (FGV). E, mais antigo ainda, o cursinho mantido pelo Grêmios dos

¹¹ Com a abertura política dos anos 80 esses grupos demonstraram dificuldades na formação de alianças para atuar de acordo com as regras do regime democrático conforme o ponto de vista alguns estudos. Para outros essa dificuldade expressava a fragilidade da sociedade civil face aos aparelhos políticos instituídos. Cf Ilse Scherer Warren, *Redes de movimentos sociais*, p. 115. Ver também Anne Mische (1996), que trabalha com a rede de militância estudantil dos anos 90, diferença entre a militância dos anos noventa e dos outros períodos.

alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde alguns dos professores dessa mesma instituição declaram haver estudado. O tempo social da criação desses cursinhos é bem diferentes do tempo social da criação do cursinho DCE UNICAMP

O projeto, *Universidade para os Trabalhadores* criado pela associação dos Trabalhadores em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ASSUFRJ), atual Sindicato dos Trabalhadores em Educação da UFRJ (SINTUFRJ), mostra a reorientação social desses cursinhos populares que preparavam para os vestibulares das universidades. Eles passaram a participar de redes mais amplas no sentido de formação de um movimento mais abrangente procurando articulação com organizações mais populares (Oliveira, 2001, p.93).

O Pré-Vestibular para Negros e Carentes (PVNC), criado em 1993 é uma prova disso ao se transformar em uma organização educacional com núcleos espalhados pelos municípios da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro e Petrópolis. Os cursinhos que antes estavam sempre alocados dentro de algum outro grupo (movimento estudantil, sindicato, movimento negro) passam a se constituir como um movimento próprio, organizando-se em redes que interligam interesses e criando uma pauta comum de reivindicações: a isenção das taxas, a criação de cotas, as discussões da criação do ProUni. Nesse sentido, eles e seus representantes passaram a desempenhar um papel notável, e incontornável, na realização de um trabalho de construção política participando da definição de políticas públicas em relação ao ensino superior.

Esta mobilização política ganhou tal visibilidade nesses últimos anos que um estudo elaborado por Fulvia Rosenberg, em 2005, mostra que esse movimento, talvez só seja superado pelo do Movimento Sem Terra.

O surgimento de alguns conglomerados, como o EDUCAFRO (Educação e cidadania para Afro-descendentes e Carentes), que reúne cursinhos nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia e o MSU (Movimento do Sem Universidade), que possui uma representação em 10 estados brasileiros, confirmam a afirmação de Fulvia Rosenberg. O EDUCAFRO conta com mais de 10 mil alunos e tem sua origem em grupos do movimento negro e na luta pela sua inserção social¹². Tal como o Movimento do Sem Universidade (MSU), tem sua experiências localizadas nas periferias das grandes cidades, e nas palavras do coordenador do MSU “juntando um pé na universidade, um pé na periferia”. Esses cursinhos em geral são organizados em comunidades, igrejas, paróquias, universidades públicas, como o do DCE UNICAMP.

Sérgio Custódio, que é hoje o coordenador do MSU, foi o fundador do cursinho popular DCE UNICAMP, o primeiro da cidade de Campinas. Na época, 1995, ele militava não só no movimento estudantil da UNICAMP, como também nos movimentos populares ligados à juventude do PT, Partido dos Trabalhadores.

Desde seu início, a superseleção da qual fala Bourdieu (2007, p.52) está presente na prova de conhecimentos gerais (tratada como vestibulinho na fala dos entrevistados), que implica a passagem por uma escola de qualidade no nível médio.

Mas ao se declarar como um cursinho popular, seus organizadores mostram a diferença deste dos cursinhos convencionais. Portanto, tratando-se de um cursinho

¹² Sobre cursinhos populares e movimento negro ver Oliveira (2001), Paulo (2005).

voltado para os grupos de baixa renda, era feita também uma análise socioeconômica do candidato, a partir da qual se cobrava uma mensalidade de baixo valor ou isentava o aluno de pagá-la conforme comprovada sua impossibilidade material para efetuar-la.

“O cursinho em si é interessante? É. Por quê? Vamos dizer, na área de educação ele é a solução? Porque o ideal era não ter cursinho, o ideal seria uma escola pública boa, mas já que não tem, já que a gente não vai fazer assim varinha de condão e criar essa escola pública boa, então, vamos tentar fazer um cursinho com mensalidade mais barata pra quem não tem condições de pagar um COC, um Anglo, venha fazer com a gente, inclusive com mensalidade zero, não paga nada, bolsa integral, para que essas pessoas possam ter uma chance.”

Entrevista de pesquisa, Marcos, ex-professor de geografia do cursinho DCE-Unicamp¹³.

O cursinho teve que enfrentar desde o início práticas tidas como *tabu* nos movimentos estudantis, como por exemplo, a remuneração dos seus professores, para tal consideraram que a remuneração implicaria numa maior qualidade. Para isso eles contavam com as mensalidades cobradas, pois a imagem dele vinculada à UNICAMP, atraía também alunos de classe média que poderiam custear os estudos. Esse aspecto é bem salientado por Custódio, criador do cursinho:

“Então, se fosse para ser um projeto light de cursinho para fins de benemerência, caridade e tapa-buracos, o cursinho DCE-UNICAMP não teria sentido de ser. Do mesmo modo, se fosse para ser uma empresa social, que paga bem e em dia seus funcionários e desfruta no imaginário coletivo, da condição de ser o elevador que vai levar novas gerações de estudantes mais rápido para a Unicamp ou servir como justificativa ao pároco no confessionário por parte da elite estudantil da Unicamp de que ela não apenas desfruta de um privilégio, a universidade pública, gratuita e de qualidade, mas também paga seus pecadinhos sob o sol. [...] Logo, requer-se dos envolvidos com o cursinho DCE-Unicamp uma aguda reflexão social e muita valentia radical para enfrentar os desafios colocados

¹³ Os trechos de entrevista utilizados constam no trabalho de SOUZA, Cláudia Oliveira. Os sentidos da militância na criação e implementação do cursinho DCE-Unicamp. Pesquisa de Iniciação Científica/FAPESP, 2005.

pela realidade, para que se realize com brio e qualidade o cursinho, assim como para escapar dos cantos de sereias ansiosos e vadios que aparecem pelo caminho, num quadro de disputa vívida e cotidiana com os opressores e seus mil e um disfarces. Dito isso, fica claro que o cursinho DCE-Unicamp não pode ser a ante-sala de um cursinho comercial, um celeiro de quadros administrativos ou docentes para esta indústria. Tampouco pode ser uma ilha, pois deve se imiscuir, se interar, se envolver, se engajar, se aglutinar, se juntar, aproximar, enamorar, fortalecer toda forma de luta social dos oprimidos brasileiros contra seus opressores, numa relação dialética e dialógica com os oprimidos no meio social em que o cursinho se insere e em todas as suas potencialidades”.

Os professores, como o fundador do cursinho, provinham, em geral, dos grupos de baixa renda que haviam conseguido com dificuldade superar também com os mesmos obstáculos dos seus alunos no trajeto para o curso superior. Esse trajeto, Sérgio Custodio resume numa entrevista concedida ao jornal da UNICAMP.

Ele se formou em economia e fez parte de duas gestões do diretório central dos estudantes nos anos de 94 e 95.

“Sou filho de lavrador e costureira. A vida inteira estudei em escola pública. Fui peão de fábrica, na linha de produção da Kodak em São José dos Campos. Cheguei tardiamente a universidade,mas cheguei. A gente tem muitas surpresas ingratas na vida, mas nunca baixa a cabeça. Essa questão de idade é coisa de regras e exceções, de estereótipos abstratos”
Jornal da Unicamp, agosto de 2001.

Os interessados em participar do projeto como professores foram submetidos a provas específicas em um processo de seleção. Marcos, antropólogo e ex-professor de geografia do cursinho, explica bem como foi esse processo seletivo. Enquanto estudava no IFCH, trabalhava como pesquisador da fundação SEADE, mas o salário não era o suficiente e, ao se deparar com um cartaz anunciando a criação do cursinho e seleção de professores, o mesmo se interessou, a fim de aumentar sua renda.

“[...]Eu tava passando no campus ali e eu vi um papelzinho dizendo que tava se formando um cursinho, um cursinho de alunos da Unicamp, e eu tava precisando trabalhar. Eu tava trabalhando na fundação SEADE fazendo pesquisa de rua, ganhando um x de dinheiro, mas eu tava me sustentando já nessa época, tava com 19 anos, 19 ou 20 anos, eu precisava de grana. Eu também estava numa crise existencial na Unicamp porque eu queria atuar mais. Eu não queria simplesmente analisar a pobreza de longe e com esses rótulos e esses pensamentos que a universidade exige, até pro próprio processo intelectual. Eu queria atuar mais, queria colocar a mão na massa. Passei dois anos indo pra uma favela em Sousas, eu e mais dois colegas das Ciências Sociais exatamente com essa vontade de ta se envolvendo de alguma forma mais concreta com o povo, com a população, e até mesmo ta podendo contribuir com alguma coisa mediante o fato que nós somos alunos da Unicamp, nós somos, pro bem e pro mal, financiados pela sociedade. Então, eu tava buscando uma contrapartida. Se a sociedade nos paga pra ta lá, é uma educação, assim, vamos dizer, de primeiro nível, o que nós podemos fazer pra tentar interferir nessa ordem social que é problemática? [...] Eu vi esse papel, me inscrevi, teve um momento de seleção [...] fui o quarto da lista e eles iam selecionar quatro professores de geografia. Fui na reunião, era pra eu pegar apenas duas aulas, só de geografia do Brasil. Assim não ia dar pra ganhar tanto dinheiro, esperava pegar mais aulas pra poder ganhar mais.

E acrescenta:

“Boa vontade sem remuneração não dá certo. O negócio é unir o idealismo com a grana, aí funciona. Não podemos ser hipócritas, a gente precisa se manter”.

Entrevista de pesquisa, Marcos, ex-professor de geografia do cursinho DCE-Unicamp¹⁴.

Esse cursinho da mesma forma que levou muitos alunos, para a universidade pública, também serviu de trampolim para várias carreiras, a exemplo do próprio Custodio que hoje tem carreira política, outros professores fundaram cursinhos e vivem como empresários escolares.

Mas para os estudantes que passaram por esse projeto, o cursinho e os professores representaram uma oportunidade de dar continuidade ao seu desejo de

¹⁴ Os trechos de entrevista utilizados constam no trabalho de SOUZA, Cláudia Oliveira. Os sentidos da militância na criação e implementação do cursinho DCE-Unicamp. Pesquisa de Iniciação Científica/FAPESP, 2005.

prolongamento da escolarização. Assim, nas entrevistas sobre a passagem pela universidade, todos os três entrevistados insistiram em comparar a faculdade com o cursinho, evocado com saudade corporificadas nas menções aos professores que tiveram. Porque o que foi lembrado ao deixar o cursinho foram os pontos de referência seguros, o controle regular dos conhecimentos, o desenvolvimento de programa de ensino lhes permitindo construir um tipo de “personalidade social” e o sentimento de ter galgado socialmente um degrau social ao entrar na universidade. Contrariamente, na universidade, regida por normas impessoais, sentiram-se desqualificados do que foi adquirido no cursinho, onde, junto aos professores que entravam no seu jogo, sentiram-se valorizados em vários aspectos de suas personalidades, o que lhes conferia a auto-estima. .

Ao saírem do cursinho sentiram-se, pois “órfãos”, como se declararam no *site* de relacionamentos da *internet*, *Orkut*, que foi o instrumento de uso pra entender o significado desse cursinho para essas pessoas. Dessa forma, o próximo capítulo será dedicado, por meio do título que deram a uma comunidade do *site* de relacionamentos, *Orkut*, ao entendimento do significado desse cursinho na trajetória daqueles que alcançaram o ensino superior.

II - OS ÓRFÃOS DO CURSINHO

Pensando na imagem que os ex-alunos do cursinho possam ter sobre ele, este capítulo foi escrito para procurar entender o título que deram a uma comunidade no *Orkut*: Órfãos do cursinho DCE UNICAMP. Por que se nomear órfãos e exibir, ancorados no título que dá nome à comunidade, a perda de algo semelhante à de um pai ou mãe, como que querendo demonstrar a ausência de alguma coisa que lhes dava proteção? O que teria sido vivido como diferente neste cursinho para causar essa sensação de perda e de desamparo?

Procurar entender o sentido que foi dado a este título torna-se mais significativo, ainda, tendo em vista o fato de que já houve uma tentativa anterior de agrupar ex-alunos do DCE no *Orkut*, por meio de uma comunidade fundada, em 2005, e intitulada Estudei no cursinho DCE UNICAMP. Entretanto, ela não teve uma adesão tão significativa quanto à dos Órfãos: só conseguiu nove aderentes. O título da comunidade *Órfãos do cursinho DCE UNICAMP* deve, portanto, ter gerado algum

tipo de sentimento e identificação nas pessoas, além do fato de elas terem estudado no cursinho. Essa hipótese se torna mais interessante quando se considera que grande parte desses estudantes demonstrou nas mensagens postadas que, após a saída do cursinho, não mantiveram vínculos com os colegas.

Com base nas mensagens compartilhadas na comunidade *Órfãos do cursinho* existente no *Orkut*, e nos perfis individuais que nele são construídos, - retratando a família biológica e os amigos próximos -, este trabalho procurará entender o significado que esse cursinho teve na vida de seus ex-alunos, a ponto de eles o guardarem na lembrança com a sensação de algo muito importante que perderam. Dessa maneira, as mensagens entregues a esse instrumento inusitado, encarregado de levar a condição de orfandade a um público específico, - aquele que compartilha expectativa de acesso ao ensino superior - poderiam me auxiliar a dar voz a uma parcela de estudantes das classes populares interessados em prolongar seus estudos. Pretende-se, também, ao mesmo tempo, mostrar o lugar que o *Orkut* ocupa no mundo desses indivíduos que o utilizam.

A COMUNIDADE “ÓRFÃOS DO CURSINHO DCE UNICAMP”

A comunidade Órfãos do cursinho DCE Unicamp surge no *Orkut* no ano de 2004, fundada por uma ex-aluna do cursinho, na época estudante de biologia na UNESP. Ela apresenta como motivo para a criação da comunidade, como mostra a apresentação da mesma (**FIGURA 1**), abaixo, reencontrar as pessoas que passaram

pelo DCE, tanto os alunos, quanto os professores, e “relembrar os momentos que foram marcantes durante essa passagem”.

FIGURA 1 - Comunidade Órfãos do cursinho DCE UNICAMP



Fonte: www.orkut.br

Embora a justificativa dada pela fundadora da comunidade seja a de lembrar a história do cursinho, o foco deste trabalho é entender o que aconteceu durante a estadia de estudos no cursinho que faz com que esses indivíduos se identifiquem com o título de órfãos. Por que eles se sentem abandonados?

A resposta a essas perguntas deve levar em conta que o cursinho perdeu o vínculo com a UNICAMP quando seus professores saíram diplomados da universidade e seu fundador passou a dirigir uma rede dessas escolas preparatórias para vestibular dentro de movimentos mais amplos de pressão social e cultural. Atualmente, o antigo cursinho do DCE pertence a um grupo de ex-professores que o transformaram numa cooperativa intitulada *Cooperativa do Saber*. Dessa maneira, o

uso da expressão *órfãos do cursinho* poderia ser a demonstração de que os membros do site pretenderiam se apresentar como os que pertenceram ao DCE-UNICAMP, um desejo, talvez, nascido da esperança de se vincular, dessa maneira, a uma imagem específica, um cursinho oriundo de umas das melhores universidades do país, ou seja, a imagem com a qual eles gostariam de se projetar na sociedade. Talvez seja o que explique a comunidade aglomerar, além dos ex-alunos, também aqueles que hoje estão de passagem na *Cooperativa do Saber*, o que torna a utilização da palavra “órfãos” mais interessante ainda.

O entendimento desta situação de orfandade será visto por meio das informações disponibilizadas virtualmente no *Orkut*. Isto foi possível em razão do alto grau de intimidade com que esses ex-estudantes se expõem no *site* de relacionamento, o que me leva a, inicialmente, mostrar a forma de funcionamento e o tipo de informações que são disponibilizadas pelo “órfão” ao se integrar ao *Orkut*. Em seguida, serão tratados, mais especificamente, dos fóruns, perfis e tópicos criados neste *site*, que trouxeram as informações sobre o efeito do cursinho sobre seus alunos.

O ORKUT COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

O *Orkut* é uma plataforma de administração de comunidades virtuais. Um *site* de relacionamentos criado em 2004, pelo analista de sistemas, turco, Orkut Buyukkokten, funcionário da *Google*, cujo lema é conectar-se a uma rede de “amigos” (mesmo que estes amigos sejam “estranhos” e ampliar cada vez mais esta rede através

de interações rápidas, com padrões de sociabilidade que remetem aos encontros reais. As pessoas se encontram por meio de redes de amigos ou por meio de comunidades sobre assuntos variados, permitindo a que pessoas que muitas vezes nem se conhecem fisicamente possam dividir gostos e interesses em comum. A ideia é manter os indivíduos ligados e unidos por meio das afinidades.

Ao acessar pela primeira vez o *site* de relacionamentos, *Orkut*, o indivíduo é direcionado para a página de cadastro onde deve preencher os seus dados pessoais e definir o seu perfil. Os dados do seu perfil poderão ser visualizados (ou não) pelos outros membros da plataforma. A partir destes dados, o sujeito vai compondo a sua “identidade virtual”, incluindo informações “verdadeiras” ou “fictícias” sobre si mesmo, antes mesmo de aderir a alguma comunidade existente. Apenas alguns campos são de preenchimento obrigatório e este perfil pode ser atualizado pelo usuário a qualquer momento. O perfil está dividido em cinco categorias: Geral, que são as informações pessoais tais como: nome, cidade; Social, sobre o estilo de vida; Contato, que são os endereços de *e-mail*; Profissional, escolaridade, onde estudou, onde trabalha, com o que trabalha; Pessoal, que são as características físicas e emocionais.

O *Orkut*, além de permitir o acesso à uma lista de pessoas cadastradas, permite ainda o acesso às listas de comunidades onde ocorrem fóruns virtuais que tratam de temas de interesse dos *internautas*.

No *Orkut*, a escolha das comunidades representa a identificação do usuário com determinados temas e gostos e o fato dessas se manterem expostas para todos que visitem o seu perfil constitui-se num elemento de auto representação do indivíduo, demonstrando de que maneira este deseja ser visto e percebido. As

comunidades são espaços destinados a assuntos temáticos com abordagens específicas. Elas podem ser de identificação de gosto (tipo de música, filmes, programas de TV, comida), classificação (religião, lugar onde mora, lugar onde estuda, lugares que frequenta), desejos (viajar, conhecer a Europa, casar, ter filhos, mudar o mundo) e assim por diante. Um indivíduo membro do *Orkut* abre uma comunidade, por exemplo, MPB (Música Popular Brasileira) e os demais membros que se identificam com esse tipo de música passam a integrar a comunidade, ao mesmo tempo a comunidade começa a fazer parte do perfil dele também, ou seja, demonstra uma característica da pessoa e aponta de que lugar ela fala. O conjunto das comunidades as quais se pertence dão indícios do que o indivíduo pensa e acredita, de si e do mundo. Além disso, as comunidades possuem fóruns de discussão, nos quais os seus membros podem debater seus principais interesses criando, para isso, tópicos específicos.

No caso da comunidade *Órfãos do cursinho DCE* são os fóruns e os tópicos criados que trouxeram as informações sobre a visão dos ex-alunos sobre o cursinho.

AS POSTAGENS NO FÓRUM

“Caramba, que saudade dessa época!!”(Adriano,2000)

O principal interesse manifestado pelos membros da comunidade, naturalmente, é o destino dos outros ex-alunos. A temática se volta, em seguida, para recordações do que aconteceu durante a passagem pelo cursinho: as festas, viagens, professores. Nas postagens, alguns desses temas se repetem frequentemente como,

por exemplo, referência a determinados professores e suas aulas, quem se lembra de determinada festa, as viagens culturais, os churrascos, as aulas cabuladas para ficar na “sala extra” do cursinho, que era a padaria da esquina, batendo papo com professores e colegas.

Outros tópicos são mais específicos como “A primeira – Turma de 1995”, “Galera de 1996”, “Pessoal de 99”, “Galera de 2000” e tentam reagrupar pessoas conhecidas, que estudaram no mesmo período ou na mesma sala, vivenciaram as mesmas experiências e compartilharam os muitos momentos ao longo de um ano de preparação para o vestibular.

As mensagens demonstram que existe uma certa empolgação ao encontrar a comunidade no *Orkut*, diante da possibilidade de manter contato e reatar os vínculos, virtuais ou presenciais. São muitas as manifestações de saudades e dos amigos feitos lá, da importância desse período, dos bons momentos vividos. Esta necessidade de se juntar para lembrar os mantém unidos, ainda que virtualmente, como mostram as postagens abaixo retiradas do fórum¹⁵.

Mais um órfão!

Olás! Mais um Órfão do glorioso CURSINHO DCE chegando!
Bons tempos aqueles! Aprendi muita coisa e fiz muitos amigos, vários deles que encontro até hoje! Ter estudado com Eduardo (hist), MarcÚs (mat), Aduino (fis), Maurinho (hist), Atílio (quim), Capivara (quim), Sinara (red), Vanessa (gram), etc, etc, etc também não tem preço!! :-)

QUE SAUDADES!!!!

ESTUDEI EM 2001 E 2002 NA NOITE 1 E NA MANHÃ
05. **AQUELES FORAM OS DIAS MAIS LEGAIS QUE VIVI ATÉ AGORA. NEM NA FACULDADE ENCONTREI**

¹⁵ Todas as citações deste item foram retiradas do fórum e mantidas sem interferências gramaticais nem alterações no formato das mesmas. Preservando suas formas de postagens originais do *site*.

AMIGOS TÃO DIVERTIDOS, COMO OS DA NOITE 01.
INESQUECÍVEIS. HOJE ESTOU NA UNESP DE BAURU
CURSANDO O SEGUNDO ANO DE BIOLOGIA OU
MELHOR BOIOLOGIA COMO DIZEM AQUI.nÃO
ESQUECENDO TAMBÉM AMEI OS PROFESSORES,
PRINCIPALMENTES MAURINHO E A FABI LOCA DE
PORTUGUES.

Manhã? e faço ESALQ-USP

Noss q saudades foi um dos melhores anos da minha vida
adorei o dce, tentei implantar um cursinho semelhante aqui na
ESALQ-USP , fiz muitos amigos e era conhecido como
NHONHO ou KXALOTE ou Marcelo mesmo **ficava o dia**
todo no cursinho e adorava , estudava de manhã naum sei
em q sala mas passava o dia lá pra recuperar o tempo de
escola estadual mas valeu , passei em todos os
vestibulares q prestei uhahuahu q saudades dos professores
e amigos ... um dia passo fazer uma visita

Eu também...

Estudei em 99 e 2000, atualmente faço pedagogia na Unicamp.
Muitas saudades daqueles bons tempos... das festas, da galera, e
de gente muita gente que conheci, mas perdemos contato.

Embora a maioria demonstre não ter mantido os vínculos criados durante o ano, ou os anos, em que freqüentou o cursinho, os momentos lembrados e descritos destacam muito mais as interações, atividades e redes sociais aí estabelecidas do que os aspectos ligados ao conteúdo das disciplinas. Mesmo porque, o que importava para esses cursinhos do ponto de vista pedagógico eram as condições por meio das quais o ensinamento era efetuado, tendo em vista o ideal vivido por eles de pressão para mudança social. Neste caso específico, importava, antes de tudo, proporcionar a introdução dos alunos no universo que preside o código acadêmico no Brasil, que apregoa os códigos culturais das classes dominantes, e que são divisores de águas na seleção para os diversos cursos superiores.

É dentro deste espírito, que os eventos promovidos pelo cursinho ganham destaque no *site*, principalmente as festas, que pela descrição lembram muito as universitárias; viagens como acampamento na Serra do Japi; visita à mostras de arte em São Paulo; churrascos; maratonas culturais em que os alunos que participavam eram divididos em grupos e precisavam resolver enigmas com problemas relacionados a todas as matérias para poder encontrar as pistas e chegar ao final da maratona; tarde das quatro artes, onde os próprios alunos podiam se apresentar; Lanterna mágica - espaço reservado à exibição de filmes, aos sábados no cursinho -; e as concentrações antes da prova do vestibular com muita diversão e descontração.

Eventos no cursinho!

Uma das coisas mais legais da época do cursinho eram os eventos! Jamais esquecerei a cruzada em 2000 até São Paulo para ver a Mostra do Redescobrimento, além das festas culturais! Hoje, só vou de vez em quando na Tarde das Quatro Artes. Nas últimas duas edições o coral em que canto se apresentou lá! ;-)

Grandes Eventos!!!

Caramba q saudade dessa época!! Xurras do DCE em 2000 e 2001 ... nunca me diverti tanto ... esses xurras tem muita história pra contar!!!! E as Vigílias da Poesia na Unicamp?!?!?! A de 2000 teve as bacantes com distribuição de vinho e tudo hehehehe... FOI MARAVILHOSA E INESQUECIVEL!!! AMEI TUDO NO DCE!! Se souberem de mais eventos avisem seria legal reencontrarmos a galera!!

Que delícia!

Todos os eventos no cursinho foram maravilhosos e marcantes, seja a concentração na Casa de Portugal antes dos vestibulares, humm aqueles relaxamentos com o fisioterapeuta Luiz... a mostra dos 500 anos, a festa no IEL, que festa maravilhosa, deliciosa...rs, muita dança, vinho e alegria...

Provavelmente nem todos os alunos participavam das atividades como viagens, saídas coletivas para ir ao cinema ou algum bar, mas, para os que alcançaram sucesso no vestibular nas prestigiadas universidades públicas, o mais importante eram as informações que podiam ser acessadas a partir do cursinho. Contatos culturais e artísticos, como filmes – tanto os visto nas aulas quanto os do Lanterna Mágica -, música, arte e a visão política e crítica sobre o mundo que os professores estimulavam, parece ter ajudado a se ver e ver o mundo de maneira diferente. Não à toa os estudos de Pierre Bourdieu sublinham a familiaridade com obras de artes, a frequência regular ao teatro, ao museu ou a concertos, ou seja, práticas valorizadas socialmente como legítimas, como de importância para estimular certo “bom gosto”, necessário para o êxito escolar (BORDIEU, 1999).

Não é surpreendente, pois, que muitos desses órfãos do cursinho pertençam, também, a outras comunidades de temas parecidos, tendo em comum a semelhança de gosto por alguns hábitos culturais que, compartilhados com antigos colegas de maneira virtual, podem significar a dificuldade de compartilhá-los no seu meio social e cultural. Esta semelhança não deixa de sinalizar que este gosto em comum pode ter sido adquirido por meio das atividades desenvolvidas no cursinho. As falas expostas traduzem o impacto da abertura para o mundo da literatura, do teatro e do cinema nas citações contínuas de filmes chamados de “*cult*” ou alternativo e na existência de comunidades virtuais frequentadas por eles com títulos bem sugestivos: “Vou ao cinema sozinho”, “Filmes alternativos – eu gosto”, “Cinema Alternativo”, “Cinema Europeu”, “Laranja Mecânica”, “Amélie Poulain”. Essas comunidades compõem um gosto padrão, determinado a partir do que poderia ser considerado como a boa música (em geral, “MPB”- Música Popular Brasileira) ou bons músicos tais como: Chico

Buarque, Elis Regina, Pixinguinha, Cartola. Em alguns casos existe uma junção de estilos diferentes, como por exemplo, comunidades de música sertaneja, *black music*, *pop rock*, músicas de gosto mais popular, como se as comunidades adicionadas ao perfil tentassem dar conta de dois “mundos” que não se relacionam. Pois, do trãnsfuga é exigida uma mudança de valores, uma conversão da sua atitude em relação ao gosto padrão, ou seja, valorizado pelas classes dominantes, que é inseparável de uma conversão das disposições frente ao futuro. É o que distingue os membros da comunidade “Órfãos do cursinho” dos ex-alunos dos cursinhos freqüentados pelas classes médias, dado o controle a que foram submetidos para transformar sua existência durante o tempo em que o freqüentaram numa sucessão ininterrupta de atividades escolares intensivas, apresentadas como extra-escolares, rigorosamente reguladas e controladas, com efeito semelhante ao que Bourdieu descreveu para a elite das classes preparatórias das grandes escolas francesas (Bourdieu, 1981).

Um dos efeitos reais dessa ação educativa pode ser visto na transcrição abaixo, retirada de uma página do caderno de campo da autora, a qual descreve a minha impressão da mesma como ex-aluna do cursinho DCE durante uma visita de pesquisa feita ao Herbert de Souza, um cursinho popular existente na periferia de Campinas. Fundado por ex-alunos do cursinho DCE junto com funcionários da UNICAMP, ele se configura, além de cursinho, como um centro cultural no bairro, razão pela qual, essa anotação pode ajudar a entender um dos efeitos dos mecanismos específicos do trabalho realizado nestes lugares que preparam oriundos dos grupos populares para o vestibular, em especial, pela postura marcante de uma estudante encontrada no caminho da visita, destacando-a dos demais freqüentadores do bairro:

19 de outubro de 2008.

Eu sabia que o bairro onde o cursinho se localiza ficava distante de onde moro, mas nunca imaginei que seria uma longa viagem. Peguei o ônibus por volta das 18:00, não supus que levaria mais de 40 minutos pra chegar ao meu destino. Esse é um horário considerado de “pico”, momento em que as pessoas estão voltando dos seus trabalhos, da escola, inclusive os próprios estudantes do cursinho. O trajeto durou aproximadamente uma hora e vinte minutos, muito engarrafamento, o ônibus lotado e uma sensação de sufocamento. Numa certa altura do caminho vi uma moça passara roleta. Imediatamente pensei: essa moça está indo para o cursinho. Ela tinha um jeito diferente da maioria das pessoas ali. Uma negra alta, com tranças no cabelo, calça jeans, tênis e uma bolsa a tiracolo, mas não eram suas roupas que a destacavam, mas sim a *hexis* corporal. Era perceptível a diferença de postura entre ela e aqueles que eu julgava estar voltando do trabalho. Sentou-se tirou um livro da bolsa e começou a ler. Ao descermos do ônibus não a perdi de vista e fui seguindo-a até chegar ao cursinho. O cursinho é de fácil acesso, se localiza ao lado do terminal de ônibus do bairro. Um lugar simples, que lembra muito as associações de bairro. Logo na entrada tinha um balcão, como de secretária de escola pública, e um rapaz a quem me apresentei, pois ele já havia sido informado da minha visita. As aulas já haviam começado e ele me falou pra entrar em qualquer sala que eu quisesse como se fosse uma aluna nova. Ele saiu da salinha pra me acompanhar, e assim como a menina do ônibus, também se vestia de uma forma que eu identifiquei como os alunos de algumas faculdades da área de humanas na Unicamp. Anotei “Cara da recepção, todo descolado, parece um IFCHIANO (termo usado para qualificar os alunos do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH). Escolhi uma sala, entrei e a primeira coisa que percebi foi que a menina do ônibus estava lá.

Tal depoimento denota a *hexis* corporal, no sentido proposto por Bourdieu, aquilo que permite a identificação das pessoas com determinado espaço social, no caso o desejo de entrar na universidade, vivenciado com a incorporação de valores ligados à ascensão pela escola e exteriorizado por meio do modo de falar, andar, gesticular e olhar. É fruto de aprendizagem e advém da construção de um determinado gosto cultural. Sobre este aspecto, o cursinho, representado pelos seus

professores, cumpriu a tarefa de fazer desabrochar essas disposições de favorecimento do jogo escolar.

Não é de se surpreender, portanto, que os professores do cursinho sejam vistos pelos alunos como próximos, amigos e iguais. A maneira dos professores falarem, se comportarem como donos de suas vidas, “descolados”, por exemplo, parece tê-los marcado, assim, como o fato de eles chegarem a dar aulas de chinelos, bermuda, e saírem direto da balada para o trabalho, e proclamarem seu amor pela UNICAMP. As mensagens mostram que isso estimulava os alunos a quererem entrar também nesta universidade para cujo acesso necessitavam desses exemplos e das informações que lhes faltavam no seio familiar e que eram prestadas por esses professores. Pelo que deixam perceber nas mensagens do *site*, esses jovens, geralmente, iniciavam o cursinho desconhecendo completamente informações sobre exames seletivos, cursos, carreiras, instituições, indispensáveis para pensar a continuidade de estudos em nível superior.

O estímulo dado pelos professores para que vislumbrassem a possibilidade de alcançar o universo universitário justifica que eles sejam o outro assunto recorrente nos recados deixados no *site*¹⁶. Sempre são lembrados por alunos de turmas e anos diferentes: “Alguém teve aula com o Helias Cohen de Química”, “quem teve aula com o Presuntinho de geografia”, “Prof. Eduardo de História”. Os professores são mencionados sempre sob aspectos positivos, as aulas são lembradas por serem interessantes, pelas piadas, as brincadeiras e maneira de ensinar. Alguns desses

¹⁶ SS. Beaud, *Pays de malheur! Um jeune de cité écrit à un sociologue* (La Découverte, Paris, 2004), estuda a importância dessas relações estabelecidas por alunos das classes populares com determinados professores, no caso Amrani, que encontra uma professora de história (comunista) que dava conselhos sobre que escolhas fazer no percurso escolar. Jailson de Souza e Silva, *Por que uns e não outros? Caminhada de jovens pobres para a universidade* (Sete Letras, Rio de Janeiro, 2003), também destaca a influência de alguns professores na trajetória e escolhas dos indivíduos, fosse pelo estilo pessoal, pela atenção particular concedida e/ou pela forma como desenvolvia o conteúdo da disciplina.

professores possuem até mesmo comunidades específicas feitas por alunos em sua homenagem.

Embora o nosso querido "Sanguenozóio" seja realmente bom pacas, isto era apenas, digamos assim, um pré-requisito:
- e quem lembra do polílinguista Fábio (geo geral) com suas histórias de quando morou em Kibuts?
- e a Cibele que, além de redações, era excelente cantora pelos bares da vida?
- e o Olivão, gênio da matemática?
- e o Dudu, que ensinava Física ao mesmo tempo que contava piadas naquele sotaque doido?
- e o ... ah, tem tantos!
E viva o ex-DCE, que foi um grande cursinho (eu digo isso no pretérito não porque não seja mais, mas porque não conheço como é hoje, viu professora Gabriela - a madame da Gramática) que ensinou, além de macetes para vestibulares, a viver! Se não fosse os professores(as) - TODOS - hoje teriam muitos cabaços dentro das melhores universidades do país!

Na perspectiva de propiciar a construção de um projeto de vida futura havia, por parte dos professores, a preocupação em muni-los com informações sobre as instituições de ensino superior, sobre concursos, empregos, bolsas de estudos, pois, ao ignorar as possibilidades existentes, esses jovens, estariam limitados também em relação às opções das escolhas.

Dessa forma, no fórum, o cursinho se apresenta como uma “família de substituição” na qual, para além dos conhecimentos específicos, ele teria contribuído para incorporar comportamentos fundamentais que modificaram o posicionamento do indivíduo em relação a si e ao seu posicionamento no mundo.

OS ÓRFÃOS DO CURSINHO DCE DESENHADOS NO “PERFIL”

É pra me descrever mesmo?! (ex aluno, 1996)

Os órfãos do cursinho DCE desenhados no perfil foi o foco de interesse, deste trabalho, por mais detalhes das vidas desses indivíduos capazes de esclarecer os acontecimentos posteriores. Para que isso se desse, foram realizadas visitas a alguns perfis individuais, isto é, a página pessoal dos membros do *Orkut*, tendo em vista o fato de que no desenho do perfil pode-se selecionar, das informações escolhidas para serem expostas, aquelas que dizem algo sobre o indivíduo, ou pelo menos elementos para uma leitura sobre quem ele é.

A página do perfil importa porque se o fórum destaca mais a passagem pelo cursinho, as vivências, a socialização, o *Perfil* disponibiliza uma série de informações capazes de agrupar características semelhantes ou divergentes entre os órfãos do DCE, além de informar sobre o destino social e profissional deles. De maneira geral elas podem ser agrupadas dentro de temas como escolarização (escolas em que estudou, professores, universidade), gosto artístico (cinema, artes e música) e de ligações pessoais (família, religião, amigos, profissão, visão política). Alguns privilegiam as informações profissionais, relacionadas ao trabalho que desenvolve e a área de formação; outros aspectos mais pessoais como família, amigos, viagens e amenidades. Uns mesclam informações que transitam entre o meio de origem, os vínculos atuais e fatores relacionados ao trabalho e a formação universitária.

O *Perfil* forneceu ao trabalho muitos elementos para a elaboração de algumas variáveis que foram trabalhadas a partir da amostra de ex-alunos: origem social, tipo de escolarização, sensação de sucesso, realização profissional, inserção social. Isto porque as pessoas escancaram uma intimidade devassável: costumes muito íntimos, manias, hábitos de alimentação, de dormir, preferências musicais, que são elementos importantes para a identificação dos indivíduos pesquisados.

Nascidos entre o final da década de 1970 e meados de 1980, com idade entre 25 e 33 anos, primeira geração de universitários da família, como esperado, apresentam um avanço muito grande em relação à escolarização das duas gerações anteriores. A maioria dos avós não frequentou a escola e, quando isso se deu, não ultrapassou a 4ª série do ensino fundamental I. Já a escolaridade dos pais e das mães fica concentrada no ensino fundamental II, com alguns casos de ensino médio completo. A amostra apresenta também alguns casos de ensino superior incompleto e dois casos de superior completo. De forma geral os pais exercem atividades manuais e as mães são donas de casa, auxiliares de serviços gerais e empregadas domésticas.

Com esses dados obtidos a respeito da imagem feita de si mesmo na construção do “Perfil” e os dados sobre as propriedades sociais do indivíduo, das famílias e o sexo foi possível construir uma amostra a partir do que havia de comum entre eles e em que se diferenciavam. Por isso, procurou-se entender a situação alcançada a partir dessas variáveis.

O resultado foi a classificação desses 43 ex-alunos contatados em três grupos, que aqui apresento como A, B e C.

O grupo A representa os que demonstram um sucesso pessoal e profissional. É composto de 16 indivíduos, na maioria mulheres: são nove mulheres e 7 homens

distribuídos da seguinte forma: 6 pessoas formadas na área de biológicas (Ciências Biológicas, Enfermagem, Zootecnia e Ciências de Alimentos) e 6 em exatas (Química, Física, Tecnologia e Engenharia) e 4 em humanas (Economia, Turismo, Letras e Pedagogia). Seus perfis são compostos por informações que unem a passagem pela escola, a família e a inserção profissional. Os pais trabalham na mão-de-obra especializada, as mães, no geral, são donas de casa. Considerando pais e mães, a escolarização é de nível fundamental completo e nível médio, com, apenas, um caso de formação superior.

O grupo B apresenta certo descompasso entre a realização profissional e a pessoal. Está composto de um número ainda mais elevado de mulheres. São 13 mulheres para 3 homens. As formações concentram 7 na área de humanas (Letras, Economia, Pedagogia), 5 biológicas (Ciências Biológicas, Nutrição e Educação Física) e 4 em exatas (Física, Química). Diferentemente do grupo classificado como A, os indivíduos classificados neste grupo apresentam poucas informações sobre a família e a passagem pela escola, talvez pelo fato de os pais ocuparem empregos manuais e as mães, diferentemente do grupo anterior, trabalharem como auxiliares de serviços gerais e empregadas domésticas. Em termos de escolarização, a classificação foi feita, tendo em vista o fato de a mesma estar situada entre os ensinos fundamental I, II e o médio, de onde talvez tenha vindo o silêncio dos seus filhos sobre o acontecimentos escolares marcantes na família.

O grupo classificado C é o que apresenta o menor número de informações pessoais nos perfis verificados. De maneira geral, seus componentes pertencem à comunidades voltadas para temas diversos sem ligação com o curso de formação ou a vida profissional. Nele encontra-se apenas um homem, entre dez mulheres. Estes

onze indivíduos são oriundos de cursos mais voltadas especificamente para a área social (Pedagogia, Jornalismo, Ciências Sociais, Administração, Artes). Os pais e mães exercem atividades manuais e a maioria tem o ensino fundamental II incompleto como escolarização. Em relação aos grupos anteriores, além da ausência das ciências físicas e biológicas, da hierarquia social e da presença feminina quase absoluta, destacam-se os forte vínculo religioso de todos eles: são evangélicos.

A compreensão das classificações acima, realizadas com a ajuda do *Perfil*, ao enfatizar a origem social e as escolhas de curso - que se diferenciam em cada um dos três grupos -, traz uma indagação sobre o significado do êxito no vestibular para esses jovens, dentro da conjugação de fatores que compõem a trajetória deles ao ensino superior.

Nesta indagação, uma resposta pode ser vislumbrada a partir do tópico de maior adesão da comunidade: “Qual sala vc estudou e o q faz agora?”. As respostas dão a sensação de uma prestação de contas em relação aos demais membros, uma forma de responder a curiosidade existente sobre os destinos dos colegas e ao mesmo tempo exibir uma conquista. Além de lembrar em qual ano, sala e período freqüentaram o cursinho, nele os ex-alunos registram seus destinos dizendo em que universidades e cursos ingressaram. A maioria responde com muita ênfase que ingressou nas prestigiadas universidades estaduais paulistas, UNICAMP, USP e UNESP, como se pretendessem marcar a importância desses lugares que foram tão desejados pelos mesmos.

Mas são nas entrevistas realizadas, posteriormente, que estes estudantes indicam com mais precisão o lugar do cursinho em sua formação: “fazer coisas que antes não faziam”, “a descoberta e o prazer delas”, “se divertir mais, freqüentar bares,

cafés, feiras”, conforme afirma um deles ao se lembrar da primeira vez em que entrou num teatro junto com a turma do cursinho. Há relatos de que, em alguns finais de semana, nem voltavam para casa, tendo, o cursinho, visto quase como uma residência secundária, preenchendo o “buraco” deixado pela família e pela escola na vida desses estudantes, na caminhada rumo ao ensino superior. A fala um tanto atrapalhada de uma das entrevistadas, classificada no grupo C e que depois de cinco tentativas matriculou-se no curso de Pedagogia da UNICAMP, exemplifica bem o significado do cursinho DCE para esses “órfãos” saídos das chamadas classes populares, “filhos da democratização” escolar.

Daí eu fiquei sabendo do cursinho do DCE nesse ano, só que não sei bem como, acho que foi uma professora da escola que falou para mim. Foi em 97. Trabalhava de dia e estudava à noite. Ah! Para mim foi uma experiência transformadora (a do cursinho). De lá eu tenho amigas até hoje. Tenho três amigas, ficamos juntas, estudamos juntas. Uma fez pedagogia na UNICAMP também. Outra fez biologia na UNESP e a outra não continuou. Para mim (o cursinho) foi a mudança da visão que eu tinha de mundo. Acho que era muito ingênua, ele abriu a minha cabeça de tal forma, tudo mudou para mim.... A melhor coisa que aconteceu na minha vida foi ter ido fazer cursinho no DCE. Eu era muito tímida, eu era muito fechada, não tinha amigos. (O cursinho trouxe) essa coisa de ir atrás de um objetivo comum. Uma coisa muito boa pra minha auto-estima, porque de repente eu estava vendo que podia fazer as coisas. Porque eu fiquei com esse estigma de me sentir burra, incapaz por muito tempo. O que eu mais gostava era da aula de história e da de geografia. Daí eu vi coisas que nunca tinha (visto) ouvido...fui saber o que era esquerda. Porque eu acho que se meus pais não tivessem se separado, a minha vida seria muito diferente, porque meu pai era muito presente nessa parte de estudos, mas ele bebia, então chegou uma hora...eu acho que a vida dele era tão difícil para ele mesmo que ele não conseguia mais lidar com isso. Nessa parte ele me fez muita falta. É lógico que a minha mãe fez o melhor que ela podia também com as condições que ela tinha, mas ficou uma ausência. Então ficou um buraco que o cursinho preencheu. Ali eu fui saber o que era esquerda, o que era direita, fui me interessar mais pelas coisas, eu fiz amigos, fui

me sentindo mais segura, comecei a sair com as pessoas, sair para conversar ... a gente ia para o cinema, por exemplo, tinha uma sessão de cinema que acontecia no cursinho...Lanterna Mágica...eu ia com as minhas amigas, saía para comer alguma coisa. Quando eu saí de lá no primeiro ano eu já era muito diferente, falava mais, se alguém ia discutir alguma coisa, eu queria falar. É até difícil, hoje em dia quando eu falo que eu era tímida, não falava com ninguém as pessoas (dizem)...não, como pode??...mas também teve outras coisas, nessa época eu senti que essa timidez atrapalhava muito e eu resolvi ir para terapia.Foi nesse contexto que tudo começou a se abrir. Porque tem coisas que eu aprendi para vestibular, mas tem coisas que foi para minha vida.(Entrevista de pesquisa, 10/07/2009)

III – APÓS O CURSINHO DCE

A democratização do ensino levada a efeito nos anos 90 e o cursinho como um lugar que acolheu aqueles que vindos de boas escolas de ensino médio puderam aí chegar, propiciaram a chegada na universidade desse novo público proveniente das classes populares e ordenaram o desenrolar da luta pelo reconhecimento na vida profissional.

Muita coisa já foi dita e escrita sobre a situação de chegada desses grupos populares ao ensino superior e a sua democratização. E mesmo os tópicos da “comunidade dos Órfãos” oferecem um conjunto grande de palavras de ordem política, de *slogans* pedagógicos sobre o que significou esse acesso. A mídia, professores e pais de alunos, também tem vindo a público comentar as dificuldades e os ganhos dessas políticas que vem sendo postas em prática, tanto pelo governo, quanto pelos movimentos sociais visando a democratização.

Mas essa inflação de discursos ligada a essa política voluntarista de prolongamento da escolaridade, ao mesmo tempo em que permite esclarecer o crescimento das possibilidades de ingresso, tanto em termos de expectativa de rompimento de barreira, quanto em termos numéricos, escondem as contradições que esses indivíduos viveram no ambiente universitário. Os próprios membros da “comunidade dos órfãos” ao tocar nesse assunto dão a sensação de prestação de contas aos demais membros enfatizando somente o ingresso nas prestigiadas universidades estaduais, como que necessitando marcar a importância que o cursinho teve para o rompimento de um destino familiar, ou de uma “casta social”, como fortemente expressou um deles na resposta ao questionário de pesquisa que lhe foi enviado. No desejo de conferir ao cursinho o lugar da boa paternidade, o que propicia o melhor para os seus filhos, conduzindo-os as portas da universidade públicas, esconde-se o grande esforço envolvido na aquisição das disposições necessárias para ultrapassar as barreiras do acesso. Dessa maneira, tanto os discursos ligados às estatísticas oficiais, quanto às falas dos tópicos da comunidade, ao explorar somente o lado do ingresso acabam escondendo também as contradições vividas no ambiente da universidade.

É sobre essas contradições que esse capítulo vai tratar com base nos dados estatísticos oficiais sobre ingresso no curso superior (INEP/MEC, IBGE), nas entrevistas que realizei com ex-alunos do cursinho e ainda alguns outros tópicos da comunidade Órfãos do cursinho DCE UNICAMP.

OS DADOS ESTATÍSTICOS

A bibliografia sobre a educação superior, sofrendo a pressão da expansão do ensino, está basicamente voltada para demonstrar a aceleração da democratização do ensino que se manteve estagnada ao longo da década de 80. Em geral, isso é demonstrado nos dados estatísticos produzidos pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) sobre a projeção de matrículas do ensino superior, e reproduzidos em importantes trabalhos como os de Simon Shwartzman (2000) e Carlos Benedito Martins (2000).

Tabela 1 - Evolução do Número de Vagas nos Processos Seletivos, na Graduação Presencial, por Categoria Administrativa - Brasil 1993-2003

Ano	Total	Δ %	Pública	Δ %	Privada	Δ %
1993	548.678	-	171.627	-	377.051	-
1994	574.135	4,6	177.453	3,4	396.682	5,2
1995	610.355	6,3	178.145	0,4	432.210	9,0
1996	634.236	3,9	183.513	3,0	450.723	4,3
1997	699.198	10,2	193.821	5,6	505.377	12,1
1998	803.919	15,0	214.241	10,5	589.678	16,7
1999	969.159	20,6	228.236	6,5	740.923	25,6
2000	1.216.287	25,5	245.632	7,6	970.655	31,0
2001	1.408.492	15,8	256.498	4,4	1.151.994	18,7
2002	1.773.087	25,9	295.354	15,1	1.477.733	28,3
2003	2.002.733	13,0	281.213	-4,8	1.721.520	16,5

Fonte: MEC/INEP, 2004

Outros pesquisadores insistem em descrever este crescimento como decorrente da expansão ocorrida anteriormente no ensino médio, em razão do forte investimento do setor público. Ao associar este investimento com o aumento do

número de pessoas que concluiu os estudos do nível médio, Yvonne Maggie (2001), por exemplo, demonstra que este crescimento populacional no nível médio resulta de produção de números nos órgãos oficiais provenientes de políticas do governo de retenção de estudantes do ensino fundamental, ou seja, como, por exemplo, a adoção da progressão continuada.

A vontade de avaliar os efeitos dessas medidas do governo traduz, então, a importância dos discursos dos especialistas sobre o tema das igualdades de chances associada ao número de alunos dentro da escola e disseminada em várias estruturas de pesquisa: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), Instituto Brasileiro (IBGE), Comissão para o Vestibular, entre outros.

Esses diversos lugares de pesquisa explicam a diversidade dos temas tratados e utilizados nos anos 1990-2000 para tratar do crescimento no número de ingressos no ensino superior. São estudos estatísticos feitos a partir do tratamento dos dados pelo Ministério da Educação (MEC) ou Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, estudos como o de Luiz Antonio Cunha (2000), por exemplo, traduzem a aceleração do aumento do número de vagas no ensino superior, mostrando uma ampliação de 209% no número de alunos atendido pelo setor em oito anos, tendo passado de 1,2 milhões de estudante para 3,5 milhões. Não sendo esses números produzidos a partir de reflexão sociológica, e sim de dados dos órgãos oficiais do governo, esses estudos acabam não dando conta do entendimento de como as categorias que antes utilizavam pouco a escola, vivem a passagem pelo curso superior. Os produtores dos dados oficiais acabam, dessa maneira, falando sobre educação no lugar dos educadores. Estes, por sua vez, se dobram a essas figuras que

são impostas por governantes esclarecidos que instrumentalizam a ciência na política¹⁷.

Na trajetória dos “órfãos do DCE”, por exemplo, é flagrante a existência de um investimento escolar prévio em boas escolas públicas antes da entrada no cursinho. O vestibular para o curso superior implicou num anterior exame para ingresso no cursinho e muitos dos 43 ex-alunos da minha amostra se submeteram a mais de uma tentativa para aí ingressarem e a várias outras para o ingresso na universidade.

Da mesma forma que os trabalhos baseados nos dados estatísticos oficiais evitam o trabalho sociológico de compreensão da situação real desses grupos populares interessados na extensão de sua escolaridade, no tópico de maior adesão da comunidade dos Órfãos – “Qual sala vc estudou e o q faz agora?”-, com 76 respondentes, a lacuna é grande quando se trata da passagem pela universidade. As relações estabelecidas, o desempenho acadêmico, o envolvimento político e científico, sentimento de ilegitimidade e inferioridade cultural que foram vistos nas entrevistas de pesquisa realizadas, não aparecem na comunidade e muito menos nas estatísticas oficiais. Entretanto, esses fatores são de grande importância para entender as dificuldades vividas dentro da universidade cursada em sua grande maioria no período noturno, dentro de cursos de licenciatura menos valorizados profissionalmente, com dificuldade para acompanhar o curso, “com vergonha de falar”, “dificuldade de escrever”, “dor de barriga nos seminários”, como relatou uma

¹⁷ Ver sobre o assunto POUPEAU, Franck. *Une sociologie d'Etat: L'école et ses experts en France*, ed. Liber, Paris, 2003.

das entrevistadas que após cinco anos prestando vestibular conseguiu o diploma de Pedagogia e hoje continua funcionária pública numa prefeitura, no mesmo cargo em que foi admitida na época da graduação. Filha de funcionário público, mãe doméstica, criada no interior de São Paulo, seu depoimento é exemplar para mostrar as dores sentidas na sua passagem pela universidade, após a perda do cursinho que lhe dava segurança na timidez e na coragem para enfrentar contato com pessoas novas, para poder “ouvir as coisas” e “ler aquelas coisas”, até então, desconhecidas.

Ah! foi ótimo...foi muito legal, foi emocionante. Porque eu lutei muito pra conseguir entrar, foram 5 anos. Tem gente que não consegue, que para. Eu não, eu falava eu vou conseguir, eu vou conseguir. Tudo bem que no último ano eu já estava bem frustrada, eu tava perdendo as forças mesmo, mas foi uma coisa muito boa, é...lá eu tive contato com muita gente, era muito legal ir nas aulas e ouvir as coisas, e sabe...ler aquelas coisas novas. Eu era muito barrada com a questão de ser tímida, muito sempre, sempre...no meio do curso eu já conseguia falar, dar a minha opinião, mas foi um processo conjunto, a terapia, a faculdade e tal..., No final do curso aconteceram algumas coisas na minha vida e eu comecei a ter dificuldades com a faculdade... mas era uma coisa minha, não era problema da instituição uma vez que eu tive pânico de ir num seminário, me deu dor de barriga, eu vomitei, eu lembro que as meninas ficaram putíssimas comigo porque era um trabalho em grupo(depois ela relata mais detalhes desse momento quando a entrevista não estava mais sendo gravada) e dependiam de mim, mas não era uma coisa...eu sei que não era uma coisa deles, da instituição, era um problema meu mesmo, até aí eu acompanhava bem. Eu não acho que fosse uma aluna genial, mas acompanhei bem, passava em todas as matérias.Eu acho que...com as pessoas em si, não, mas intelectualmente isso vinha....Intelectualmente, essa coisa vinha e voltava...tinha vergonha de falar, medo de falar besteira, de ter dificuldade de escrever porque ia escrever besteira, sabe esse tipo de coisa? De alguém... da professora falar: você é burra, isso que você escreveu está medíocre. Quando eu fiz o TCC , por exemplo, quando eu consegui terminar, o professor falou: tá bom...aí eu chorei horrores e ele perguntou: mas pq você ta chorando?Eu falei: você ta sendo bonzinho comigo, porque eu vim de um lugar eu não quero que você seja bonzinho comigo. Mas eu não to sendo bonzinho com você, não é uma tese de doutorado, é um TCC, você se cobra demais.

(Entrevista de pesquisa 10/07/2009).

O estudo sobre o acesso dos meios populares ao ensino superior, portanto, me conduziu para questões centrais relacionadas a estas contradições diferentemente do que prolifera nos trabalhos consagrados ao tema e do que se torna objeto da mídia.

A ENTRADA NA UNIVERSIDADE

A primeira questão seria, pois, saber em que cursos essa população advinda dos cursinhos populares ingressou pensando numa carreira profissional. O quadro abaixo demonstra os cursos escolhidos pelos 43 indivíduos pesquisados, sendo que desses apenas 5 ingressaram em universidades privadas, destacando um dos dois ingressos em engenharia. Como se pode verificar abaixo, os cursos de maior preferência são Pedagogia, Ciências Biológicas, Química e Tecnologia. Como se vê, são cursos que se situam bem distantes daqueles com ênfase em aspectos teóricos, abstratos e lógicos, evidenciando que os cursos aqui citados são da modalidade de licenciatura.

Tabela 2 – Curso do Ensino Superior dos egressos do DCE

Curso	Frequência
Pedagogia	6
Ciências Biológicas	5
Química	4
Tecnologia	4
Educação física	3
Física	3

Letras	3
Economia	2
Ciências Sociais	2
Engenharia	2
Ciências dos Alimentos	1
Administração	1
Zootecnia	1
Nutrição	1
Turismo	1
Matemática	1
Artes	1
Jornalismo	1
Enfermagem	1
TOTAL	43

Os cursos apresentam características comuns ao acesso das classes populares ao ensino superior, em especial nas instituições públicas. De certa forma o percurso percorrido até a universidade, a relação com alguns professores, a tentativa de potencializar as chances de acesso com uma menor concorrência candidato/vaga, influenciam muito na escolha do curso. A concentração das escolhas na área de ciências humanas e biológicas é comum a todos os pré-vestibulares populares. Em todos os estudos sobre a temática dos cursinhos aos quais tive acesso, a opção dos cursos escolhidos por seus ex-alunos é sempre destacada como sendo, em sua grande maioria, de menor prestígio, menos competitiva na relação candidato/vagas, conforme afirma Yvonne Maggie (2000), ao dizer que “os novos bacharéis vem das

periferias e acabam chegando às universidades públicas em carreiras não tão prestigiosas como aquelas dos bacharéis do século passado.

Poder-se-ia supor uma história do acesso das classes populares ao ensino superior sendo construída de maneira a ocupar espaços deixados pelos grupos dominantes se comparamos estes cursos com os de alunos originários de famílias de classe média alta, que estão inseridos nos cursos de maior prestígio ou tradicionais, que dão acesso às carreiras mais valorizadas socialmente, nas quais a renda média é elevada (Medicina, Engenharia, Arquitetura, Direito), enquanto os oriundos de família com baixo poder aquisitivo, em sua maioria, optam por cursos cuja relação candidato/vaga é menor (Pedagogia, Letras, Ciências Sociais, Educação Física)¹⁸. Ou seja, na maioria das vezes são cursos voltados para a licenciatura, e mesmo quando ingressam nos cursos de bacharelado optam por fazer também a licenciatura.

Assim, ao que parece, a entrada das classes populares nas universidades se dá em espaços que não são de interesse das classes médias e altas, principalmente nas licenciaturas. Essa tendência pode ser vista por meio dos dados de um dos principais vestibulares do país, e também o destino da maior parte dos ex-alunos do cursinho DCE UNICAMP, o vestibular da UNICAMP. Uma demonstração da porcentagem de ingressantes no curso de Pedagogia Noturno no vestibular de 2009, que apresenta uma relação candidato/vaga de 8,8, em relação a renda, mostra que a maior parte dos ingressante se concentra na faixa entre 3 e 5 salários mínimos e a maioria é proveniente do ensino público.

¹⁸ Dados do último vestibular da UNICAMP – ano 2009, referentes à relação candidato/vaga de alguns de seus cursos, nos dão uma idéia da concorrência segundo as carreiras: Medicina (78,9), Ciências Biológicas Integral (32,7), Ciências Biológicas Noturno (13,2), Engenharia Química (30,5), Educação Física Integral (7,1), Educação Física Noturno (5,8), Letras Integral (11,7), Letras Noturno (13,3), Pedagogia Integral (5,4), Pedagógica Noturno (8,8). Fonte: www.comvest.unicamp.br

Gráfico 1: renda familiar ingressantes curso de Pedagogia noturno 2009

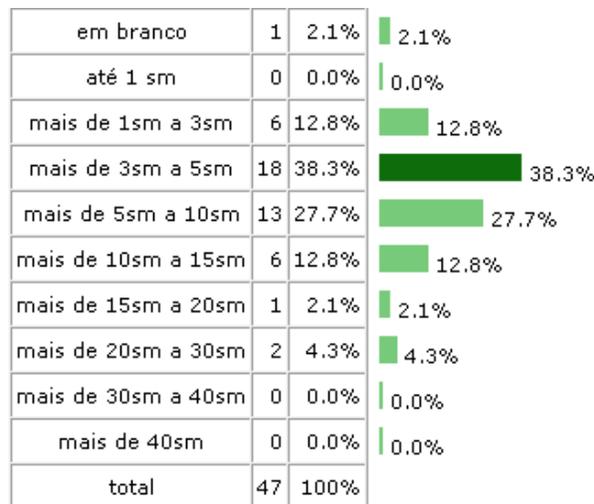
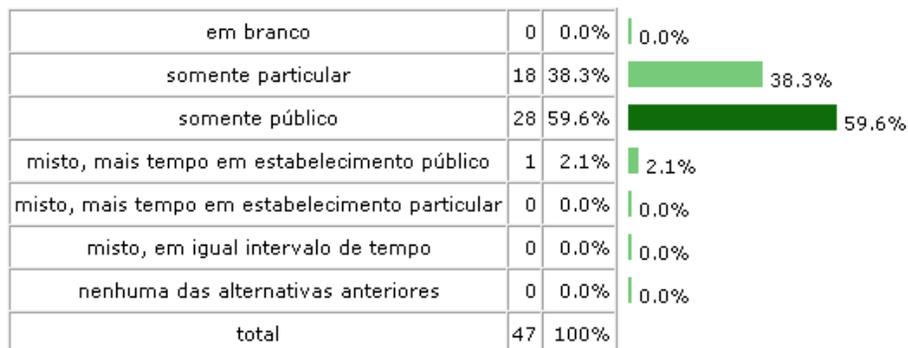


Gráfico 2: origem escolar ingressantes curso de Pedagogia noturno 2009



Ao comparar esses mesmos dados com os do curso de Medicina, o mais concorrido do vestibular da UNICAMP com uma relação candidato/vaga de 78,9 no mesmo ano que o curso de Pedagogia, é possível ver que os ingressantes são provenientes de faixas de salários mais altas, concentrados entre 20 a 30 salários mínimos com um expressivo número na faixa de mais de 40 salários e provenientes do ensino privado.

Gráfico 3: renda familiar ingressantes curso de Medicina 2009

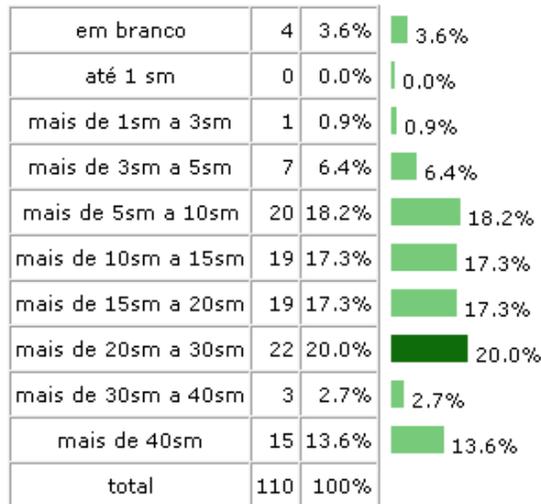
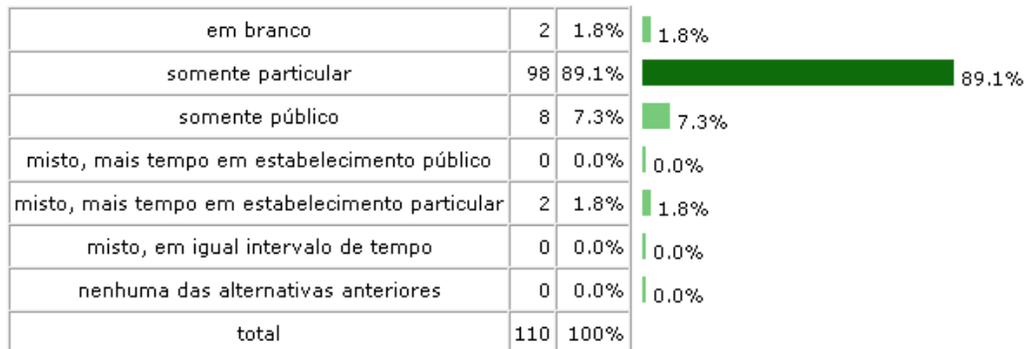


Gráfico 4: origem escolar ingressantes de Medicina 2009



Existe uma abertura do acesso, porém, a existência das várias hierarquias dentro do ensino superior se mantém, mesmo com a entrada desses novos atores sociais e a disputa pelo espaço, permanece a elitização e há mesmo um crescimento desta quando se trata do acesso aos diversos cursos oferecidos. É necessário considerar que a orientação diante de carreiras valorizadas se processa por uma hierarquização profissional ditada por razões históricas, culturais e econômicas e não

apenas por mérito. Apesar de um relativo aumento dos ingressantes vindos das escolas públicas, ao que tudo indica, nesses anos não houve variações quanto a este tipo de entrada na universidade.

Ao examinar os dados estatísticos de ingresso na UNICAMP para comprovar o número de alunos provenientes das classes populares nessa universidade, tive a curiosidade de olhar os dados do ano de 2002, que foi o do meu ingresso. Desta vez no período diurno, onde menos egressos da escola pública se inscrevem, observei que no curso em que entrei, Pedagogia, nas questões referentes a renda, escolaridade dos pais, tipo de escola do ensino médio, só havia uma pessoa que correspondia a esses dados entre os 45. Provavelmente era eu, pois as respostas do meu questionário socioeconômico de quando prestei vestibular foram: renda entre 1 a 3 sm, pais nível de escolaridade primária, proveniente de escola pública.

Assim, considerando os cursos de licenciaturas noturnos como um dos principais destinos dos ex-alunos do DCE, a condição de estudante trabalhador se mantém para a maioria dos indivíduos, 22 declararam que exerceram atividade remunerada, logo muitos desses freqüentaram a universidade no período noturno. A condição de bolsista trabalho (bolsa concedida pela universidade levando em consideração a condição socioeconômica do aluno) e também de bolsista de Iniciação Científica foi vivenciada por 15 indivíduos. Isso aponta para o fato de que a universidade ser pública, portanto gratuita, foi um fator decisivo para que o prolongamento da escolarização fosse possível.

AS INCERTEZAS DA INSERÇÃO PROFISSIONAL

A odisséia pós-universidade demonstra a dificuldade vivida após a sensação de fazer parte de um lugar prestigioso, com reconhecimento familiar e social, e que com o passar dos anos se transforma em “descrença sobre a mobilidade social propiciada pelo título de graduado”, conforme a resposta do questionário enviado aos ex-alunos do cursinho durante a pesquisa.

A expectativa frustrada no momento da inserção profissional, vendo currículos após currículos serem enviados sem qualquer resposta, é dolorosamente sentida por aqueles que conseguiram um êxito escolar inexistente na família de origem, “incluindo irmãos, primos, tios do lado da minha mãe e pai”, que não chegaram a cursar uma universidade.

Adriano, bem escolarizado, tendo cursado a escola técnica, freqüentado curso de Alimentos na USP, sofreu várias decepções antes de se mostrar entusiasmado e cheio de esperanças no novo emprego que ele conquistou, com a ajuda da amiga da mãe. Independentemente do curso em que se graduou como se pode acompanhar na entrevista de pesquisa abaixo.

[...] e nessa época do estágio o inglês, era uma martelada na minha cabeça. Ah! Você fala inglês, você tem experiência na AMBEV na área de alimentos. Eu tinha feito vários estágios na área de alimentos também durante o curso. Fiz na COSAN Açúcar e Alcool, estágio na EMBRAPA lá de Passo Fundo...eu fui fazendo um monte de coisas e todo mundo “ah! você ta dentro”. Olha que legal (riso), mandei quinhentos currículos, que eu tenho a lista até hoje guardada, e não fui chamado pra nenhuma entrevista. Sabe-se lá Deus o que havia de errado comigo ou com o currículo. Mas eu levei (o currículo) pro professor olhar, tava tudo bem. Ia todo mundo sendo chamado e eu, que teoricamente ia ser o primeiro a pegar o estágio, nada. Chegou dezembro, nada. Já tinham ido as

grandes seleções...Sadia, Perdigão, Monsanto. Processos bacanérrimos e eu não passei em nenhum. Mas não foi... porque eu... acredito que nada é por acaso e aí eu realmente falei assim: bom agora eu recebi uma proposta da minha orientadora de estágio, uma antiga orientadora, pra eu trabalhar no laboratório que ela tinha. Um laboratório pequeno... pra montar um manual de qualidade do laboratório. O laboratório era novo e não tinha nada disso, e pra ter certificação ISO eles iam precisar. Como era muito metódico sou até hoje..aceitei. Não era o que eu queria, não ganhava muito bem, não era registrado, era em Piracicaba. Fiquei baqueado...essa situação, frustração... muito difícil eu ter que aceitar tudo isso e ter que dizer por meus pais que eu não estava trabalhando nos melhores empregos do Brasil... foi difícil. Eu comecei a ficar tão pra baixo, tão deprimido, que eu não aguentava mais morar em Piracicaba. Todos os meus amigos estavam indo embora e eu comecei a me frustrar, comecei a chorar, comecei a ter depressão mesmo, quase entrei no estágio de depressão e síndrome do pânico. Aí foi onde eu resolvi vir embora (para Campinas, casa dos pais), falei pro meu pai, engoli o orgulho e falei: pai vou voltar pra casa. E ele respondeu: ah! Vem. O que eu vou falar?...e aí quando eu decidi voltar pra casa minha mãe chegou pra mim e falou: tem uma amiga minha, a filha dela trabalha na TEXACO. Você não quer mandar seu currículo? ... TEXACO...é uma vaga para *call center*... eles não pedem formação específica... qual o salário? ...1200 reais? Para quem estava desempregado em 2005... foi isso. Não era uma vaga efetiva, era uma vaga temporária. Eu falei, beleza, estava sem dinheiro nenhum, vou pra Campinas ganhar dinheiro, começo a mandar currículo pra empresas de alimentos... vou voltar pra área. Só que o lance na TEXACO deu tão certo, tão certo, que em um mês eu fui efetivado. Meu Deus! Tudo dava muito certo, o universo estava conspirando ao meu favor e os currículos... eu continuava enviando. Não era chamado pra nada... eu era chamado e nunca passava... meu Deus do céu, o que acontece... cinco, seis entrevistas em grande empresas... eu fiz na Down Química, não passei. Eu devo ser uma merda, passei na TEXACO... será que na TEXACO não exigia muito? Enfim, meu inglês na TEXACO foi a menina dos olhos, porque ninguém lá de onde eu estava sabia falar inglês a não ser o gerente e eu virei o braço direito dele pra tudo que era relacionado a inglês. Porque era uma multinacional, então tudo era eu que traduzia... fazia, coisa que era pra supervisão passava pra mim que era um pivetinho. Eu tinha seis meses, fui efetivado no *call center* mesmo, com a vaga de *telemarketing*, mas eu não atuava no *telemarketing*. Após seis meses uma das supervisoras ia entrar em licença maternidade, ficar 6 meses fora, praticamente. A minha gerente falou: Eu queria que você fosse cobri-la. Você vai cobrir a licença dela [...].Quando ela voltou e eu iria ter que voltar para minha posição abriu uma vaga na supervisão e eu automaticamente entrei. Quando eu entrei na supervisão, entrei pra trabalhar com satisfação de cliente, aí meu salário duplicou. Não tinha mais esse lance de ficar atendendo no *telemarketing*, que era estressante. Eu era supervisor, tinha certo

status, digamos assim, e também uma estabilidade muito grande, porque todo mundo confiava naquilo que eu fazia e no lance de satisfação de cliente, a última palavra era a minha. Aquilo foi me dando uma satisfação muito grande, porque era aquilo que eu queria, era uma empresa multinacional, um cargo bacana, um aprendizado legal, porque eu tinha muito o que aprender como gestor de pessoas. Enfim, foi uma escola e foi rápido. Eu desisti de mandar currículo, parei de verdade...eu parei de mandar currículo. Quando eu tava desanimando da TEXACO, eu falava: vou voltar a procurar emprego na minha área. Aí algo extremamente bom acontecia, nossa, de verdade. Não sei se é possível, mas não era por acaso, por algum motivo eu tinha que ficar ali e a área de alimentos não era pra mim. Em nenhum momento eu me frustrei por isso, pelo contrario, eu tinha me encontrado. Eu me encontrei muito mais e estou lá ate hoje.Já passei por diversas fases, por diversos departamentos, e hoje sou coordenador. Trabalho com a parte de navegação internacional... da parte de exportação, e o curso ficou pra trás. Mas a vaga exige ensino superior e já é um nível elevado. Eu tenho minha equipe, tenho meus subordinados... eu... é um perfil mais de liderança. Sem o diploma da USP eu não estaria lá, independente do curso eu precisaria de um diploma. E hoje, para que eu consiga subir mais eu faço pós, porque exigem, eu passei na administração de empresas na GV, termino em dezembro. Porque ate o cargo que estou eu posso só com o curso superior, acima dele só com pós, especializações e MBA ou coisas do gênero, então estava na hora. Como eu sou novinho de cargo tenho muito o que aprender...eu... eu vou dar um tempo mesmo. Vou estudar, fazer a pós, depois eu em penso em alguma coisa... ou fora, ou lá mesmo, não sei. (Entrevista de pesquisa, 02/06/2009)

A situação descrita acima é um caso exemplar do que Stéphane Beuad (2003, p.316-317) concluiu sobre a utilização do diploma por esse novo público advindo das classes populares. A permanência e progressão de Adriano no emprego estão pouco ligadas as competências técnicas adquiridas na formação universitária e muito mais atrelada aos atributos de propriedades sociais adquiridos na passagem pela escola como a linguagem, o comportamento, a disposição para obedecer, o desejo de ascender na profissão, por isso, o esforço constate para melhorar o desempenho.

Os quadros abaixo demonstram as ocupações dos 43 respondentes do questionário por área.

Quadro 1 – ocupação dos formados na área de Biológicas

Coordenador de Satisfação de Clientes (multinacional)
Mestranda (UFRJ)
Nutricionista
Técnica de laboratório (funcionária pública)
Fazendo especialização na Unicamp
Empresária (fábrica de cosméticos capilares)
Tradutora científica e professora particular
Doutoranda (Unicamp)
Professora Universitária (Unicamp)/Doutoranda(Unicamp)
Mestrando (Unicamp)
Mestranda (UNESP)
Proprietário de uma escola de futebol/treinador de futebol

Quadro 2 – ocupação dos formados na área de Humanas

Professor universitário em faculdade privada, investidor financeiro
Aeroviário, funcionário público
Professora de educação infantil (prefeitura de campinas) e séries iniciais (escola estadual de SP)
Agente de viagens e ferroviário (funcionário público)
Desempregada
Professora de educação Infantil (prefeitura de campinas) e séries iniciais (escola estadual de SP)
Desempregada
Professora (escola Privada)
Educadora Social (ONG Centro Social Marista)
Professora Universitária (Universidade Estadual do Mato Grosso)
Aupair
Mestranda (Educação-Unicamp)
Professora de Educação Infantil (creche da Unicamp) e tutora de um curso de Pedagogia à distância
Analista de <i>Marketing</i>
Gerente de projetos em empresa de tradução
Funcionária Pública (Prefeitura de Campinas - Gestão de Recursos Humanos)
Professora e coordenadora curso de economia inst. Privada

Quadro 3– ocupação dos formados na área de Exatas

Professora (escolas particulares e cursinhos)
Doutoranda (Unicamp)
Administrador de Redes, Programador de páginas <i>web</i>
Doutoranda (Unicamp)
Secretaria acadêmica faculdade Santa Catarina
Mestrando (Unicamp)
Gerente de postos de combustíveis
Professora (escola estadual de SP)
Técnico de apoio acadêmico na UNESP
Bancária - Analista de Produtos Sênior
Bolsista de treinamento técnico (Unicamp)
Coordenadora de Tecnologia de Informação
Bailarina
Engenheiro de produto (multinacional)

Ao relacionar os grupos A, B e C definidos no capítulo anterior com as profissões, é possível afirmar que os que apresentam sensação de sucesso (grupo A), e que provenientes principalmente das áreas de exatas e biológicas, possuem colocações profissionais mais estáveis. De forma geral aparentam maior satisfação com a atividade profissional exercida. Os que apresentam descompasso entre a realização pessoal e profissional (grupo B) são na maioria da área de humanas. E os que não trazem informações precisas (grupo C) sobre a vida pessoal nem o trabalho são todos da área de humanidades.

Cabe ressaltar alguns aspectos interessantes sobre a amostra das ocupações. A profissão de professor, nos três níveis de ensino, é vivida por 10 dos indivíduos pesquisados. O funcionalismo público também é uma das formas de inserção profissional presente e o prolongamento dos estudos na pós-graduação nos cursos de mestrado e doutorado. Um exemplo dessas três formas de tentativa de se inserir no mercado de trabalho é exemplificado nas respostas de duas ex-alunas do cursinho ao questionário de pesquisa. Após a decepção com a dificuldade enfrentada para

conseguir emprego depois de formada o caminho seguido é dar aulas, prestar concursos públicos e investir na pós-graduação, não como projeto profissional, mas como alternativa a situação vivida.

Para minha família foi a concretização de um movimento de ascensão social. Embora, depois com a formatura, percebemos (inclusive eu) que meu curso não favorece tal ascensão, por ter pouco mercado de trabalho. Depois de formada tive, e ainda tenho, muita dificuldade para arrumar atividade remunerada. Dei, e ainda dou, muitas aulas em projetos sociais. Fiz mestrado. Prestei concursos e agora vou tentar entrar no doutorado. (Ex-aluna DCE)

Em primeiro momento orgulho para os pais e irmãos, mas com o passar dos anos percebe-se sentimentos dos irmãos, não universitários, quanto a descrença sobre mobilidade social propiciada pelo título de graduado. Consideram o profissional da educação mal remunerado. Alguns dizem que deveria ter feito curso: Direito. Após a graduação não atuei na área em seguida passei em seleção para curso de especialização na área de deficiência visual, em período integral, 40 horas semanais (remuneradas). Nesse período prestei concursos, passei em alguns, no entanto não fui convocada em nenhum até o momento.(Ex-aluna DCE)

Apesar das dificuldades encontradas, o fato é que “os benefícios sociais e econômicos que ainda resultam da obtenção de um diploma superior se evidenciam nos grandes diferenciais de renda que existem no Brasil entre os detentores de diplomas de nível superior e o restante da população” (SCHARTZMAN, 2000, p. 14). Dessa forma, esses indivíduos têm na busca da ascensão social por meio da educação a sua maior motivação para o prolongamento dos investimentos escolares. Para tal é preciso não esquecer que são pessoas que construíram suas trajetórias a partir da escola, ou seja, “esforçados”, bons alunos. O depoimento de um deles tirado

do perfil no *Orkut* é bastante esclarecedor do significado da escola na vida desses meninos e em especial a passagem pelo cursinho.

Quem me conhece a muito sabe que em alguns anos sofri várias mudanças e talvez hoje esteja em meu momento pleno. Pelo menos, será pleno até que me provem o contrário. A versão antes da ETECAP (Escola Técnica Estadual Conselheiro Antonio Prado) foi a mais padrão, totalmente leigo em tudo, lúdico e ingênuo. Depois de estudar Química tive algumas crises de loucura que me levaram a ser um alguém melhor. Saí da ETECAP mais adulto e conheci minha essência no Cursinho DCE Unicamp. Em 1 ano aprendi mais coisas sobre o mundo do que em toda minha vida. Cresci, aprendi a aceitar alguns fatos e me preparei não só para o vestibular, mas também para a vida que iria ter na USP. Fase USP, os melhores anos da minha vida ... sem dúvida, o período em que mais cresci. Morar sozinho em Piracicaba foi a experiência mais amável e amarga da minha vida! Pós Faculdade: Vida adulta... trabalho, pós... um ser ajuizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESTINO OU RECOMPOSIÇÃO?

O estudo sobre o acesso dos meios populares ao ensino superior permitiu apreender a maneira como os destinos sociais são fabricados e de que forma as histórias (familiares, escolares, residenciais) de cada indivíduo revela o campo de possibilidades escolares e sociais. Ao mesmo tempo que a trajetória dos órfãos do cursinho DCE revela o prolongamento da vida escolar revela também uma série de obstáculos para garantir a sobrevivência e permanência nesse jogo. Por isso, os resultados que possibilitam o acesso ao ensino superior não podem ser atribuídos a uma questão de “acaso” ou sucesso escolar “inesperado”. Os indivíduos, provenientes de famílias com reduzidos recursos escolares em que a construção de estratégias voltadas à universidade não se fez presente, tem em comum alguns elementos na trajetória escolar.

Com o histórico de “bons alunos” no ensino fundamental esses indivíduos recebem das famílias um apoio moral, baseado na crença da escola como promotora de ascensão social. No entanto, ao ida para o nível médio constitui-se num momento de emancipação em relação a família, ao atingir esse nível de ensino e ultrapassar a escolaridade dos pais, as redes sociais que eles constituem no campo escolar ganham mais significado que a trajetória de seus familiares ou membros de seu grupo de origem. As informações sobre as alternativas como melhores escolas e escolas técnicas são desconhecidas pelos pais e quando surgem no horizonte do possível é por meio de conselhos de algum professor ou pessoa da rede de relações como os padrões. Por meio dessas informações esses indivíduos tiveram acesso a escolas de prestígio da rede pública, classificadas socialmente como de melhor qualidade e que recebiam alunos provenientes da classe média.

A partir disso, é possível perceber esse deslocamento espacial tanto como uma estratégia de procura por uma melhor qualidade de ensino, quanto à ampliação de redes sociais. A ida para o ensino médio representa a saída do bairro e a circulação por novos espaços onde são estabelecidas outras relações e também vivenciada uma primeira experiência com a sensação de desconforto no espaço escolar e na convivência com grupos sociais diferentes.

De certa forma, isso indica que os indivíduos de classes populares que chegam ao cursinho já se diferem dos demais que permanecem nas escolas dos seus bairros. Como demonstra a tese da superseleção social os que conseguem progredir dando continuidade à escolarização e ingressando nessas instituições se diferem do restante do grupo de origem, pois passam por um processo de gradativa reconversão das práticas sociais e ambições pessoais..

Dessa forma, ao final do ensino médio esses indivíduos se vêm desamparados pela escola para ultrapassar as barreiras de acesso a próxima etapa do sistema de ensino. Da mesma forma a configuração familiar não oferece os recursos de que precisam para dar continuidade à escolarização, este seria um primeiro momento onde se vive a orfandade. E essa orfandade encontra nos cursinhos populares um espaço capaz de mostrar quais são os recursos necessários para continuar o caminho rumo ao ensino superior.

A partir do perfil dos membros da comunidade Órfãos do cursinho DCE UNICAMP e a interpretação das informações encontradas, assim como a própria idéia de orfandade assumida pelos mesmos, foi possível compreender que a passagem pelo cursinho representou mais do que apenas um local de estudos e preparação para o vestibular, ele aparece como o encontro de uma nova família.

Os indivíduos vivenciaram o cursinho como um novo espaço de relações pessoais e institucionais, onde muitos dos estudantes aprenderam uma nova maneira de ver o mundo, relacionar-se consigo mesmo e com o outro. O papel do cursinho, dessa forma, se apresenta como importante muito mais por seu acolhimento e direcionamento sobre um projeto de futuro. Além disso, o cursinho serve como base de estímulo e desenvolvimento da auto-estima e confiança na capacidade de passar no vestibular, de fazer acreditar, tornando uma idéia, muitas vezes tão distante da realidade dessas pessoas, possível. O cursinho é uma via de aquisição de saberes indispensável, um *locus* de socialização importante, que auxilia esses indivíduos a realizar seus investimentos escolares e profissionais.

Em um momento que o sistema de ensino passa a valorizar as qualidades que dizem respeito à capacidade de interpretar o mundo, com espírito crítico, os cursinhos

populares se constituíram como um espaço que os estudantes oriundos das classes populares poderiam suprir algumas lacunas que os favoreceriam ao objetivo de acessar a universidade.

Como foi possível ver na comunidade “Órfãos do cursinho DCE-Unicamp” as lembranças registradas não estão ligadas diretamente ao conteúdo programático, apesar desse ser tratado com toda a seriedade, no entanto, de maneira sempre muito descontraída.

O contato com os professores, jovens adultos, ainda estudantes e já possuidores de tantos conhecimentos, são exemplos de ascensão social e educacional. Boa parte deles são oriundos de escolas públicas e ex-alunos do próprio cursinho. Portadores de uma visão positiva das suas potencialidades, para os alunos, aspirantes ao ingresso no ensino superior, estes professores são uma referência, uma vez que são estudantes de uma universidade pública de prestígio, como a Unicamp, eles ofereciam novos instrumentos para interpretar questões sociais, e um conjunto de experiências culturais até então pouco vivenciado. Esse modo de pensar da universidade, vindo por meio de professores que já tinham vivenciado a experiência da passagem por boas universidades, e que, portanto, tinham adquirido um saber e conhecimento próprio desse espaço, puderam ser “ensinados” no espaço do cursinho, favorecendo o ingresso na universidade.

O acesso ao ensino superior confirma as características comuns da chegada das classes populares a esse nível de ensino em especial nas instituições públicas. De maneira geral a escolha do curso se dá entre os menos concorridos – o caso das licenciaturas-, socialmente menos valorizados e no período noturno. Para além do acesso, a experiência no ensino superior não é isenta de sofrimentos, incertezas e

angustias decorrentes do sentimento de não pertencimento com um mal estar que pode ser traduzido pelo modo como sentem as disparidades sociais com as quais são confrontados no meio universitário.

Ao fim da formação superior o indivíduo vive um momento de incertezas na inserção profissional, que para alguns, com o passar dos anos se transforma em descrença sobre a mobilidade social propiciada pelo título de graduado.

Os órfãos do cursinho são exemplos de trajetórias que vão sendo construídas e redefinidas no percurso e mediadas por um conjunto de circunstâncias, por êxitos escolares parciais e não se desenrolam, como nas camadas médias intelectualizadas, sem rupturas e de modo absolutamente fluente, mas em etapas, que se definem dentro do possível.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. USP para todos? Estudante com desvantagem sócio-econômicas e educacionais e fruição da universidade pública. Dissertação de Mestrado em Sociologia. FFLCH/ USP, 2006.
- BACCHETTO, J. G. *Cursinhos pré-vestibulares alternativos no Município de São Paulo (1991-2000): a luta pela igualdade no acesso ao ensino superior*. Dissertação de Mestrado. Feusp/USP, São Paulo, 2003.
- BAUDELLOT, Christian. “As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior”. *Revista Pro-Posições*, v.15, n2(44) maio/agosto, 2004.
- BEAUD, Stéphane. *80% au bac... et après? Les enfants de la démocratisation scolaire*. Paris: La Découverte, 2003
- BEAUD, Stéphane e AMRANI, Younes. *"Pays de malheur!". Un jeune de cité écrit à un sociologue*. Paris, La Découverte, 2005
- BORGES, J. L. G.; CARNIELLI, B. L. “Educação e estratificação social no acesso à universidade pública”. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, v.35, n.124, p.113-139, jan./abr. 2005.
- BOURDIEU, Pierre. “Epreuve scolaire et consecration sociale”. *Actes de la recherché en sciences sociaels*. Volume 39, n. 1, ano 1981.
- _____ “A Escola Conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”. In: *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CUNHA, Luiz Antonio. “O ensino superior no octênio FHC”. *Educação e Sociedade, Campinas*, v24, n. 82, p.37-61, abril 2003.
- GARCIA, Sandrine, POUPEAU, Franck. “La mesure de la démocratisation scolaire: Notes sur les usages sociologiques des indicateurs statistiques”. *Actes de la recherche sciences sociales*, nº149, septembre 2003, p. 74-87
- INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.
- PACHECO, E.;RISTOFF,D.I. *Educação superior: democratizando o acesso*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Série Documental – Texts para Discussão n.12, 2004.
- MAGGIE, Yvonne. “Os novos bacharéis: a experiência do pré-vestibular para negros e carentes”. In: *Revista Novos Estudos*, nº 59, São Paulo, CEBRAP, 2001.

- MISCHE, Ann. “De estudantes a cidadão: redes de jovens e participação política. In Juventudo e contemporaneidade”. *Revista Brasileira de Educação* n.5 e 6. São Paulo: ANPED, 1997
- MITRULIS, Eleni; PENIN, Sônia Teresinha de Sousa. “Cursos pré-vestibulares alternativos e acesso ao ensino superior: da igualdade a equidade”. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 269-298, 2006.
- OLIVEIRA, E. S. *Diferentes sujeitos e novas abordagens da educação popular urbana*. Dissertação de Mestrado em Educação. Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, 2001.
- PORTES, e. A. A Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre na UFMG : um estudo a partir de cinco casos. Tese de doutorado Faculdade de Educação /UFMG.. Belo Horizonte,2001
- POUPEAU, Franck. *Une sociologie d’Etat: L’école et ses experts en France*, ed. Liber, Paris, 2003.
- ROSEMBERG, Fulvia. Ação afirmativa no ensino superior: pontos para reflexão. Texto apresentando em seminário sobre Ações afirmativas na UFSCAR, 2005.
- SCHWARTZMAN, Simon. “A revolução silenciosa do ensino superior”. In: *Durham, E. e Sampaio, H. (Orgs.) O Ensino Superior em transformação*. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior: NUPES, 2001.
- SOUZA, Cláudia Oliveira. *Os sentidos da militância na criação e implementação do cursinho DCE-Unicamp*. Pesquisa de Iniciação Científica/FAPESP, 2005.
- SOUZA E SILVA, Jailson de. “Por que uns e não outros?” *Caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2003.
- ZAGO, Nadir. “Do acesso a permanência no ensino superior – percursos de estudantes universitários de camadas populares” . *Revista Brasileira de Educação*, n.32, São Paulo. ANPED, 2006.
- _____. “Prolongamento da escolarização nos meios populares e as novas formas de desigualdades educacionais”. In. Lea Pinheiro Paixão, Nadir Zago (orgs.) *Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

ANEXOS

1. Questionário sobre ex-alunos do DCE-Unicamp

Identificação

Nome:

Idade:

1. Em que ano você foi aluno do cursinho DCE-Unicamp?
2. Qual o período? manhã
 tarde
 noite
3. Qual era sua idade na época?
4. Estava cursando o ensino médio ou já havia concluído?
5. Estudou em escola pública ou privada?
6. Como ficou sabendo da existência do cursinho?
7. Pagou integralmente as mensalidades ou obteve algum tipo de desconto em forma de bolsa de estudos?
8. Se obteve, qual foi a duração? alguns meses
 todo o curso
9. Durante o período do cursinho você exerceu alguma atividade remunerada? Se sim, qual?
10. Contou com ajuda financeira por parte da sua família?
11. Qual(is) vestibular(es) prestou? Para qual(is) curso(s)?
12. Em qual universidade e em qual curso se graduou?
13. Qual a duração do seu curso?
14. Em quanto tempo você o concluiu?
15. Trabalhou durante o curso de graduação? Se sim, exercendo que tipo de atividade?
16. Qual a ocupação dos seus pais?
17. Qual o nível de instrução dos seus pais?

Pai Mãe

- não freqüentou escola
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental incompleto
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental completo
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental incompleto
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental completo
- 1ª à 3ª série do ensino médio incompleto
- 1ª à 3ª série do ensino médio completo
- superior incompleto
- superior completo
- pós-graduação incompleto
- pós-graduação completo

18. Qual a escolarização dos seus avós paternos?

Avô Avó

- não freqüentou escola
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental incompleto
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental completo
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental incompleto
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental completo
- 1ª à 3ª série do ensino médio incompleto
- 1ª à 3ª série do ensino médio completo
- superior incompleto
- superior completo
- pós-graduação incompleto
- pós-graduação completo

19. Qual o nível de instrução dos seus avós maternos?

Avô Avó

- não freqüentou escola
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental incompleto
- 1ª à 4ª série do ensino fundamental completo
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental incompleto
- 5ª à 8ª série do ensino fundamental completo
- 1ª à 3ª série do ensino médio incompleto
- 1ª à 3ª série do ensino médio completo
- superior incompleto
- superior completo
- pós-graduação incompleto
- pós-graduação completo

20. Você faz parte da primeira geração universitária da família?

21. Caso não seja, quem da família fez curso superior? Que curso e em que instituição?

22. Você tem outros irmãos? Se sim, qual a sua posição na família (mais velho, mais novo, do meio)?
23. Redija uma pequena apreciação do que significou para sua família a sua entrada no ensino superior.
24. Descreva a sua trajetória após a graduação (concursos, cursos, empregos e etc.). Qual a sua ocupação atual?C: Me conte do jeito que você preferir, dos seus pais, dos seus avós maternos, escolaridade, profissão, onde nasceram e depois da suas escolarização.

2. Entrevista de Pesquisa, 02 de junho de 2009. Adriano, ex-aluno do cursinho DCE

A- Falando um pouquinho dos meus avós paternos, eu cheguei a conhece-los. Eles são do interior, não sei dizer a cidade, mas da região de São José do Rio Preto, divisa com Mato Grosso. Nenhum dos dois estudou, mas eram alfabetizados pelos vizinhos, sem nenhuma estrutura escolar. Meus avós paternos tinham fazenda, nada... não uma fazenda, mas umas terrinhas. Criavam galinhas e porquinhos, algo meio de subsistência. Faziam trocas lá entre os comerciantes locais, mas nada grandioso. Da parte materna também o mesmo esquema, eles (avós maternos) eram da mesma região (que os avós paternos). Minha mãe dizia que eles viviam como colonos, dentro de uma fazenda muito grande. É como se eles fossem prestadores de serviço daquele colono e tinham uma terrinha para plantar as coisas deles. Tanto minha mãe quanto meu pai eles estudaram no mesmo colégio em Votuporanga, fica bem próximo de São José do Rio Preto. O meu pai parou na terceira série e a minha mãe parou na quarta. Isso no ensino, não sei como diz agora fundamental, no ensino básico, por assim dizer, mas são alfabetizados. Depois disso não fizeram mais nada, a minha mãe hoje é do lar, mas ela já trabalhou como doméstica pelo que eu me lembre a minha infância inteira. Acho que até eu começar a trabalhar, sempre na vizinhança lavando roupa, passando roupa em casa. Meu pai é metalúrgico, trabalha na Bosch. Em janeiro vai fazer 30 anos, mas bem no operacional mesmo, apesar de ele ter muito tempo e um conhecimento gigantesco do que faz, como ele não tem formação, aqueles empecilhos da industria privada, ele trabalha bem na parte operacional. Basicamente todo o sustento da minha casa vinha da renda do meu pai, minha mãe ela complementava um pouco, mas não era grandes coisas. Tenho um irmão mais velho, nós temos quase oito anos de diferença, então, quando eu era bem criança, tinha dez ano, ele já tinha quase dezoito. Ele trabalhava e também ajudava na casa, na verdade ele começou a trabalhar com quatorze anos, se não estou enganado, como guardinha, aprendiz, alguma coisa nessa linha.

C – E seu irmão estudou até que série?

A - meu irmão estudou, se formou em publicidade e propaganda, deve fazer uns... quatro anos, mas ele demorou muito mais tempo do que eu. Na verdade a gente entrou na faculdade no mesmo ano, apesar da gente ter oito anos de diferença. Ele atrasou muito o curso dele, por questões financeiras ele acabou preferindo ajudar em casa, do que...

C – E onde ele se formou?

A - Ele fez na Esamc/Espm, na José Paulino...

C – E vocês moravam em que região de Campinas?

A - No jardim Eulina, próximo a Bosch, a gente mora lá ate hoje. Ele (o irmão) não mora mais com a gente, saiu de casa faz uns dois anos, totalmente em paz mas... ele foi ter a independência dele, o cantinho dele. Alugou um apartamento e esta vivendo a vida dele, porque agora passou no concurso... ele é concursado da Nossa Caixa, que agora é o Banco do Brasil... e agora ele ta bem e tomou o rumo dele. Atualmente em casa, só eu, meu pai e minha mãe.

C – E como foi sua ida pra escola, o primeiro contato, em que série?

A - Meu primeiro contato escolar, foi na pré-escola, hoje acho que não existe mais, antes de ir pra primeira série. Eu já fui alfabetizado na pré-escola mesmo...já havia um processo de alfabetização. Na primeira seria eu já fazia uns rabiscos básicos. Eu estudei na mesma escola do Eulina até a oitava série.

C – E como era a relação dos seus pais com sua escolarização, com a escola?

A - Tinha uma cobrança... tinha aquela coisa de passar de ano... tinha e não tinha (cobrança). Eles sabiam que era importante, mas não sabiam como lidar com a situação. Diziam: “ você tem que estudar.”, ponto final. Sem explicação. Uma participação não muito ativa, do que hoje eu posso entender de participação ativa dos pais. Em nenhum momento eu era cobrado de deveres de casa, era só “passou de ano ou não?”. Minha mãe sempre ia nas reuniões de pais e mestres, ficava sabendo que eu era um bom aluno... só que eu falava demais, tinha uns problema mais de comportamento do que com matéria. Tinha dificuldade em exatas, mas era normal, no resto eu ia muito bem, tinha um aproveitamento razoável... bom até pra escola... mas nunca tinha aquele envolvimento bem próximo deles (pais). As vezes eu percebia que eles não sabiam algumas coisas, então não adiantava..., na mente deles eles não iam

saber como ajudar, eles preferiam falar assim: “vai e estuda”. Porque alguém me disse que é bom. Era bem nesse linha, mais de cobrança do que participação mesmo. Na oitava série e morria de vontade de fazer colégio técnico...

C – E de onde vinha essa vontade?

A - Veio da oitava série quando eu comecei a ter aula de química e me apaixonei, achei lindo... “eu quero fazer colégio técnico de química... que tinha na ETECAP...tem ate hoje, C - Como você soube da ETECAP?

A - Pela escola, pela própria escola... pela professora de química. Como eu gostei muito ela que acabou comentando, mas a escola tinha panfletos, cartazes...assim divulgando mesmo. Mas os professores no geral não focavam muito nesse linha, só que ai eu acabei prestando... período integral, beirando os quinze anos. Eu já iria fazer o mesmo caminho do meu irmão, trabalhar... eu falei: “não... quero estudar.

C – E como seus pais receberam essa notícia?

A - Não foi muito receptiva. Meu pai disse: “você vai ter que se virar, porque eu não... não é que ele não queria, ele não tinha condições de me ajudar da forma que eu queria. Mas eu prestei e acabei não passando... ETECAP, COTUCA. Uma grande decepção. Fui estudar a noite no Dom Neri, fica no Bonfim. Estudei no Dom Neri, mas como eu... eu me sentia muito novo perante a minha turma, porque entrei na escola um ano antes. Eu faço aniversário em setembro, mas mesmo assim fazendo aniversário no final do ano... minha mãe era amiga da diretora, ela (diretora) falou: “ ah! ta bom, deixa. Então, eu era novo. Daí eu pensei, sou novo, vou perder o ano e prestar de novo (colégio técnico). Eu comecei a estudar a noite, mas não me adaptei a escola. O Dom Neri foi uma grande decepção... noturno, muito barra pesada, começou a ficar muito perigoso voltar pra casa onze horas da noite. Mudei de horário, optei por estudar de manha com o intuito de trabalhar tarde e noite no shopping. Mas não surgiu nada e permanecia a idéia de prestar colégio técnico. Prestei de novo, mas ETECAP e não COTUCA. Eu passei e aí voltei pro primeiro ano, era como se eu tivesse repetido, eu voltei fui pro ETECAP e comecei tudo de novo.

C – Mas o que te motivava, além de gostar de química? O que você imagina?

A - Eu falava pro meu pai: “o que eu vou fazer se eu sair daqui agora com 14 anos e for trabalhar? Eu não sei...eu não tenho...não sei o que fazer”. Ele respondeu: “mas

seu irmão não sabia e aprendeu”. Eu queria pra se alguma coisa, eu seria técnico... seria alguma coisa, a minha neura era não ter um título. Fiz (técnico), foi um período barra pesada, porque era integral, entrava as sete da manhã dezoito horas. Meus pais começaram a ter problemas de finanças, mas já estavam tão acostumados com a ideia q eles não queriam que eu largasse. Propus “eu paro e depois tento voltar”, eu queria largar, mas meu pai falou “não, você já esta quase no meio do segundo ano, vamos dar um jeito. Só que nessa época surgiu a formatura, colação de grau e eu ter que falar “pai fora todo esses problema eu quero formar”. Eu não podia falar isso pra ele. Resolvi trabalhar a noite. Arranjei emprego num buffet infantil de garçonzinho. Trabalhava de quarta, quinta, sexta, sábado e, as as vezes, de domingo. Era light, um buffet no castelo, não era tão longe de casa e conseguia ganhar uma ganinha...um ano e meio... nas ferias eu trabalhava muito mais e fui guardando... ficou tão apertado eles não tinham dinheiro pro ônibus e eram quatro ônibus.

C – E comida, essas coisas?

A - Levava marmita, lá era costume levar marmita... até tinha uma cantina... tinha um refeitório com fogão, era normal(levar marmita). Por esse lado era muito bom, minha mãe fazia comida e eu levava, o problema era ônibus e as coisas que eu queria. Queria tanto ir no Bob’s...

C_ E como era a nesse sentido a convivência na escola técnica?

A - Um nível financeiro bem mais assim do que o meu. Tinha os pobrinhos e os riquinhos> Digamos que no primeiro ano foi algo bem visível, depois ouve um integração e isso se afastou...mas era visível, pessoas que vinham de particular...de escola publica, 5 ou 6 de uma classe de 40. A maioria era do Liceu, uns 12, que tinham estudado juntos a vida inteira. Era Liceu, São José, esses colégios mais conhecidos, mais tradicionais, particulares De escola pública deveria ter uns 5 ou 6, que era uma turminha q eles deixavam de canto, a princípio, depois as coisas se resolveram.

C – Eles não se juntavam com vocês?

A - Os dois não se misturavam, olhando hoje, eu não achava isso não, mas acho hoje e tomava uma atitude defensiva...encarava como uma atitude defensiva. Não queria me misturar. Eles tinham mais e podiam mais e eu falava assim “eles vão poder ir pra balada hoje e eu não, e se eu ficar com eles eu não vou poder ir e vou ficar

constrangido de não poder ir. Vou falar o que? “Eu não vou porque minha mãe não deixa? Ou porque não tenho dinheiro? Pra não passar por isso eu preferia ficar com quem não ia também, era menos constrangedor. Mas era bem visível, porque na turma existia essa distinção, olha...o que posso dizer pra você é que muitos dos vieram de escola particular tinha um desempenho muito aquém do de quem veio de escola publica, o que era muito estranho, particularmente para mim foi bem difícil, porque as vezes o prof começava a falar “como vocês viram isso na oitava série nem vou passar essa parte”. Eu vi. O que eu ia fazer? Levantar a mão e dizer eu não vi? 39 viram e eu não vi, ia ficar meio estranho, então, eu não levantava a mão. Tinha problemas sérios em matemática, sérios em física, problemas gigantes em português, porque falavam de coisas, matéria... matéria mesmo, as vezes em matemática ele ia explicar alguma equação... essa parte vocês viram, vou passar pra essa. Mas eu não tinha visto nem a primeira como eu ia pra segunda?

C- como vc fazia?

A _ Estudava em casa ou pedia pelo amor de Deus pra alguém da sala me ajudar. Foi difícil, porque eu bombei em matemática no primeiro ano e bombei em física. Tive problemas de recuperação final, na verdade matemática em bombei os três anos, problema meio pessoal. É porque eu tinha uma defasagem muito grande pra lidar com matemática, pra mim era complicado, física também, eram coisas muito ligada. A partir do segundo ano eu já conseguia acompanhar ... que fria quando saíram as notas do primeiro bimestre e eu tinha tirado media C , D, sendo que no colégio onde eu estudava eu tirava A, B. Tirar C, D era triste, agora lá eu conseguia tirar C e D com uma facilidade enorme. Eu tinha médias no primeiro bimestre com C e D.

C – Você compartilhava isso com seus pais?

A- Não. Eu fui contar só no segundo semestre porque eu não contei da primeira reunião, não contei da segunda, só contei da terceira, porque eu já estava melhorzinho.

C - Tinha medo da reação deles?

A - Eu tinha, porque eu era sempre o nerdinho que estudava. Fui mal. O que eles iam pensar? Fora a rejeição deles porque eu tava lá(no colégio técnico)... além do cara ir mal, o cara não trabalha. Mas depois, acho que do segundo ano em diante, consegui

acompanhar a turma muito bem. Nas matérias que ninguém sabia nada, que eram matérias específicas, novas pra todo mundo, eu conseguia ir muito bem porque pra todo mundo era novo, eu conseguia ir bem. Eu não precisa de nenhum conhecimento prévio pra ir bem naquela disciplina, então, eu me dava bem... e ia bem por esse caminho.

C - E quando a turma começou a ficar mais integrada rolava sair junto?

A - Sim... sim.

C - E o que vocês faziam?

A- Eram pivetes... cinema, shopping, as vezes tinham aquelas baladas intercolegiadas que era COTUCA, ETECAP e BENTÃO, aí era na Alles bear, na Hodes, na Brown, essas baladinhas da época.

C - Você tinha amigos no seu bairro?

A - Tinha, eu tinha os amigos da minha rua, mas digamos que depois que fui pro colégio técnico me distanciei muito. Na verdade a nossa vida tomou um rumo totalmente diferente, eu fui o único da rua, de uma turma bem grande... todos tinham a mesma idade, era incrível, estudando no mesmo colégio, sexta, sétima, oitava, todo mundo muito próximo. Trocava livro, vendia um para o outro... era muito próxima a idade daquela turma. Mas eu fui o único que resolvi “eu não vou trabalhar, eu vou estudar”. Todo mundo começou a estudar a noite, todo mundo começou a trabalhar e eu não via mais ninguém, porque quando eu chegava em casa todos estavam na escola, q era a noite. A gente se via nas ferias, mas ai a começou... outra visão, outro grupo de amigos. Era mais ou menos isso... as atitudes que eles tinham já não se encaixavam com o que eu queria... a gente tinha um grupinho bacaninha...

C - E depois que vc terminou o técnico?

A - Aí veio o final do ano, eu consegui fazer formatura, consegui pagar o baile, buffet, e ainda sobrou... sobrou bastante. Acho que foi a única vez na minha vida que eu economizei dinheiro. Depois virei consumidor, capitalista selvagem, mais tudo bem... chegou o final do ano, me formei... me formei e veio aquela grande preocupação, preciso trabalhar e não posso desapontar meus pais, porque eu preciso de um estágio, porque eles (pais) contavam... o estagio é depois, quando chega no último semestre do curso. Você começa a procurar estagio pra iniciar em janeiro

seguinte. E aí começou o processo seletivo e emprego, Rodhia, Esso.... químicas grandes... e aquela expectativa que era muito ruim porque você concorria com as pessoas que estudavam com você e era um negocio muito estranho. Em casa a pressão era muito grande, ah agora você se formou... ele vai ganhar bem melhor do que ele ganharia se ele não tivesse feito nada. Nossa!!! Olha que fria, se eu não tivesse feito nada a cobrança seria menor, mas como eu tinha feito o negócio complicado tinha que agüentar. Mas deu certo, eu consegui arrumar estágio em dezembro... não em novembro. Era numa multinacional, na Epson mobile, parte química da Esso... petróleo... o estágio começava em janeiro e na época era uma bolsa de quatrocentos reais. Pra quem tinha nem tinha dezoito anos... já tinha feito, era ótimo. Pros meus pais, então, era maravilhoso. Só que não era bem aquilo que eu queria, não era o que eu esperava. Durante o estágio eu cheguei a conclusão que não era aquilo, pelo contrário, eu acabei odiando o que eu fazia, odiava a empresa em que eu estava trabalhando. Eu não estudei química pra trabalhar dessa maneira. Era um trabalho extremamente operacional, o que eu queria era um laboratório, pode ate ser fresco da minha parte, eu tinha isso na minha mente, eu queria trabalhar no laboratório, de jalequinho branco, fazendo análise...não, química não é isso, não é trabalhar no campo. Ledo engano, porque hoje eu sei que não é assim, na minha mente de 18 anos era... e aí teve um dia, uma situação muito desagradável em que eles receberam um caminhão de brita na empresa, porque teve uma chuva e alagou uma parte que era de barro. O caminhão descarregou e eles me deram uma pá para espalhar a brita, eu espalhei e no final do dia eu pedi demissão. Aquilo foi um choque, como você pede demissão de uma multinacional, em seu primeiro emprego... eu falei eu me formei, eu estudei, eles estavam me tratando... eu me matei pra realmente eu fazer aquilo que eu estudei, eu me propus,. Eu não vou ficar arrastando brita, eu não vou. Teve a maior briga. Na mesma semana... eu tinha me inscrito no processo seletivo da Antártica... era AMBEV, e uma semana depois me chamaram e, graças a Deus, na outra semana eu fui chamado. Era uma bolsa maior, tinha mais benefício, tinha o laboratório, eu ia ser analista, tinha o jaleco branco. Era uma empresa de cerveja, extremamente animador... foi muito legal, realmente eu comecei

a ganhar um pouco mais, uns 600 reais, mas eu tinha transporte, comida no local, era uma estrutura diferente.

C - Até então você não tinha pensado na universidade?

A - Eu comecei a pensar na AMBEV, exatamente quando eu entrei lá, eu conheci pessoas formadas em alimentos, engenharia de alimentos, química, engenharia química, e comecei a trocar muitas idéias sobre isso. Mas eu tinha o problema financeiro, porque metade do dinheiro eu disponibilizava pro meus pais, o resto era pra eu me virar, sair, comer. O que eu faço? Me sobrava duzentos reais pra eu passar o mês, nunca vou conseguir pagar um cursinho. E eu sabia que se eu não tivesse um cursinho eu não iria passar. Eu tinha tentando como treineiro... ah, verdade, eu não te falei isso, pulei uma parte. Eu já tinha prestado quando eu terminei o colégio técnico, da turma quase todo mundo...boa parte passou. Eu prestei química, só na UNICAMP. O único que eu prestei foi química passei, não passei nem na primeira fase. Entrei em pânico, mas aí percebi que eu precisava de um cursinho, porque o meu conhecimento básico era muito defasado, apesar de ter aprendido muito no ETECAP, me esforçado muito pra acompanhar a turma, eu ainda era muito defasado, não tinha muito conhecimento da base. Então, quando eu entrei na AMBEV eu tive um salário um pouco maior e uma disponibilidade de tempo maior também, de horário. Eu entrava mais cedo e saía mais cedo, aí eu falei vou fazer um cursinho, só que eu não tinha (dinheiro). Eu fui ver Objetivo, Anglo... eu barrei no cash, money... tá longe, eu não vou conseguir nunca. Meu pai de cara falou "olha eu não vou te subsidiar, porque eu não tenho como, então, se você quiser você se vira. Lembro que foi uma amiga minha que me disse do vestibulinho, era uma amiga da minha rua que viu o vestibulinho do DCE, porque a irmã dela fazia UNICAMP. Foi um incentivo...

C – Você conhecia a irmã dela?

A - Não tinha contato, ela era bem mais velha do que a gente, mas ela que indicou pra essa minha amiga, e minha amiga falou eu não estou muito afim. Você não tá afim? Vai lá prestar, quem sabe você não ganha uma bolsa. E aí foi onde eu fui prestar o vestibulinho, que tinha uma provinha e tudo mais. Eu me lembro de ter ido bem, eu só não vou lembrar exatamente detalhes, mas eu me lembro de ter ido bem. Eu peguei... tive 50 %, e aí dava pra respirar... nossa... dava pra respirar. Resolvi

fazer e acho que teve um problema, tinha um lance de classificação, podia escolher o período... não lembro exatamente, mas quando eu fui fazer só tinha vaga pra manhã e eu fiquei na fila de espera, porque eu não queria de manhã, não podia de manhã, não podia a tarde. Dei sorte na segunda lista de espera me chamaram pra noite, eu consegui começar as aulas, consegui cursar. Mas eu saia do trabalho as cinco horas, eu trabalhava em Jaguariúna, eu chegava no centro sei, sei e quinze... muita disposição, cabeça fria e vamos embora.

C – O que você pensava nessa época? Vou fazer cursinho, vou prestar química de novo?

A- O cursinho foi um negócio... algo bem do outro mundo. Eu estava adorando o laboratório, adorava trabalhar com a parte de alimentos, adorava química, mas quando comecei a ter aula de história me apaixonei, e a minha professora era a melhor de todo o mundo e por todo os tempos. Eu vou prestar história, ai logo depois eu vou prestar letras, porque me apaixonei por literatura... não tinha contato, isso tudo que eu não tive no colégio uma base sólida, que eu não gostava... eu não conhecia, no cursinho eu passei a amar, só matemática que realmente eu continuei odiando e não mudou, o cursinho não mudou minha cabeça quanto a isso. Mas, efim, eu não sabia. Entrei com uma cabeça e lá eu conheci muita gente da área de humanas, da história, da geografia, muito mais contato com esses professores. Comecei a frequentar a UNICAMP, muito mais na parte do IFCH, indo lá visitar, indo com os professores, eu fiquei amigo deles. Final de semana, as vezes, tinha alguma coisa, tinha um negocio do DCE q era fantástico, q era a noite.. eu não lembro... era no iel, eu não lembro do nome. Esse evento foi o primeiro que eu fui, o primeiro contato que eu tive com diversos professores, Vagner, Maurinho, foi onde a gente começou a ficar mais perto, e eles perceberam que eu era uma pessoa em crise existencial... “deixa eu cuidar desse menino que ele ta perdido. E era bem isso mesmo, eles cuidavam de mim. A gente tinha aula de sábado a tarde, eu ia sábado de manhã nos plantões, assistia o primeiro plantão, se o segundo não me interessava eu ia pra feira hipie, almoçava lá e depois.... lembro de todos os amigos, perdi alguns contatos, cada um tomou o seu rumo, mas tinha nossa turminha, a gente arrasava, todo mundo conhecia a gente naquele cursinho...

C - Arrasava como?

A- Porque a gente era bagunceiro, a gente era uma turma muito animada e muito amiga de uma... identificação mesmo. A gente se identificou muito um com o outro e não sei, rolou um vínculo afetivo muito forte, tanto dos alunos, quanto dos professores. Eu chegava, as aulas começavam as sete horas, a gente ficava lá na porta junto, agrupados. Não vou mentir que não enforquei aula pra ficar lá fora conversando, fiquei muito lá fora sentado batendo papo, porque agente tinha um vínculo muito forte...na biblioteca batendo papo, levando pito da bibliotecária, que também fez parte da turma, era minha amiga, a gente acabou se aproximando muito, a gente percebia isso, que as outras turmas não eram tão assim, mas a minha turminha era da minha sala.

C – Você consegue identificar o que agrupava tanto assim?

A - A minha turma tinha um porem todo mundo era muito regrado... não regrado... recluso. Quando a mãe leva muito na rédea e quando a gente chegou... a gente percebeu q o mundo não era tão assim... que as coisas poderiam ser diferentes, que a gente poderia ter uma certa liberdade com responsabilidade e existia muito mais alem do que a gente conhecia. Tudo o que eu conheci de errado eu conheci no DCE, com a turma do DCE, é uma parte podre mais tudo bem. Foi bem isso, porque eu não conhecia nada, eu era um nerd que queria estudar e queria fazer alguma coisa, agora o mundo em si, o que era a realidade eu não conhecia. Pra mim eu tinha uma característica de achar que todo mundo era bonzinho e no DCE eu vi que nem todo mundo era bonzinho. Eu tive muitos problemas, problemas que quase fizeram eu desistir de ficar no DCE, problemas pessoais com a turma, mas que me fizeram ver o mundo de uma outra maneira, eu acho que eu era uma criança, muito infantil, quando eu entrei no DCE... o DCE era um lugar de adulto e não de crainça, todo mundo era muito adulto lá, a noite ainda mais. Tinha gente muito mais velha, eu era o mais novo da minha turma, do meu grupinho, com dezoito anos era um pivete. Todo mundo tinha seus vinte e um, vinte e dois, eu era uma criança, por isso todo mundo acabava me adotando.

C - Ficava bem menos em casa?

A - Ficava bem menos. Eu passei a dormir fora, a ficar o final de semana fora...

C - Porque era mais fácil?

A - Porque era mais fácil e no centro. De sexta a gente ia...tinha as festas nas repúblicas, a gente ia junto, aluno junto com os professores ia pra festa da república.

C - Faziam programas culturais?

A – Sim, a gente fazia bastante. Eu comecei a ter contato com os eventos da UNICAMP... a UNICAMP tem muitos eventos de arte, tudo nessa linha que eu não tinha, que pra mim era um mundo a parte... a não, isso e caro, isso é chato... isso é chato, isso é caro... isso é chato primeiro, isso é caro segundo. E eu comecei a ter contato com essa área de teatro, de exposição, muitas vezes até na UNICAMP, que os professores falavam “olha, está tendo uma exposição em tal departamento, vai lá ver, ta no instituto tal, ta tendo isso e aquilo, musica, apresentação que tinha de sexta a noite, as vezes tinha uma coisinha, eu lembro que tinha umas coisas no IFCH...tinha um nome.... tinha alguma coisas que sempre rolava no IFCH que a gente ia. E a gente sempre enforcava aula, porque era no horário da aula.. olha não incentivavam... hoje eu não tenho aula com vocês, a gente ta indo pra UNICAMP...a gente não podia ir junto, eles não gostavam, eles não podiam. A gente acabou ficando próximo, mas eles eram professores e exigiam um respeito, eles não gostavam, mas a gente era muito insistente. Lembro muito da Gláucia, do João... estavam nessa fase de também sair e curtir, tinha uma responsabilidade deles ali... saiam, a gente queria se infiltrar no meio deles. Esse era o problema da nossa turminha, e mais, tinha uns eventos que a gente ia, acho que teatro. A primeira vez que eu fui no Castro Mendes foi com o pessoal do DCE, eu nem lembro a peça. Jornal, politica? Eu não me envolvia, mas rolava muito aquele caráter social de ponto de vista política mais comunista, digamos assim. Mas eu não me envolvia, eu não gostava, eu não queria. O pessoal da turma era mais engajada, eu nunca fui engajado, não gostava, eu achava q dava briga, dava muita confusão.Eu não queria discutir, eu sempre saia fora, ficava de lado afastado. Não me preocupava muito, era bem a parte pra mim.

C - E como você escolheu o curso?

A- Essa parte digamos que... chegou no meio do ano eu queria prestar artes cênicas, eu tinha passado por historia, por letras, por artes cênicas e estava no meio do ano. Aí eu falei o que que eu faço? E o meu pai falou: tem que fazer algo que da dinheiro e eu

por mim falava você tem que fazer o que você gosta e não o que dá dinheiro. Sempre ouvia histórias de diversos professores, ah meus pais sempre me falaram isso e hoje eu faço o que eu quero e sou feliz dando aula de história, sou feliz dando aula de geografia, você tem que ser feliz e não fazer o que seu pai quer. Eram os professores que eu adorava, na minha cabeça, não me influenciado, dizendo, viu um dia você vai entender q era realmente isso... em casa, não escuto, porque a formação deles não permitia que tivesse uma visão de mundo, a visão deles de mundo era também muito pequena pra eles entenderem, eu não os culpo, não os culpava na época e hoje muito menos, aquela era a visão deles. Eles queriam alguém que desse dinheiro, digamos assim, porque era o que os pais dos meus pais fizeram com eles, essa era a imagem dele acabou.

C- Não conseguiam ver outra outras possibilidades...

A - Não, não, pra eles era muito aquilo, e além do mais tinha o fato que eu não posso prestar um curso integral, porque agora eu vou ter que trabalhar. Eu tinha a AMBEV, ainda estava fazendo estagio, eu estudava a noite, trabalhava de manhã... ia pra balada de madrugada e ia trabalhar. Era uma rotina bem pesada, você não tem noção, hoje eu não tenho mais idade, mas eu conseguia... eu já aproveitei. Eu tinha que arrumar uma maneira de conciliar isso pra eu escolher o curso. Pensei tenho que prestar UNICAMP, porque eu tenho meu estagio aqui e quando chegou em setembro, outubro, foi quando realmente virou a AMBEV, porque até, então, era Antartica, e fui efetivado. Não era mais estagiário, aí pro auge dos meus dezoito anos, naquela época, dois mil, noventa e nove, eu tava ganhando 780 reais, era .. eu nunca comprei tanto cd na minha vida como naquela fase.

C - Que cds você comprava?

A - De tudo. Eu ouvia Legião, Paralamas, Capital, mas eu era aficcionado por industria estrangeira, pop americano. Bon Jovi? Nessa linha, Backstreet Boys, Roxette. Eu era super popizinho, eu adorava inglês, todo esse lance também... nunca comprei tanto cd, foi nessa época que... eu comecei a ter mais grana e aí comecei a ter o gosto da grana, da estabilidade, tinha dinheiro pra sair o mês inteiro, tinha dinheiro pra ir na loja do Iguatemi comprar uma roupa, eu pagando, ninguém pagava, era meu. Nossa, vou prestar UNICAMP, só, to me matando um ano, eu estudava de final de

semana, eu saía, mas eu estudava bastante, eu focava, porque eu era muito ruim de física, muito ruim de matemática e não... eu praticamente estudava isso. O resto eu ia bem, gostava, então, eu estudava, na aula eu participava muito... chegou nesse impasse, puta me matei tanto, ralando trabalhando que nem um condenado pra fazer só UNICAMP? Eu posso prestar tudo, vou prestar só UNICAMP? Não que a UNICAMP não seja seja maravilhosa, mais era uma, um projétil, um tiro, quase uma roleta russa, acertou, acertou, não acertou já era. E agora? Só que se eu prestar outras, se eu prestar fora... eu comecei a fazer tudo muito escondido, não contei nada pros meus pais e fiz a inscrição de todas, UNICAMP, federal de São Carlos, UNESP e USP. E vinha o problema do curso, quando chegou no final do ano eu parei pra pensar. Peraí, Adriano, você gosta de química, você gosta dessa área e você vai fazer isso, foi exatamente o que fiz. Fiz minha inscrição na UNICAMP pra engenharia de alimentos, na federal pra química licenciatura, na UNESP pra farmácia, na USP, no campus de piracicaba, para ciências dos alimentos... era uma curso novo, primeiro ano do curso, curso novo. Comecei a prestar, meus pais não concordavam nem um pouco, a minha mae falava “pode prestar, mas você vai passar na UNICAMP, pode prestar, você vai passar não tem problemas”. Chegou o fim do cursinho, chegaram as provas e as datas e foi algo bastante traumático. Eu lembro que naquele ano acho que era 2001, em janeiro começaram as provas no dia 3 ou 4, e foi no final de semana São Carlos, no outro UNESP, no outro final de semana segunda fase da Fuvest, no outro a segunda fase da UNICAMP, e aquilo pra mim foi uma estafa tão absurda e uma pressão tão absurda que ainda bem que eu tive... que a minha chefe na época teve a brilhante ideia de me dar férias em janeiro... porque se eu estivesse trabalhando não ia conseguir. Eu tinha parado e o stress, a estafa, o desânimo era tão grande, tão absurdo que no último dia de prova da UNICAMP, era matemática e inglês, eu peguei a prova ia detonar, sabia tudo, estava assim extremamente confiante. Abri a prova de matemática, olhei o primeiro exercício e travei, eu não sei fazer, eu lembrei atrás dos... garantam o primeiro exercício que ele é o mais fácil... pensei, meu Deus, esse é o mais fácil o resto nem se fala. Comecei a chorar de soluçar, de botar a mão na carteira e de pingar lagrima na prova. O fiscal veio e disse e perguntou o que estava acontecendo, me tirou da sala, o fiscal externo me levou pro banheiro e tal, e eu

continuei chorando, chorando, lavei o rosto, voltei pra sala sentei, olhei aquela prova, fechei e entreguei, ou seja eu já sabia que eu não tinha passado no exame, porque eu tinha zerado em matemática prestando engenharia. Eu sabia, e esse era o sonho da minha mãe, era o sonho da minha mãe não era o meu. Já tinha emagrecido dez quilos e eu tava num mau humor insuportável. Não comia, não saia, não falava, eu não vivia. E esse último dia acho que foi uma soma de tudo isso. Muita prova, muita pressão, eu não aguentei, fraquejei realmente. Foi uma decepção, mas acho que se eu continuasse naquela prova, teria sido pior, ainda bem que eu saí. Foi complicado. Eu fiquei apostando nas outras. Voltei a trabalhar e com esse alívio tendo muito contato com o pessoal do cursinho... sempre junto de todo mundo... nas provas. chorava as mágoas junto, os professores dando um apoio, isso era muito bom, essa parte humana do DCE eu acho que nenhum outro cursinho tem. Acho que lá você não era só dinheiro, pelo menos naquela época, acho que hoje não sei... acho que mudou um pouco o foco, mas naquela época a gente não era só dinheiro. Na verdade você era uma pessoa que tinha um sonho e eles estavam lá pra contribuir pra que você conseguisse aquilo, era muito humano. Isso me encantava e exatamente nesse período que pra mim foi algo bem complicado, foi... era muito bom. Me sentia acolhido, amparado, entendido, eles sabiam o que eu estava passando.

C - Diferente dos seus pais?

A - Exatamente eu não podia falar essas coisas pra eles que eles não iriam entender. Eu não podia chorar no colo da minha mãe, chorava até, mais ela não entendia. Era diferente de chorar pro meu professor, ele tinha passado pela mesma fase que eu há 4 anos atrás, tinha um lance diferenciado. E começaram a sair os resultados, lembro que a primeira que saiu era São Carlos e eu passei, primeira chamada química, saí na rua gritando, berrando que nem um louco. E por dentro eu estava valeu a pena, passando só nessa pra mim era tarefa cumprida, eu tinha passado e valeu aquele ano, valeu aquele investimento financeiro, de tempo, das brigas, valeu tudo. Aquilo tinha sido o máximo. Uma semana depois saiu da UNESP, eu não passei, fiquei na segunda chamada. Mas eu era o segundo da segunda chamada, o pessoal DCE dizia já entrou.

C - E você acompanhava o resultado sempre com eles?

A - Sempre, na verdade eu não tinha internet ainda e ver resultado ou era no jornal, que as vezes eu comprava...era gostoso ir ao DCE, queria ir lá e ver todo mundo, e todo mundo me pixava. Numa semana UFSCAR, na outra UNESP, eles já falavam que eu tava dentro, na outra saiu da USP e eu passei de primeira chamada também, graças a Deus. A última era UNICAMP, já sabia, nem fui no cursinho, nem fui. Só minha mãe que queria, a mãe não passei. Não contei, eles não sabem que eu desisti da prova até hoje. Eu tinha passado em três universidades. E o meu emprego, como escolher? E o meu emprego? A federal em São Carlos, a UNESP em Araraquara, a USP em piracicaba, eu trabalhava em Jaguariúna,era uma hora de campinas, piracicaba mais uma hora. Como eu ia conseguir? Mas eu não queria largar o meu emprego. Comecei a ponderar, fui conhecer São Carlos, odiei a cidade. Depois fui varias vezes e amei a cidade, não sei porque eu odiei em primeira instancia, não queria. Fui conhecer Araraquara, adorei o lugar, mas achei arararaquara extremamente longe, duas horas e meia, três horas e uma passagem de ida e volta muita cara. Eu não ia voltar pra casa quase nunca. Pira aqui do lado, uma horinha, passagem baratinha, é USP. eu vou fazer Usp, quero fazer USP. Entrei, e ai foi um back pros meus pais. Eu tive q virar pro meu pai e falar pai.... veio uma fase que foi bem, bem difícil em casa. A minha mãe chegou pra mim e falou você não passou na UNICAMP, mas tudo bem, vestibular tem todo ano. Mãe e o tanto que eu sofri, e o tanto que eu estudei, e tanto que eu gastei? Vamos levar isso em consideração. Você vai largar seu emprego? Não, né. Então presta de novo, o ano que vem se não passar tenta no outro ano. Não pai, eu passei em três. E até hoje eu guardo essa magoazinha por ninguém ter me dado parabéns. Eu passei em três universidade, eu não passei na UNICAMP. O foco dos meus pais era você não passou na UNICAMP, então você perdeu. É algo que vou ter que trabalhar numa terapia, por enquanto da pra levar. E foi bem difícil, porque eu tinha tomado a minha decisão, eu sabia que eu ia pedir demissão, que ia embora. E o meu irmão que eu achava que ia me dar apoio, não deu, pelo contrário. Eu não sei o que deu na cabeça dele, porque ele virava pra mim : bonito, né? Eu trabalho desde os 14 pra ajudar em casa e agora o senhor vai largar o emprego pra fazer faculdade... pobre, você é pobre. Eu sou pobre mais eu tenho direito, eu passei na faculdade pública. Mas vc não passou na Unicamp, o pai não vai

te sustentar e eu não vou mais te sustentar. Na cabeça dele ele também me sustentava, apesar dele não me dar dinheiro diretamente, como ele dava dinheiro em casa ele indiretamente me sustentava. Realmente, devo admitir que sim. E virou um pé de guerra danado, até que um dia virei pra minha mãe e disse: eu vou, vou fazer exatamente o que você quer vou prestar vestibular de novo, mas amanhã eu vou me matricular no Anglo, no Castelo, perto de casa e você vai dar dinheiro pra pagar o cursinho, porque eu não vou tirar dinheiro do meu bolso, porque todo o esforço que eu podia ter eu tive e agora eu tenho q colher isso, você vai pagar pra eu colher, pra que eu colha de novo porque eu quero fazer o que você quer, não o que eu quero. A gente brigou a ponto de sair de casa brigado, não expulso, mas brigado Eu pedi demissão da AMBEV... tava em ascensão, todo mundo botava as fichas, eu tinha um futuro promissor lá dentro. Todo mundo me adorava, eu tinha um conhecimento bacana da área, eu já tinha estagiado, eu já era efetivo, já tinha a minha estagiaria que fazia as coisas pra mim. Tinha um futuro bacana lá dentro, mas eu quis abrir mão porque o meu sonho era fazer universidade pública a qualquer custo, e foi realmente o que eu fiz. Larguei e fui pra Piracicaba... universidade publica.

C- Por que essa opção? Poderia ter ficado na AMBEV, ter ido pra universidade privada, o que representava?

A - Pra mim representava... assim, a gente imagina assim, tanto do lado do meu pai quanto, do lado da minha mãe a família é muito grande, são oito irmãos de cada lado, oito tios, e tanto do lado do meu pai quanto a da minha mãe eu sou o caçula, eu sempre fui o mais novo de todos os meus primos e ninguém tinha se formado, ninguém tinha estudado, ninguém tinha passado do colegial, ninguém tinha feito nada. E eu falava que eu queria fazer a diferença, eu queria poder mais e, por outro lado, tinha um lance que o meu pai e a minha mãe sempre foram, não os excluídos da família, mas todo mundo sempre falava mal do meu pai e da minha mãe porque eram os únicos que não tinha casa própria, que moravam de aluguel, que não tinham carro, minha mãe era domestica. Eu tinha isso entalado na garganta, eu falei eu quero ser alguém, porque eu vou esfregar na cara de todos eles que mesmo eu não tendo o dinheiro que eles tiveram, nem a estrutura que eles tiveram, eu consegui ser melhor do que eles. Pra mim nesse aspecto fazer uma universidade pública era o caminho,

pelo menos eu poderia encher minha boca num jantar, num almoço de família eu faço USP, e você? Ah!! Você faz, desculpa. Olha, o filho da empregada doméstica faz! Era bem por aí, eu podia estar na merda, sem dinheiro, mas eu fazia USP. Bobo, hoje eu acho até bobo, mas pra época era uma importância muito grande, eu dava uma importância pro fato que era gigantesco. A minha família começou a ver isso de uma maneira... família eu falo dos tios em geral, o Adriano passou na USP, mas como? Estudou em escola pública. Meus primos fizeram Liceu São José, Notre Dame, tentaram e não passaram, fizeram PUC, outras escolas particulares que são boas, porém eram particulares. E tem o lance da fama e tudo mais... era uma surpresa pra família, acho que esse lance, a meta universidade pública era mais... era um prestígio, era ligado a status, prestígio, lugar, e de encher o peito e não olhar mais pra eles de cabecinha baixa como eu sempre olhava. Aquele momento eu sabia que eu podia olhar pra todo mundo e falar eu faço USP. Era isso q minha vinha em mente, que eu poderia usar a camiseta da USP, era o status, o prestígio, mais por esse lado.

C - Então você largou tudo e foi pra Piracicaba?

A- Larguei tudo, pedi demissão, ganhei um dinheirinho da rescisão, bem pouquinho. Eu já tinha me informado bastante, tinha ido lá, e a hora q eu cheguei na Esalq, que eu olhei aquele prédio central, parei e pensei eu quero estudar aqui, é aqui que vou me formar. Quando saiu o resultado...mas eu fui antes da matrícula, a matrícula tinha quase 5 dias de diferença, que por sinal era um domingo. Meus pais não sabiam, peguei o ônibus, fui pra Pira e me apaixonei por aquele lugar. Dentro do próprio campus acabei conhecendo muitos alunos e acabaram me contando que tinha moradia, que tinha o serviço de assistência social e q eu não iria ficar desamparado. Mas foi bem assim, botei a mochilinha nas costas, peguei meu dinheirinho, que não era muito e fui embora. Cheguei lá não tinha vaga na moradia, porque tinha processo seletivo e o processo só ocorria depois que fossem as três chamadas. E eles me cederam um quarto que não tinha banheiro...era coletivo, ou seja, toda aquela minha tranquilidade de morar com pai, mãe e ganhar oitocentos reais por mês tinha acabado. Eu tinha um dinheiro que pelas minhas contas dava pelos menos uns cento e cinquenta pra viver até agosto...cento e cinquenta todo mês, mas era bem difícil. Quando saiu o resultado, porque aí, quando eu entrei... comecei a estudar eu fui

correndo na assistência social, dei entrada em toda a papelada e realmente tive que atestar que eu era pobre. Com todo o orgulho do mundo eu atestei, porque meu pai pagou imposto e eu vou usar o imposto que ele pagou. Fui, fiz tudo o que tinha que fazer... era noturno o curso, pedi bolsa trabalho, que era um salário mínimo pra trabalhar vinte horas por semana e eles davam preferência pro noturno, porque tinha maior disponibilidade. Eu consegui a moradia, consegui a bolsa trabalho e consegui a bolsa alimentação. Mas tudo isso eu só consegui depois da terceira chamada, depois da lista de espera, demorou quase dois meses, e nesses dois meses foi um terror, porque eu chegava a comer.. pegava um miojo e comia metade de manhã e metade a noite...

C - Tinha bandejão?

A- Tinha, mas o bandejão eu não podia comia comer todos os dias porque o dinheiro não dava, lembra que era cento e cinquenta e eu tinha que viajar pra Campinas, porque minha mãe ficava buzinando na orelha pra eu voltar pra casa e também não me davam dinheiro... porque não podiam, não porque não queriam. Eu não queria ligar pros meus pais, primeiro porque eu me sentia um derrotado e segundo porque meu pai ia ficar super sensibilizado e ia arrancar dinheiro de onde ele não podia pra me dar. Mas eu sabia que se ele me desse ia faltar em casa e eu não queria... ta tudo bem, tá tudo ótimo, eu desligava o telefone e chorava! Ia pra moradia e chorava, chorava e chorava, porque tava difícil porque eu tava com fome. As vezes eu comprava um pão e comia metade no almoço e metade na janta. Nos primeiros meses era tudo mundo de fora, não tinha contato com ninguém... aqueles trotes da Esalq, pesados, o pessoal do meu curso era bacana mais todo mundo tava se conhecendo, como eu ia pedir ajudar pra alguém? Gente eu to com fome. Não tinha como sabe, naquele começo não dava. Depois que saiu a bolsa trabalho as coisas começaram a melhora, porque eu tinha a bolsa trabalho, eu tinha a moradia, um quarto com banheiro, tudo bonitinho, e eu tinha a bolsa alimentação do bandejão, podia almoçar ou jantar, uma refeição por dia. Eu fiquei tanto tempo sem comer que eu não tinha fome mais a noite, mas eu almoçava muito bem, levava umas bananas do bandejão e comia a noite, levava um pãozinho também. A coisa começou a caminhar muito bem, começou a andar de uma maneira bacana. Eu conseguia acompanhar o curso,

bem legal, não tive muitas dificuldades, a única coisa que eu tive problema mesmo foi relacionada a comportamento que aí eu me senti livre de todas as correntes que eu tive durante séculos e passei a beber muito, a sair muito, era um contexto? ... era um contexto de república. A ESALQ era pulverizada de repúblicas tradicionalíssimas e todas as repúblicas tinham festas todo dia. Eu comecei a faltar de muitas aulas, eu quase pequei DP, nunca peguei, mas chegou uma hora que eu acordei. Acorda, você se matou pra chegar até aqui, agora você vai desencanar e deixar tudo a perder? Comecei a andar na linha de novo, mas eu tive um período assim doido de libertinagem praticamente. Acabei conseguindo acompanhar, recuperei minhas notas, consegui um bom aproveitamento. Foi mais ou menos aquilo que eu sonhava.. a Esalq tem uma característica muito peculiar de universidade, eles são bairrista, extremamente bairristas e eles tem características que a gente vê na tv, que era a minha ideia de universidade. Eu não me frustrei, porque eu encontrei exatamente aquilo...aquele sonho, aquela maneira, daquele jeito, frustrado não, pelo contrário. Coisas deferentes, lá comecei a ver o mundo de uma outra maneira. Eu comecei a passar dificuldades nessa fase, hoje eu falo, foi fantástico, porque eu cresci tanto. A melhor coisa do mundo na minha vida foi ter largado a AMBEV, morar fora, porque eu era um retardado antes, eu não tinha essa visão que hoje eu tenho e que as vezes os meus amigos que não passaram por essa experiência... são tão reduzidos, tão restritos e não conseguem se virar sozinhos e eu tive que aprender, a andar...vida universitária?...era fantástica. A Esalq como um todo era uma universidade extremamente elitizada, um grande bolsão de veículos, o carro mal andava e já tava dentro da EsalQ. Filhos de fazendeiros e de mil coisas, todo mundo era filho de alguém, tradicionalista demais... ah, o meu pai... minha vó...o avô, tataravô estudou aqui. Ah é? Que legal! Minha família ninguém estudou aqui. Eu falava, não tinha vergonha, era uma realidade diferente a Esalq. Na minha classe não, na minha turma de alimentos era uma turma só... a gente teve uma união muito grande e muitas pessoas...

C- tinha uma origem semelhante?

A – Não, não tinha, mas... porque na verdade o que unia a gente era o primeiro ano do curso, a gente tinha que lutar pela melhoria do curso e era o primeiro curso noturno

da Esalq, a gente teve que travar aquela selva sozinhos e não seria possível se a gente não fosse unido, não ia adiantar em nada. A gente fundou o primeiro centro acadêmico, que existe até hoje, pra mim é o máximo, porque eu fiz parte, eu fundei aquilo, eu fui presidente do centro acadêmico e...

C - virou político?

A - E era o mais de todos, nossa Senhora, brigava, brigava com todos os professores por melhoria em tudo. Queria melhoria em tudo e brigava com tudo e não concordava com nada. Fui presidente um ano, saí porque precisei, mas continuei no centro acadêmico, na diretoria, nunca deixei, os quatro anos eu fiquei no CA ativamente, me dedicando. Mas não era uma característica minha, era uma característica da minha turma. A minha turma se formou no CA e daí, porque a gente era muito unido, e somos até hoje, a gente faz encontros todos os anos isso, é sagrado, outubro, feriado do dia doze ninguém marca absolutamente nada, é o encontro da primeira turma. Minha classe tinha quarenta alunos, se formaram trinta, porque dez desistiram no meio do caminho, desses trinta pelo menos vinte vão nesse churrasco. Um número razoável, e hoje já vão as namoradas, namorados, os maridos, já tem uma grávida. A minha turma era diferente, extremamente unida, junto, e a gente se ajudava muito, até financeiramente. Muita gente da minha turma... por sinal éramos em dez, de uma turma de quarenta, que moravam na moradia. Então, tinha essa mesma característica, de não ter grana, de ter que se virar. A gente dividia miojo, dividia arroz, dividia pão, era bem família. Eu falo que meus amigos são praticamente meus irmãos de tanto que a gente passou por coisas maravilhosas juntos, foi bem fantástico, totalmente diferente do que eu tinha encontrado no ETECAP, por exemplo, em termos de união. Foram quatro anos inesquecíveis, maravilhosos. Meus pais demoraram quase um ano pra ir na Esalq. Quando fui fazer a matrícula fui sozinho, ninguém foi comigo. Quando eles foram, que eles pisaram no campus, foi um dia que eles... foi uma ocasião especial. Eu falei mãe vem me visitar, eu estou sem grana, não to podendo ir pra Campinas, vem pra cá. Tá bom, a gente vai passar o sábado aí. Nossa, o olho dele(pai) encheu de lágrima, ele olhava aquilo, você estuda aqui? Você entra naquele prédio lá? Eu não estudo naquele prédio, mas eu entro lá, porque é a secretaria acadêmica e eu era do centro acadêmico, vivia naquele prédio. Meu pai mas onde

vocês tem aula? Na hora que eu comecei a andar com eles naquele campus imenso meu pai falava: nossa mas é tudo isso? Isso é uma universidade, eu falei, é por isso eu queria vir pra cá. Aí eles entenderam e aí flexibilizaram, digamos que o negócio fluiu. A minha mãe entendeu, nunca me deu parabéns, mas entenderam, entenderam plenamente. Eu acho que eu percebi isso na formatura, porque foi uma comoção geral e pra minha mãe... fui o primeiro da família a se formar, porque eu me formei primeiro que meu irmão, porque meu irmão, ele entrou no mesmo ano

C - Por causa de algum trabalho?

A - Ele queria fazer algo voltado pra área de artes, cinema, publicidade, propaganda algo voltado pra essa parte. Ele resolveu fazer publicidade e pegou subsídio do governo que eu não lembro o nome. Não sei se era ProUni... na época tinha algum outro nome, mas também foi subsídio, tanto q ele terminou de pagar... crédito educativo... ele terminou de pagar faz um ano e eu já tenho cinco de formado, ele tem quatro. Ele ficou carregando a dívida por um bom tempo, mas pra ele... ele falou que não se arrepende. Mas como o curso dele foi de cinco anos ele se formou depois de mim. Ele pegou algumas dps, então ele se formou em cinco anos e meio, eu acho. Por isso fui realmente o primeiro a me formar da família, mas ele formou bem também, deu tudo certo, tudo tranqüilo.

C – Você se formou...

A - Me formei e aí veio a parte difícil, ter q deixar Piracicaba, largar os amigos. Eu tava muito bem lá, porque quando cheguei no último ano eu consegui uma bolsa, mas era uma bolsa por um outro canal, era Edusp, que era a editora da USP. Eu trabalhava na livraria da Edusp no campus meio período, mas era todo dia. Trabalhava toda tarde, ganhava mais, e de manhã eu trabalhava dentro da biblioteca, no setor de cadastro de livros que era uma outra bolsa, eu poderia ter concomitantemente as duas, não era bolsa trabalho, era QI. Um pouco injusto, porque eu tinha duas, mas eu comecei a ajudar em casa. Eu trabalhava de segunda a sexta num lugar de manhã e a tarde em outro, estudava a noite. Comecei a ficar mais em Pira, voltava pouco pra Campinas, porque eu estudava de final de semana com o pessoal da turma. A gente se reunia sempre que tinha prova, junto... era bem tranqüilo. Aí quando foi pra chegar perto da formatura veio o lance de novo, estágio, emprego, um inferno na minha

mente. No final... eu tive uma pressão por parte de todos os professores do curso e até por parte dos meus amigos.. entrei em depressão, eles não sabiam que estavam me pressionando. Ah! você vai conseguir estagio fácil, já tem experiência em industria de alimentos, você fala inglês fluente,

C - Essa coisa do inglês, como é q foi?

A - Eu aprendi desde pequeno sozinho, sozinho. E eu dava aula particular de inglês durante a faculdade. Pisei numa escola de língua pra dar aula, fui fazer o teste de nivelamento, aí a menina perguntou se eu não queria dar aula no básico. Você faz aula de comunicação e dá aula no básico. Comecei a dar aula pro básico, depois pro intermediário, depois pro avançado. Acabei dando aula de inglês, mas eu aprendi sozinho, nunca tive contato com escola.

C - Como assim, você lia, ouvia?

A - É aquilo que te falei, eu sempre fui apaixonado por música, extremamente apaixonado, e eu lembro que tinha meus oito anos de idade e tocava roxette na radio... eu era apaixonado por essa musica, eu queria entender o que ela dizia, ai meu irmão me comprou uma revistinha de música, mas a letra era em inglês e eu não entendia o que ela dizia. Eu cantava junto, comecei a cantar junto com ela e minha mãe me deu um dicionário pequenininho. Comecei a traduzir palavrinha por palavrinha, e eu enfiei na minha cabeça que eu ia traduzir uma música por dia. Conseguia uma música por semana. Comecei com oito, nove anos e fazia isso como hobbie, porque eu gostava de música. Na faculdade um dia... o pessoal sabia que eu falava um pouco de inglês, entendia alguma coisa, e veio na facul um pessoal que fazia o mesmo curso que eu lá em Boston. Eles viriam visitar e passar uma semana na USP e a professora do curso, que era coordenadora, e como eu era do CA, a gente tinha uma amizadezinha, ela me chamou pra acompanhá-los, porque eu tinha inglês e porque eu era do centro acadêmico. Meu Deus! Eu não sei falar inglês, falava na minha mente. Quando eu me vi com eles eu batia papo, eu dava risada, eu entendi as piadas... eu sei falar inglês. Essa foi a primeira situação que eu me deparei, ou você fala ou você não fala, eufalei. Errei muito, tenho certeza, mas a comunicação foi feita, cumpri a função. Aproveitei, fiquei uma semana com eles, percebi que a minha turma falou nossa ele realmente fala inglês. Poxa, era o máximo.

C – Na escola você também fazia sucesso?

A – Fazia, porque eu sabia, porque eu me dava bem. Quando eu tava no ETECAP era a única matéria que desde o início eu ia muito bem, eu fazia tudo, eu sabia, eu participava de tudo, porque pra mim era fácil. Mesmo o pessoal que vinha de escola particular achava difícil, pra mim era fácil. Mas tem um lado, eu gostava, não aprendi inglês por obrigação, eu queria entender o que a musica falava e acabou virando um hobbie. Nessa época do estágio o inglês, era uma martelada na minha cabeça. Ah! Você fala inglês, você tem experiência na AMBEV na área de alimentos. Eu tinha feito vários estágios na área de alimentos também durante o curso. Fiz na COSAN Açúcar e Álcool, estágio na EMBRAPA lá de Passo Fundo...eu fui fazendo um monte de coisas e todo mundo “ah! você tá dentro”. Olha que legal (riso), mandei quinhentos currículos, que eu tenho a lista até hoje guardada, e não fui chamado pra nenhuma entrevista. Sabe-se lá Deus o que havia de errado comigo ou com o currículo. Mas eu levei (o currículo) pro professor olhar, tava tudo bem. Ia todo mundo sendo chamado e eu, que teoricamente ia ser o primeiro a pegar o estágio, nada. Chegou dezembro, nada. Já tinham ido as grandes seleções...Sadia, Perdigão, Monsanto. Processos bacanérrimos e eu não passei em nenhum. Mas não foi... porque eu... acredito que nada é por acaso e aí eu realmente falei assim: bom agora eu recebi uma proposta da minha orientadora de estágio, uma antiga orientadora, pra eu trabalhar no laboratório que ela tinha. Um laboratório pequeno... pra montar um manual de qualidade do laboratório. O laboratório era novo e não tinha nada disso, e pra ter certificação ISO eles iam precisar. Como era muito metódico sou até hoje..aceitei. Não era o que eu queria, não ganhava muito bem, não era registrado, era em Piracicaba. Fiquei baqueado...essa situação, frustração... muito difícil eu ter que aceitar tudo isso e ter que dizer por meus pais que eu não estava trabalhando nos melhores empregos do Brasil... foi difícil. Eu comecei a ficar tão pra baixo, tão deprimido, que eu não aguentava mais morar em Piracicaba. Todos os meus amigos estavam indo embora e eu comecei a me frustrar, comecei a chorar, comecei a ter depressão mesmo, quase entrei no estagio de depressão e síndrome do pânico. Aí foi onde eu resolvi vir embora (para Campinas, casa dos pais), falei pro meu pai, engoli o orgulho e falei: pai vou voltar pra casa. E ele respondeu: ah! Vem. O que eu vou falar?...e ai quando eu decidi voltar pra casa minha mãe chegou pra mim e falou: tem uma amiga minha, a filha dela trabalha na TEXACO. Você não quer mandar seu currículo? ... TEXACO...é uma vaga para call center... eles não pedem formação específica... qual o salário? ...1200 reais? Para quem estava desempregado em 2005... foi isso. Não era uma vaga efetiva, era uma vaga temporária. Eu falei, beleza,

estava sem dinheiro nenhum, vou pra Campinas ganho dinheiro, começo a mandar currículo pra empresas de alimentos... vou voltar pra área. Só que o lance na TEXACO deu tão certo, tão certo, que em um mês eu fui efetivado. Meu Deus! Tudo dava muito certo, o universo estava conspirando ao meu favor e os currículos... eu continuava enviando. Não era chamado pra nada... eu era chamado e nunca passava... meu Deus do céu, o que acontece... cinco, seis entrevistas em grande empresas... eu fiz na Down Química, não passei. Eu devo ser uma merda, passei na TEXACO... será que na TEXACO não exigia muito? Enfim, meu inglês na TEXACO foi a menina dos olhos, porque ninguém lá de onde eu estava sabia falar inglês a não ser o gerente e eu virei o braço direito dele pra tudo que era relacionado a inglês. Porque era uma multinacional, então tudo era eu que traduzia... fazia, coisa que era pra supervisão passava pra mim que era um pivetinho. Eu tinha seis meses, fui efetivado no call center mesmo, com a vaga de telemarketing, mas eu não atuava no telemarketing. Após seis meses uma das supervisoras ia entrar em licença maternidade, ficar 6 meses fora, praticamente. A minha gerente falou: Eu queria que você fosse cobri-la. Você vai cobrir a licença dela [...].Quando ela voltou e eu iria ter que voltar para minha posição abriu uma vaga na supervisão e eu automaticamente entrei. Quando eu entrei na supervisão, entrei pra trabalhar com satisfação de cliente, aí meu salário duplicou. Não tinha mais esse lance de ficar atendendo no telemarketing, que era estressante. Eu era supervisor, tinha certo status, digamos assim, e também uma estabilidade muito grande, porque todo mundo confiava naquilo que eu fazia e no lance de satisfação de cliente, a última palavra era a minha. Aquilo foi me dando uma satisfação muito grande, porque era aquilo que eu queria, era uma empresa multinacional, um cargo bacana, um aprendizado legal, porque eu tinha muito o que aprender como gestor de pessoas. Enfim, foi uma escola e foi rápido. Eu desisti de mandar currículo, parei de verdade...eu parei de mandar currículo. Quando eu tava desanimando da TEXACO, eu falava: vou voltar a procurar emprego na minha área. Aí algo extremamente bom acontecia, nossa, de verdade. Não sei se é possível, mas não era por acaso, por algum motivo eu tinha que ficar ali e a área de alimentos não era pra mim. Em nenhum momento eu me frustrei por isso, pelo contrario, eu tinha me encontrado. Eu me encontrei muito mais e estou lá ate hoje.Já passei por diversas fases, por diversos departamentos, e hoje sou coordenador. Trabalho com a parte de navegação internacional... da parte de exportação, e o curso ficou pra trás. Mas a vaga exige ensino superior e já é um nível elevado. Eu tenho minha equipe, tenho meus subordinados... eu... é um perfil mais de liderança. Sem o diploma da USP eu não estaria lá, independente do curso eu precisaria de um diploma. E hoje, para que eu consiga subir mais eu faço pós, porque exigem, eu passei na administração de empresas na GV,

termino em dezembro. Porque até o cargo que estou eu posso só com o curso superior, acima dele só com pós, especializações e MBA ou coisas do gênero, então estava na hora. Como eu sou novinho de cargo tenho muito o que aprender...eu... eu vou dar um tempo mesmo. Vou estudar, fazer a pós, depois eu em penso em alguma coisa... ou fora, ou lá mesmo, não sei.

3. Entrevista de pesquisa, 27 de maio de 2009. Bazílio, ex-aluno do cursinho DCE

B – Bom, eu trabalhava de estoquista numa papelaria fazia quatro anos. Eu fiz o colegial de uma maneira... no Carlos Gomes. Colégio bom, só que ...

C - Como você foi parar no Carlos Gomes?

B - Porque minha mãe trabalhava de doméstica no centro, eu morava... sempre morei de aluguel na periferia de Campinas, mas na época de idade escolar até a quinta série eu estudei no Julio de Mesquita, na Vila Maria, na sexta eu passei pro Glicério, na Moraes Sales. Minha mãe trabalhava do lado da escola, num prédio lá. Ela pegou o endereço e conseguiu me matricular... depois eu mudei pro São Gabriel, mas sempre na periferia de Campinas. Aí o que eu fiz... eu ia de ônibus, da sexta a oitava no Glicério, e do primeiro ao terceiro ano no Carlos Gomes. Tudo por causa de endereço de onde minha mãe trabalhava. Sempre de ônibus, logo cedo eu já criei um certo sistema de ônibus, ia sozinho...mas só que mesmo a escola teoricamente sendo boa, não era escola de periferia, isso até falo pros meus alunos aqui também, a escola pública ela... a realidade... como eu estudei muito a noite ela acaba ficando muito a desejar. Eu nunca fui de fazer grandes artes na escola nada, só que eu não sabia porque eu estudava. Na minha vida ninguém nunca estudou. Meu pai ele morreu o ano passado, até então ele não morava com a gente. Ninguém tinha estudado, meu pai chegou a fazer primeiro ano de ciências econômicas em Marília, mas nunca teve cabeça pra vida, tivemos muito pouco contato, não teve nada que me influenciou positivamente, muito pelo contrario. Enterrei meu pai o ano passado. Encontrei ele numa situação lastimável, sozinho, num barraco, três dias que estava morto. Ninguém sabia que estava morto. Meu pai me deu duas coisas muito que eu trago pra mim como exemplo: Não estragar a vida por causa de mulher e nem de bebida. Se

acontecer isso comigo é porque eu sou muito burro, isso ficou muito marcado. E aí o que acontece, na escola eu não sabia porque estudar. Não tinha aquela autonomia de estudar pra aprender algo, não tinha essa visão de vou estudar pra ter um melhor emprego, não tinha esse exemplo. Minha mãe era empregada, não precisou estudar, vivia todo mundo apertado.

C- Por conveniência. Ela tinha noção que era melhor, claro que ela pensou me dar o melhor. Até quando eu entrei na faculdade ela ficou emocionada e tal, mas na minha formatura ela não foi. Arrumou uma viagem pra ir. O que ela teve foi mais informação dos outros. Na quarta série eu repeti, eu fiquei... eu fiquei... meu pai saiu comigo, bateu o carro, abriu meu olho. Na quinta série eu tive uma fase meio louca, morava relativamente perto da escola, mas pegava o ônibus e ia pro bosque matar o tempo, ia pra rodoviária de Valinhos, que tinha tv colorida, pra assistir filme. A professora me segurou, me deu conselho, eu sei que você é inteligente, eu não vou te reprovar. Minha mãe não sabia. Na sexta e sétima sempre levando, na oitava série tive vários amigos da periferia que estudava no centro, mas isso não me influenciou. O problema é que eu não sabia porque eu tinha que estudar. O primeiro ano foi legal, o segundo e terceiro ano do colegial foi horrível. Eu ficava mais no Voga do que na aula, por causa dos meus amigos. Eu bebi muito, depois eu parei, e assim, eu me formei achando que... acabou... trabalhar de dia e tal. Só que eu morava no fundo de uma casa alugada lá na Vila Marieta, onde a dona Jacira, que é uma segunda mãe, minha mãe e mais duas, a dona Palmira patroa dela por muito tempo, por ela ser gordinha, eu era pele e osso, ela vivia mandando farinha lactea, e a dona Jacira. Foi o seguinte, foi em 1995, o ano que foi criado o cursinho DCE, ia ter o vestibulinho... nunca pensei sobre isso, eu não sabia que existia, pra mim era tão longe. Nunca ninguém passou isso, nunca ninguém falou nada, de repente falava pra alguém que... eu nunca tirei nota vermelha, nem nove e dez, sempre sete. Eu falo sempre pros meninos, cuidado com cinco e seis. Na escola pública eles pensam, não podemos reprovar, vou dar cinco pra esse menino Quando tirar cinco fique preocupado. Ela pegou e pagou pra filha que ia pro colégio particular, a Ana Lucia, ela queria fazer odonto, e pagou minha inscrição. Fiz a prova, fui bem na prova, eu acho que eu tenho uma facilidade muito boa pra prestar atenção na aula, eu aprendo rápido, sabe, mas eu

nunca fui de estudar, mas como a prova foi mais conhecimentos gerais eu fui bem. Fui aprovado e peguei 80% da bolsa, eu pagava 22 reais ou alguma coisa assim. Comecei a fazer, fui fazendo, fazendo...

C - Qual foi a sua impressão quando chegou no cursinho?

B - Legal, o pessoal era legal. Gente mais velha junto.

C - Era diferente da escola?

B - Sim, não tinha horário, não era tão rígido, não tinha falta. Só que quando passou uns três meses eu passei a tomar gosto pela coisa comecei a ir bem no simulado.

C - Você achou que era interessante?

B - Eu comecei a ir bem, e aí é que está, tudo aquilo que eu aprendi nos meus onze anos de escola não me serviu de nada, e eu digo q o cursinho...os professores, que fazem como eu tento fazer hoje, fazer os alunos se tornarem interventores da sua realidade, não apenas vivenciar a sua realidade, e tive professores assim, que me fizeram...Elias foi fantástico pra mim, o Marcos de geografia foi fantástico, professores que me fizeram potencializar tudo aquilo que eu estudei nos outros anos. Por causa que se eu tivesse feito outro cursinho particular, de repente eu não teria mudado tanto minha vida como mudou. Eu acho que dali em diante eu comecei ir e estudar pra caramba, fiquei branco, não jogava mais bola mais nada. Era uma vida difícil, trabalhava das seis e meia até as dezoito horas, uma hora só de almoço, entrava no cursinho as sete e saia onze e meia. Pegava o ônibus e ia dormir uma hora. Eu morava em Campinas até o meio do ano, de maio em diante eu morei em Hortolândia... o horário foi bem complicado, mas foi ali que eu comecei a tomar gosto. Fui levando o cursinho, indo. Então, o que eu quero fazer?... eu sempre adorei futebol. Minha vida quando era moleque... eu nunca tive chance, sempre tive q trabalhar muito cedo, mas eu desde cedo jogava futebol de botão, cheguei a ter 97 times de botão. Fazia campeonato brasileiro primeira e segunda divisão sozinho, um time contra o outro, artilheiro, coisa de maluco. Eu sempre gostei muito... eu acho que vou fazer educação física, eu acho que é mais fácil, só que íi eu fiquei na dúvida. Educação física, não tinha a menor ideia do que era, não faço a menor idéia. Acabei prestando educação física na UNICAMP, Biologia na USP, prestei jornalismo na Unesp, pensando em jornalismo esportivo e prestei odonto por causa de uma amiga

minha lá em Alfenas. Fiz a prova em São Paulo, não passei... aí começou a vir as frustrações fiz a prova lá em São Paulo e não passei, fiz a prova da USP, que eu achei até bem fácil e não passei. Cara, aquilo me foi um bac tão grande, sabe? Do tipo que droga, não sirvo pra nada mesmo, vou trabalhar. Eu fiz Unesp e também não passei, aí fiz educação física na UNICAMP e passei na primeira fase. Eu falei opa, fui pra segunda fase. Dei azar q anularam a prova, tive que fazer de novo, duas segunda fases, ninguém merece. Eu brinco que não tinha passado na primeira prova e foi a segunda chance. Eu peguei e fiz a primeira prova, e achei... tinha tanta pouca fé, a autoestima baixa. Tinha tanta certeza que eu não ia passar que fiz a prova do cursinho de novo. Fiquei em segundo 2 lugar na classificação geral do cursinho, fui no primeiro dia de aula, freqüentei três dias de aula. O que estou fazendo aqui? Tinha mudado minha vida, eu sabia que dali em diante...peguei bolsa de novo, quando foi a terceira chamada eu passei. Lá no cursinho eu fiquei sabendo o resultado e eu estando na UNICAMP, eu acho que no primeiro dia na UNICAMP, chegou o telegrama da Unesp dizendo que eu passei. Nossa... aí na UNICAMP... dali em diante foi quando eu mudei a minha vida mesmo, foi outra perspectiva... o professor, o cursinho DCE ele teve uma função, não só na minha vida, mas de todas as pessoas também naqueles primeiros anos de transformar a vida de pessoas que não tinham perspectiva. E acho que se eu for hoje na periferia as pessoas não tem perspectiva. Nas escolas os professores vem trabalhar pegando o resto, a última escola que sobrou, ele vem pra cá, provavelmente ele não é um professor de qualidade ou é de má vontade, acaba ficando pior, sendo que deveria ser o contrário. Na periferia é que deveriam estar os professores que vão fazer as pessoas criarem perspectivas. O cursinho mostrou isso pra mim, ali foi o primeiro passo, o primeiro da mudança na minha vida. Na faculdade foi um choque, eu era o único negro da faculdade inteira. Eu fui o único negro que entrou foi depois de 5 anos, um indiano. Outro tipo de realidade, a maioria ganhou carro quando. Eu pegava carona, se tivesse que pegar ônibus não dava, porque não tinha direito pra Hortolândia como tem hoje, eu tinha que pegar dois. Aí não dava tempo de pegar o último, eu tinha q pegar carona ate perto da Bosch e assim foi, muito difícil. Estava trabalhando, com um mês eu consegui pegar bolsa trabalho e bolsa alimentação. Pedi demissão, perdi todos os meus direitos e fiquei com a bolsa

trabalho. Logo depois entrei numa escola de futebol aqui em Hortolândia como estagiário e comecei a dar aula, sem a menor noção, nem um mês de faculdade e comecei a dar aula ganhando cento e cinquenta reais. Trabalhava com a bolsa na DAC, o pessoal da de lá foi muito legal comigo, porque eu tinha uma flexibilidade de horário e não tinha esse negócio de ter que ficar indo a semana toda. Fiquei até o penúltimo ano do curso com bolsa. No último ano eu não quis pegar, porque se eu fosse lá pedir eu acho que eles ainda davam. Em 2000 eu montei a minha escolinha. A facul teve esses choques aqui, meu olhar crítico melhorou muito. Na facul eu ia treina campo e não tinha campo iluminado, a FEF não tinha computadores bons, a piscina era gelada pra aula do noturno, congelava todo mundo porque não tinha aquecimento, o banheiro fechava as nove sendo que a aula do noturno ia até as dez e meia. Vários problemas, porque o curso noturno não era pra ter existido. Eu entrei no centro acadêmico (CA), fui durante dois anos, no segundo semestre ou terceiro semestre, não estou lembrado direito, mas eu fiquei 2 anos como representante da graduação. Foi um avanço, porque se você ver o espírito que entrei na faculdade, foi muito avanço. Eu briguei muito pela questão de iluminar o campo, aquecer a piscina, o banheiro até as onze, o funcionário ficar lá, foi construído uma sala de informática nova, tudo direitinho. Mas o mais importante foi uma briga nossa muito grande, que foi a questão da licenciatura pro noturno, que antes lá quem estava no diurno tinha direito a fazer os dois e a noite era só bacharelado em esportes porque não haviam condições dos professores darem aula a noite na licenciatura, não queriam dar aula. Nossa briga foi grande e em 2001, 2002, começou a ter licenciatura a noite. Eu fiz depois, em 2003, pedi reingresso, mas foi um direito adquirido pela gente assim. Tudo isso daí foi fruto da época do cursinho. Foi legal. Eu estava conversando com a prefeitura de Sumaré, por causa da escola da minha filha, eu to brigando com o secretário. Inclui o que aconteceu, me formei a Unicamp, foi importante, nessa parte pra mim, a licenciatura foi a cereja do bolo pra mim, eu me formei e vim pra prática, 2000, só que me formei mesmo 2001, aí aconteceu de 2000 até ano do reingresso eu trabalhei, eu fiz poucas disciplinas, eu fiquei 3 anos, mas eu aproveitei muito as disciplinas, elas me fizeram... a licenciatura é diferente, peguei professores ótimos, me fizeram confrontar com a prática,. Se eu tivesse ficado lá direto, como eu

tava lá naquela correria eu não teria aproveitado tanto. Eu acho que o que tive ali na unicamp me transformou. Foi nessa teoria critica emancipatória, nisso que eu acredito e que eu escolhi pra me nortear nas aulas. Nesse sentido eu transfiro isso pra cá, pra molecada. A quadra é de salão, mas o treino é de futebol de campo. O principal aqui é a questão que você vê palavrão, todo mundo é amigo. Aconteceu um fato muito legal e triste, mas eu penso que é por isso que eu dou aula. O pai de um menino aqui tentou se matar, se jogou de uma ponte lá em Campinas, a mãe veio aqui dar a noticia, os pais são separados. O menino tem 14 anos. Eu peguei chamei o menino, chamei ele no cantinho ali, mas você vai aprender uma coisa que é legal ser amigo não só nas coisas boas, mas nas coisas ruins. Eu tenho uma notícia não muito boa pra você, mas

eu via a reação dos meninos foi fantástico, abraçaram ele, choraram com ele, e ninguém foi embora, foram pra casa dele e ficaram lá. Eu fui embora as seis e o pessoal lá com ele e no dia seguinte tinha jogo de um campeonato que a gente estava jogando, foi pro jogo: ele eu to bem, vim ficar com meus amigos. É por essas coisinhas, tem um monte de outras, tem menino que já saiu pra time profissional.

C - Mas como é que funciona a escolinha? É sua?

B – É, é minha. Eu pago alugue do local,. Hoje são quarenta reais a mensalidade, quarenta e cinco no mês que vem. Alguns alunos tem bolsa, é um valor barato até. A gente trabalha dessa maneira, 2 treinos semanais, uma hora e meia cada treino, mas trabalha só aqui e eu tenho um *site*, trabalho com *site*. Eu trabalhei até na Portuguesa, estou tendo vários trabalhinhos com a Portuguesa e com o São Paulo, que é o que eu quero. Só que eu não posso ir porque não recebe no começo e eu preciso ganhar grana, porque eu tenho que manter minha família. Tem um monte de coisa que sou eu que mantenho ainda, então, até pra eu poder ir e ter esses seis meses ou um ano sem ganhar dinheiro, pra entrar nesse mercado eu preciso ter respaldo. E isso eu não tenho ainda, isso que me impede de ir atrás.

C - Você já deu aula em escola publica?

B - Não quero. Acho que eu seria um ótimo professor de escola pública, mas eu não quero porque eu acho que eu vou me afastar cada vez mais do meu objetivo. Eu não

entrei na educação física pra dar aula de educação física, eu entrei pra ir pro futebol, é o meu objetivo. Só que eu descobri na UNICAMP que eu posso com o futebol transformar a vida das pessoas, não necessariamente na escola. Não digo que dessa água beberei, pode ser que um dia eu venha dar aula, só que não é esse meu objetivo.[...] Uma coisa legal foi que a primeira pessoa de toda o nosso ambiente familiar que se formou fui eu, meu e dela (esposa). Que se formou, que entrou numa faculdade. Aí de lá pra cá na minha família minha irmã, agora meus primos, tenho dois primos que estão na faculdade. Na família da minha esposa, ela entrou na faculdade, na USP, e as duas irmãs dela também. Aa gente acabou vendo que tem a possibilidade de pensar algo mais da escola, e vejo que na vida de nós três o que influenciou mais foi o cursinho. A escola não potencializou aquilo que a gente poderia aprender, é uma critica que eu tenho muito grande da escola. Eu ia te falar que agora as coisas estão melhorando, eu consegui comprar uma casa financiada lá no Vila Flora em Sumaré, e a gente ta com a escolinha aqui. Minha esposa entrou agora no concurso da prefeitura de Campinas, entrou como agente escolar.